

Situações- limites, inéditos viáveis e os currículos praticados no cárcere

Um estudo na Educação
de Pessoas Jovens,
Adultas e Idosas

Cristiane Carmo dos Santos





UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO



CRISTIANE CARMO DOS SANTOS

SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS
E OS CURRÍCULOS PRATICADOS NO CÁRCERE:
um estudo na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

VITÓRIA DA CONQUISTA
2023

CRISTIANE CARMO DOS SANTOS

**SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS
E OS CURRÍCULOS PRATICADOS NO CÁRCERE:
um estudo na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas**

Texto de Dissertação (em formato multipaper), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de Pesquisa 2: Ensino, políticas e práticas educativas.

Orientador: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos

VITÓRIA DA CONQUISTA
2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS E OS CURRÍCULOS PRATICADOS
NO CÁRCERE: um estudo na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas**

Autora: Cristiane Carmo dos Santos

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos (UESB),
Orientador.

Prof.^a Dr.^a Josimara Santos Miranda
(CEPGFM – Salvador-Bahia), examinadora
externa.

Prof.^a Dr.^a Sandra Márcia Campos Pereira
(UESB), examinadora interna.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Situações-limites, inéditos viáveis e os currículos praticados no cárcere: um estudo na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Autora: Cristiane Carmo dos Santos

Orientador: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Cristiane Carmo dos Santos e aprovada pela Comissão Avaliadora.

Data: 16/03/2023

COMISSÃO AVALIADORA



Prof. Dra. Sandra Márcia Campos Pereira (UESB)



Prof. Dra. Josimara Santos Miranda (CEPGFM-Salvador)



Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos (Orientador – UESB)

S234s

Santos, Cristiane Carmo dos.

Situações-limites, inéditos viáveis e os currículos praticados no cárcere:
um estudo na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. / Cristiane Carmo dos
Santos, 2023.

162. il.

Orientador (a): Dr. José Jackson Reis dos Santos
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2023.
Inclui referência F. 115 - 118.

1. Currículos *praticados* e *pendentes*. 2. Educação de pessoas Jovens, Adultas e
Idosas. 3. Educação em contexto de privação de liberdade. 4. Educação
libertadora. I.Santos, José Jackson Reis dos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino- PPGEn.

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Dedico este trabalho a Dona Zizi, minha “mainha” (*in memoriam*) que, com sua doçura, escondeu de mim os amargores da vida e me ensinou a sonhar.

Uma carta ao Criador

Querido Deus, hoje preferi escrever-Te. O Senhor bem sabe o quanto de tempo gastei a pedir e, até mesmo, a lamentar-me de coisas que não tinha. Ao passo que fui crescendo, compreendi que o Senhor concebe exatamente o que eu preciso e no tempo certo. Então, venho buscando diminuir a frequência em Te clamar, parei de reclamar... Assim, por tudo e todos que o Senhor, bondosamente, tem me dado é que, hoje, venho, aqui, Te agradecer:

Por **Teu zelo** em colocar-me no ventre de uma mulher maravilhosa, **minha mainha**, Zildabete Carmo dos Santos (Dona Zizi – *in memoriam*), a qual, desde sempre e de forma amável, incutiu em mim o desejo e o apreço pela educação, tendo sido ela a minha primeira e grande mestra! Ela, tua filha fiel, me inscreveu no vestibular da Uesb sem que, ao menos, eu soubesse. Cuidou de minhas filhas durante o dia para que eu trabalhasse e, à noite, para que eu estudasse. Foi o esteio que o Senhor me provera aqui na Terra. Lembro-me dos seus mimos, dos inúmeros cafezinhos que trazia em minhas mãos nas muitas noites em que eu precisei passar debruçada sobre os textos durante o período da Graduação: “Mainha, meu amor infinito é teu! Como queria presenciar o brilho em teus olhos ao me ver caminhado para tornar-me mestra!”. Por ter me concedido o privilégio de viver tantos anos com este anjo, oh Deus, meu muito obrigada!

Obrigada Pai Eterno, por ter me dado um pai terreno, **meu pai** Adelino Machado dos Santos, que, com seu esforço e trabalho árduo, me permitiu crescer, estudar. Pelo bom amigo que se tornou: “Te amo, Pai!”.

Senhor Deus, das inúmeras dádivas que me concedeste, tornar-me mãe das **minhas filhas amadas**, Sarah e Raquel, é a maior delas. Essas duas grandes mulheres (minhas meninas), parceiras, amigas, incentivadoras, leitoras críticas, que compreenderam minhas ausências, angústias e continuaram a me incentivar e a crer em mim, fazem a existência valer a pena: “Desejo sempre ser melhor porque tenho vocês!”.

Não poderia esquecer, ó Pai, da minha **netinha** Eva, que, com sua leveza, adocica meus momentos de pânico e estresse, me conduzindo a um mundo de fantasia, esperança e sonho: Meu amor incondicional!

Senhor, a lista de reconhecimento e gratidão se estende e, por lapso de memória, temo não citar alguém. Mas, agradeço, indubitavelmente:

A **minha irmã** Pretta Fiore, parceira de todas as horas, amiga inseparável, melhor parte de mim, que, mesmo distante geograficamente, foi escuta sensível e companheira fiel. “Te amo, sempre!” e seu esposo, **meu cunhado**, Antonio Fiore, pela sinceridade extrema (rs), confiança

em mim e pela paciência e ajuda com meus gráficos.

Mio fidanzato, pela compreensão em minhas inúmeras ausências, pela paciência, por estar ao meu lado, mesmo com o oceano a nos separar. Por me apoiar mesmo distante, por me incentivar, pela ajuda, pelo amor e carinho que tem me dedicado. “Ti voglio bene!”.

A **Rose**: “Rose, qual palavra posso usar para expressar a minha gratidão por ti? Digo sempre que, por teres nascido no mesmo dia em que eu, tu és o meu melhor presente! Mais que uma prima, você é uma irmã, uma amiga, conselheira, professora desde as primeiras lições com a bicicleta. Lembras? Minhas histórias estão permeadas de ti! Foste tu a falar pela primeira vez, na ocasião do teu mestrado, sobre um professor estudioso da EPJAI, temática que me interessava. Recordo-me bem que disseste que ele era um “doce de pessoa” e me encaminhou sua tese de doutoramento. Desde então, me incentiva, me apoia, me critica, me acolhe. Esse texto de gratidão a ti está guardado, engavetado por todos esses anos, nos quais, incansavelmente, tens me apoiado. Te amo, minha prima! Que o universo te faça sempre e cada vez mais feliz!”.

Ao **Programa de Pós-graduação em Ensino** (Mestrado e Doutorado Acadêmico em Ensino) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela oportunidade, apoio e prontidão.

A meu orientador, **Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos**, por todo o carinho e afeto e que, com seu olhar sensível, me viu e acreditou em mim, quando eu mesma já não acreditava. Esteve sempre disponível a me apoiar com a palavra certa, na hora certa. Por me fazer sentir especial, por transcender as dimensões da docência de forma impecável, ética, compromissada, rigorosa e, sobretudo, amorosa. Pela sua criatividade e inventividade. Por tocar-nos com sua doçura e luz! “Peço ao Universo que te recubra de bênçãos infinitas. Mil palavras de gratidão não seriam suficientes para expressar tudo o que representas para mim. Felicidades, luz e muitas realizações, fazendo aquilo que sabes tão bem: ser educador! Reconhecimento e sucesso em todos os âmbitos de tua vida!”.

Às integrantes da banca examinadora: **Profa. Dra. Sandra Márcia Campos Pereira** (Uesb), que, com sua voz calma e argumentos fortes, me levou a refletir criticamente sobre várias questões políticas e sociais; **Prof^a Dr^a Josimara Santos Miranda**, pela disponibilidade e amabilidade com que aceitou ler e contribuir com a pesquisa, tornando-a mais rica.

A todos os colegas do **Grupo Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas**. Aos já mestres: Paula, Andiará, Danilo, Débora, pelo acolhimento, apoio e partilha de saberes tão fundamentais para esta construção. Aos demais que continuam comigo a trilhar esses caminhos: Tânia, Manuel, Séfora e Sidney: “Minha infinita gratidão. Vocês são presentes que o Mestrado me deu e que guardarei, como joias raras, por

toda a vida!”

À fotógrafa **Najara Pessoa**, que, por meio da sensibilidade da sua lente e com seu olhar sensível, capturou, lindamente, um de nossos encontros. Minha imensa gratidão!

Aos estudantes **partícipes da pesquisa**, os quais colaboraram de forma decisiva para que este trabalho acontecesse, fazendo de cada Círculo de Cultura momentos de integração e reflexão: “Desejo, a todos vocês, saúde, paz e um (re)torno seguro à sociedade. O meu muito obrigada!”.

À **instituição de ensino**, direção e todos os colegas que abraçaram a proposta com compreensão e incentivo.

A todos os **colaborados do Conjunto Penal** (direção, pedagogos, agentes): “Muito obrigada pela disponibilidade e auxílio no decorrer da pesquisa!”.

Aos **meus anjinhos de quatro patas**, Pepe, Zeus, Aparecido e Gatinha, hoje no céu estrelinhas, pelo amor que tão doce via em seus olhos.

E, finalmente, agradeço a Ti, Senhor **Deus**, criador do Universo, por teres posto todos esses anjos na minha vida e que, com tanta generosidade, cuidam de mim!

Folha seca
Hoje sou folha seca.
Mas, já fui folha verde cheia de vida...
Vivia em uma árvore forte
Uma tempestade me derrubou no chão
Virei folha seca sem valor...
Mas ainda sirvo para adubar a terra
Para que outras folhas verdes brotem com mais vigor
E não sejam folha sem valor igual a mim.
(Estudante da escola Cactácea, instituição situada no cárcere, 2022)

CARMO DOS SANTOS, Cristiane. **Situações-limites, inéditos viáveis e os currículos praticados no cárcere**: um estudo na educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Programa de Pós-graduação em Ensino. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2023. 160p. Orientação: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos.

RESUMO

A presente dissertação situa-se na interface Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) e o contexto da educação em espaço de privação de liberdade. No âmbito do desenvolvimento da pesquisa, a questão e o objetivo gerais estão assim construídos: a) Questão central: Quais situações-limites e inéditos viáveis estão presentes no processo de desenvolvimento de práticas curriculares em contexto de privação de liberdade?; b) Objetivo geral: Analisar situações-limites e inéditos viáveis presentes no processo de desenvolvimento de práticas curriculares em contexto de privação de liberdade. Organizada em formato *multipaper*, a dissertação apresenta uma Introdução e três textos com metodologias próprias e objetivos específicos. Na Introdução, expõe-se, de forma geral, a proposta do texto dissertativo, destacando-se a problemática geral da pesquisa, assim como as principais motivações para realizá-la. O primeiro artigo “O estado da questão sobre educação de pessoas jovens, adultas e idosas em contexto de privação de liberdade: análise de produções científicas”, objetivou analisar a seguinte questão específica: Quais inéditos viáveis e situações-limites encontram-se presentes em produções científicas da EPJAI em contexto de privação de liberdade? O segundo artigo “Memórias e fragmentos de si: origem e construção do objeto de pesquisa”, descreve e compreende o percurso de formação e experiencial de uma professora da educação básica no contexto da EPJAI no cárcere. O terceiro artigo “Situações-limites, inéditos viáveis e os currículos *pensadospraticados*: experiências de círculos de cultura no cárcere”, busca compreender a seguinte questão específica: Quais são as situações-limites e inéditos viáveis, no campo do currículo *pensadopracicado* por uma docente e estudantes-internos da EPJAI em contexto de privação de liberdade? Em âmbito geral, a dissertação situa-se na abordagem qualitativa, perpassando diferentes caminhos metodológicos, entre eles: estado da questão, pesquisa (auto)biográfica e, ainda, uma inspiração etnográfica e colaborativa, esta última mais diretamente no terceiro artigo. No âmbito deste último texto, a pesquisa foi desenvolvida na cela de aula no cárcere, situada em um município baiano, envolvendo quinze (15) estudantes-internos. Os resultados e conclusões indicam que o processo de planejamento, desenvolvimento e vivência de currículos no cárcere exige lidar, cotidianamente, com situações-limites em torno da relação tensa e conflituosa entre a perspectiva educacional e a dinâmica do sistema prisional, no sentido de construir inéditos viáveis, a exemplo de currículos *pensadospraticados*. As situações vividas em uma cela de aula no contexto de privação de liberdade exigem, sem dúvida, reconstruir currículos cotidianamente, buscando ampliar os olhares para o desenvolvimento de uma educação libertadora, articulada aos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Currículos *praticadospensados*. Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Educação em contexto de privação de liberdade. Educação libertadora. Inéditos viáveis. Situações-limites.

CARMO DOS SANTOS, Cristiane. **Boundary situations, feasible novelties and the curricula practiced in prison: a study in the education of young, adult and elderly people.** Graduate Program in Teaching. State University of Southwest Bahia, 2023. 160 p. Orientation: Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos.

ABSTRACT

This dissertation is situated in the interface of Education of Young, Adult, and Elderly People (EYAD) and the context of education in a space of deprivation of freedom. In the scope of the research development, the general question and objective are built as follows: a) Central question: Which limit-situations and feasible novelties are present in the process of development of curricular practices in the context of deprivation of freedom? b) General objective: To analyze limit situations and feasible novelties present in the process of development of curricular practices in the context of deprivation of freedom. Organized in a multi-paper format, the dissertation presents an Introduction and three texts with their methodologies and specific objectives. In the Introduction, it exposes, in a general way, the proposal of the dissertation text, highlighting the general problems of the research, as well as the main motivations to carry it out. The first article "The state of the question about education for young, adult and elderly people in the context of deprivation of freedom: analysis of scientific productions", aimed to analyze the following specific question: Which limiting and unpublished viable situations are present in scientific productions in the context of deprivation of liberty? The second article "Memories and fragments of self: origin and construction of the research object", describes and understands the training and experiential journey of a basic education teacher in the context of EYFS in prison. The third article "Boundary-situations, feasible novelties, and the curricula thought-practiced: experiences of culture circles in prison", seeks to understand the following specific question: What are the boundary-situations and feasible novelties, in the field of the curriculum thought-practiced, by a teacher and students-intern of EYAD in context of deprivation of freedom? In general, the dissertation is situated in the qualitative approach, going through different methodological paths, among them: state of the question, (auto)biographical research, and, also, an ethnographic and collaborative inspiration, the latter more directly in the third final article. In the scope of this last text, the research was developed in the classroom of an educator working in a prison, located in the municipality of Bahia, involving fifteen (15) students-intern. The results and conclusions indicate that the process of planning, development, and experience of curricula in prison requires dealing, daily, with limiting situations around the tense and conflicting relationship between the educational perspective and the dynamics of the prison system, to build viable novelties, such as curricula thought-practiced. The situations experienced in a classroom cell in the context of deprivation of liberty require, without a doubt, rebuilding curricula daily, seeking to broaden the viewpoints for the development of a liberating education articulated to Human Rights.

Keywords: Curricula practiced thought. Education of young, adult, and elderly people. Education in the context of deprivation of freedom. Liberating education. Viable novelties. Boundary situations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Introdução

Quadro 1: Organização da dissertação	30
---	----

Artigo 1

Quadro 1 - Critérios para inclusão e exclusão de documentos	42
Quadro 2 - Materiais selecionados conforme critérios utilizados	42
Quadro 3 - Instituições de Ensino Superior, siglas e quantitativo de publicações sobre a EPJAI no cárcere	44
Quadro 4 - Localização geográfica das publicações	45
Quadro 5 - Título, centralidades e autoria dos 18 trabalhos.....	46
Tabela 1 - Principais temáticas abordadas.....	47
Figura 1 - <i>Print</i> da tela do explorador de palavras MAXQDA	48

Artigo 2

Quadro 1: Organização de informações para fins de análise	64
--	----

Artigo 3

Gráfico 1: Idade dos colaboradores da pesquisa	87
Gráfico 2: Autodeclaração dos colaboradores da pesquisa	87
Gráfico 3: Nível de escolaridade de pais e mães dos colaboradores da pesquisa	88
Foto 1: Círculo de Cultura 1: Centenário de Paulo Freire: Educação e liberdade	92
Figura 1: Cartão comemorativo - Centenário Paulo Freire	94
Figura 2: Convite.....	96
Figura 3: Passageiros a bordo no barco.....	102
Figura 4: Exemplo de uma carta	106
Quadro 1: Organização e interpretação das informações.....	107
Imagem 1: Base interna: Primeiro quadrante antes da cela de aula	108
Imagem 2: Monitoramento interno.....	110
Imagem 3: Cristiane do Carmo Santos no contexto da cela de aula.....	111
Imagem 4: Escrita de estudantes da turma cactácea.	112

Considerações Finais em Tom de Continuidade

Imagem 1: O Percurso - Final da jornada de trabalho 120

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

Introdução

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABSP	Anuário Brasileiro de Segurança Pública
CEB	Câmera de Educação Básica
CEE	Conselho Estadual de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
EPJAI	Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
UNODC	Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

Artigo 1

AC	Análise de conteúdo
ART	Artigo
Asces	Adoção Jurídica de Cidadãos Presos
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
Depen	Departamento Penitenciário Nacional
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENS	Ensaio
Epjai	Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas
EQ	Estado da Questão
IES	Instituições Superiores de Ensino
LEP	Lei de Execução Penal
PEEP	Plano Estadual de Educação nas Prisões
Reveduc	Revista Eletrônica de Educação
REX	Relato de experiência
Sisdepen	Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Uesb	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEl	Universidade Federal de Pelotas
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifal	Universidade Federal de Alfenas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo - Centro Universitário
Unisan	University of South Africa
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Artigo 2

ABA – BO	<i>Accademia di Belle Arti di Bologna</i>
CJA	Coordenação de Educação de Jovens e Adultos
CPA	Comissões Permanentes de Avaliação
Direm	Diretoria de Educação e suas Modalidades
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPJAI	Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NTE	Núcleo Territorial de Educação
PPGen	Programa de Pós-graduação em Ensino
Smed	Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista
Suped	Superintendência de Políticas para Educação Básica
UC	Unidades Certificadoras

UESB Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Artigo 3

Art. Artigo
Case Comunidade de Atendimento Socioeducativo
CBO Classificação Brasileira de Ocupações
CEB Câmara de Educação Básica
CEE Conselho Estadual de Educação
CNE Conselho Nacional de Educação
CRFB Constituição da República Federativa do Brasil
EPJAI Educação para Pessoas Jovens, Adultos e Idosos
LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação
M1 a M15 Mandacarus 1 a 15
OMS Organização Mundial da Saúde
RN Rio Grande do Norte
SEAP Administração Penitenciária e Ressocialização



SU- MÁ- RIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
Motivações de natureza pessoal e profissional: encontro com a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) no cárcere	23
Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas no cárcere: situando a temática.....	25
Base teórica da pesquisa: situando postulados basilares para análise dos dados	27
Estrutura da dissertação	29
Referências	31
ARTIGO 1	
SITUAÇÕES-LIMITES E INÉDITOS VIÁVEIS EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: o estado da questão.....	
Resumo	36
Abstract.....	36
Resumen	37
1. Introdução.....	37
2. Metodologia.....	40
3. Resultados iniciais: explorando o material.....	41
4. Outros resultados e reflexões sobre os trabalhos.....	44
5. Situações-limites e inéditos viáveis no cárcere: algumas inferências e interpretações	47
6. Considerações finais	52
Referências	53
ARTIGO 2	
MEMÓRIAS E FRAGMENTOS DE SI: o percurso de formação experiencial e profissional de uma professora da educação básica no contexto da EPJAI no cárcere.....	
<i>MEMORIES AND FRAGMENTS OF SELF: the path of experiential and professional training of a Basic Education teacher in the context of EPJAI in prison</i>	59
RESUMO.....	59
ABSTRACT	59
RESUMEN	60
Introdução.....	60
Percurso metodológico	61

Experiência familiar: primeiras lições	65
Aproximações e encontro com a EPJAI: construção de caminhos na discência-docência e percurso acadêmico.....	67
Vivências na profissão docente	70
Fluxos de vida-formação em caminhos inconclusivos	75
Referências	76

ARTIGO 3

SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS E OS CURRÍCULOS

PENSADOSPRATICADOS: experiências de círculos de cultura no cárcere	81
RESUMO.....	81
ABSTRACT	81
Entre grades e concreto, descobrindo caminhos.....	82
Situando brevemente o contexto da pesquisa	85
Entre grades, muros e espinhos: os Mandacarus, colaboradores da pesquisa	86
Marchando entre grades, muros e vigilâncias: o percurso metodológico.....	89
Círculos de cultura e seus processos de construção e desenvolvimento	90
Círculo de Cultura 1: Centenário de Paulo Freire: Educação e liberdade	92
Cartas dos Mandacarus	93
Círculo de Cultura 2: Medo e solidão: Ciência – uma luz na escuridão	94
Círculo de Cultura 3: Imagens e palavras com esperança	96
Círculo de Cultura 4: O naufrágio: discutindo preconceitos	100
Círculo de Cultura 5. Castelando e pegando a visão	103
Círculo de Cultura 6: Conversando com a criança que fui um dia – conselhos para mim.....	105
Entre lentes e grades: os sujeitos, suas situações-limites e inéditos viáveis em construção.....	111
Referências	116

CONSIDERAÇÕES FINAIS EM TOM DE CONTINUIDADE.....	120
--	-----

APÊNDICES	124
-----------------	-----

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista biográfica.....	125
--	-----

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista	126
--	-----

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado aos	
---	--

colaboradores da pesquisa	128
APÊNDICE D - Palavras e expressões utilizadas no cárcere.....	132
ANEXOS	138
ANEXO A - Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	139
ANEXO B - Circulo de Cultura	141
Canção impressa.....	141
ANEXO C - Carta felicitações a Paulo Freire 01	142
ANEXO D - Carta felicitações a Paulo Freire 02.....	143
ANEXO E - Carta felicitações a Paulo Freire 03	144
ANEXO F - Carta felicitações a Paulo Freire 04	145
ANEXO G - Carta felicitações a Paulo Freire 05.....	146
ANEXO H - Carta felicitações a Paulo Freire 06.....	147
ANEXO I - Carta felicitações a Paulo Freire 07	148
ANEXO J - Carta felicitações a Paulo Freire 08	149
ANEXO K - Carta fictícia a Paulo Freire 09.....	150
ANEXO L - Conselhos para mim 01.....	151
ANEXO M - Conselhos para mim 02	152
ANEXO N - Conselhos para mim 03	153
ANEXO O - Conselhos para mim 04	154
ANEXO P - Conselhos para mim 05.....	155
ANEXO Q - Texto da epígrafe.....	156
ANEXO R - O Bilhete.....	157
ANEXO S - Relato da fotografa.....	158
ANEXO T - Autorização para pesquisa	161

Imagens e palavras com esp...

AVISO
NÃO HÁ PREVISÃO DE
REALIZAÇÃO DAS
PROVAS DE
PROFICIEŒNDO
ENSINA

INTRO- DUÇÃO



INTRODUÇÃO

Além desse portão, havia o mundo luminoso da liberdade. E, de dentro, aquele mundo nos parecia como um conto de fadas, como uma miragem. O nosso mundo nada tinha de análogo com esse outro: eram leis, costumes, hábitos característicos, uma casa morta-viva, uma vida à parte de homens à parte (DOSTOIEVSKI, 1861, p.10).

Por trás dos muros do cárcere, existe outro “mundo”, um mundo onde as relações são moldadas de acordo com as tensas relações entre violência-repressão e medo-opressão. Tais condições bastariam para tornar singular a educação nesse ambiente. A educação no espaço prisional, segundo Julião (2012), é uma das ações fundamentais no âmbito das políticas públicas de execução penal, uma vez que privilegia o humano, construindo possibilidades de (re)integração à sociedade.

Na Introdução desta dissertação, apresentamos, em um primeiro momento, a aproximação da autora com a temática geral da pesquisa. Na sequência, abordamos a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas no cárcere, situando reflexões com base em orientações normativas e dados estatísticos. No terceiro momento, socializamos conceitos, categorias e postulados basilares para análise dos dados, evidenciando a base teórica mobilizada nos artigos apresentados após a presente Introdução. Além da base conceitual apresentada na Introdução, há outras referências mobilizadas no corpo de cada artigo. Por fim, apresentamos a estrutura geral da pesquisa, sistematizada em formato multipaper (conjunto de artigos científicos).

Motivações de natureza pessoal e profissional: encontro com a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) no cárcere

As inquietações que deram origem à pesquisa são resultantes das experiências na condição de egressa da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), uma vez que, como a maior parte dessas pessoas, tive¹ meu percurso de vida-formação interrompido por questões familiares e econômicas. Por meio da EPJAI, ingressei na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no curso de licenciatura em Geografia, campo do conhecimento que me abriu portas para possibilidades antes inimagináveis, como a aprovação no concurso para docente na Secretaria da Educação do Estado da Bahia em 2010.

¹ Neste momento do texto, usamos o verbo na primeira pessoa do singular para identificar a experiência pessoal da professora mestranda, autora desta dissertação.

Os caminhos da docência me levavam, sucessivamente, para a EPJAI, tanto em escolas localizadas em bairros periféricos da cidade, quanto em escolas situadas no campo. Em 2017, assumi uma sala de aula em uma escola estadual em contexto prisional, experiência profissional mais marcante até então. As celas de aula, como a chamamos, estão inseridas em uma unidade de segurança máxima.

Essa experiência na condição de docente em uma escola no espaço prisional, há mais de seis anos, possibilitou-me compreender as possibilidades e impossibilidades na construção e desenvolvimento de currículo(s) *pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2016) com pessoas apenadas, evidenciando a consciência do meu inacabamento, cujas aulas, subitamente, eu precisava mudar a ênfase do planejado para discutir questões urgentes com aqueles sujeitos, tornando a “dialogicidade” (FREIRE, 1987) princípio constante na prática pedagógica. Nesse sentido, na medida em que ensinava, também aprendia. Aprendia a “boniteza” de ser gente, conforme afirma Freire (1996), buscando contribuir com a ressignificação de “situações-limites” (FREIRE, 1987) e rompendo com o processo de desumanização descrito em narrativas de muitos internos no cárcere, sobretudo ao narrarem memórias da infância, juventude, adultez e, em alguns casos, velhice.

Considerando, assim, essas realidades educacionais, são nossas as questões e os objetivos de pesquisa:

Questões: a) Geral: Quais situações-limites e inéditos viáveis estão presentes no processo de desenvolvimento de práticas curriculares em contexto de privação de liberdade? b) Específicas: b1) Quais situações-limites estão presentes no processo de configuração de práticas curriculares no cárcere? b2) Quais práticas curriculares são potencializadoras de inéditos viáveis em contexto de privação de liberdade?

Objetivos: a) Geral: Analisar situações-limites e inéditos viáveis presentes no processo de desenvolvimento de práticas curriculares em contexto de privação de liberdade; b) Específicos: b1) Compreender as situações-limites no processo de planejamento e desenvolvimento de práticas curriculares no cárcere; b2) Identificar e compreender os principais elementos que caracterizam práticas curriculares numa perspectiva de potencialização de inéditos viáveis em contexto de privação de liberdade.

Visando alcançar os objetivos citados, os textos que compõem este trabalho dissertativo apresentam processos metodológicos distintos e coerentes com os específicos de cada texto. No primeiro, há um estudo de natureza documental-bibliográfica; no segundo, uma pesquisa (auto)biográfica e, no terceiro, uma abordagem colaborativa com um grupo de 15 (quinze) estudantes internos do sistema prisional e uma docente da educação básica atuando nessa

realidade educacional, denominada Cristiane (nome definido para manter o seu anonimato).

No contexto da pesquisa empírica, cenário do terceiro artigo, os estudantes são homens, predominantemente negros com históricos escolares interrompidos; pessoas na faixa etária de 22 a 57 anos, as quais, no momento do ingresso no sistema prisional, não possuíam o ensino fundamental completo. A escola nesse espaço oferecera, até o segundo semestre letivo do ano de 2022, o curso Tempo de Aprender I e II. O curso total compõe-se de dois segmentos distribuídos ao longo de quatro anos: Tempo de Aprender I (equivale ao 2º segmento da Educação Fundamental) e Tempo de Aprender II (equivale ao Ensino Médio).

Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas no cárcere: situando a temática

A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) situa-se como um lugar de disputa, negação ou afirmação de direitos, carregando consigo a marca da diversidade, das lutas por espaço nas políticas públicas, uma vez que o Código Penal brasileiro, em seu artigo 27, determina que “[...] os menores de 18 (dezoito) anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial” (BRASIL, 2017). A educação formal realizada em escolas prisionais brasileiras é, fundamentalmente, a EPJAI, a qual é permeada de especificidades e singularidades que a caracterizam.

Historicamente, essa modalidade educativa foi negligenciada pelas políticas públicas, apesar dos avanços nos marcos legais. Arroyo (2021) alerta sobre a persistência das hierarquias de classe, gênero e etnia tão perceptíveis nessa modalidade. E, assim, o percurso da EPJAI se confunde com a história de milhões de brasileiros, social e economicamente desfavorecidos, sendo eles, em sua maioria, negros, pobres e com baixa escolaridade.

Com efeito, a educação em espaços prisionais para pessoas privadas de liberdade tem provocado discussões e pesquisas pautadas em uma vasta documentação sobre a educação como prerrogativa da legislação, tanto nacional, quanto estadual, tais como: Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, que institui a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984), na qual o Art. 10 determina, como dever do Estado, a assistência ao preso e ao internado, na prevenção do crime, orientando o retorno e a convivência em sociedade; Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), de 1988 (BRASIL, 1988), a qual garante, a todos os cidadãos brasileiros e estrangeiros residentes no país, igualdade perante a lei sem preconceitos ou discriminação de qualquer tipo e inviolabilidade do direito à vida e à educação; Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), Lei nº 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996), garantindo, no Art. 5º, o acesso ao ensino fundamental como direito público

subjetivo a todos os grupos de cidadão sem distinção; Resolução nº 2, de 19 de maio de 2010, que “dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais” (BRASIL, 2010a, s.p.); (BRASIL, 2010b); Lei nº 12.433, de 2011, “[...] que altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho” (BRASIL, 2011, s.p.); Resolução nº 43, do Conselho Estadual de Educação (CEE), de 14 de julho de 2014, que “[...] dispõe sobre a oferta, pelo Sistema Estadual de Ensino, da Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, para pessoas em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais do Estado da Bahia” (BAHIA, 2014, s.p.); Lei nº 13.559, de 11 de maio de 2016, que “[...] aprova o Plano Estadual de Educação da Bahia e dá outras providências” (BAHIA, 2016, s.p.).

No âmbito da legislação internacional intitulada “Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos”, também conhecida como Regras de Nelson Mandela, há argumentos normativos que afirmam: “[...] tanto quanto for possível, a educação dos reclusos deve estar integrada no sistema educacional do país, para que depois da sua libertação possam continuar, sem dificuldades, os seus estudos” (UNODC, 2015, p. 33). Assim, a educação em espaço prisional é uma garantia legal e um direito a ser mantido.

De acordo com Julião (2016), a legislação nacional que normatiza a educação em espaços de restrição e privação de liberdade é referência no âmbito da América Latina. No entanto, no tocante à efetivação, tal legislação encontra-se na esfera do elementar e do precário. Essa contradição entre o estabelecido e o aplicado reflete a desigualdade econômica no Brasil cristalizada no sistema educacional, o que dificulta o acesso à escola pública e a permanência nela, bem como a formação profissional para parte das pessoas de baixa renda, vulnerabilizando, assim, grande parcela da população.

Esses indivíduos subalternizados, excluídos, sem o amparo escolar, sem a formação profissional, são, sem dúvida, mais suscetíveis à violência e a outros processos de exclusão social. O panorama carcerário brasileiro evidencia, em índices, esta realidade e representa o seu reflexo.

Conforme levantamento do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), uma agência da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2018, cerca de 11,7 milhões de pessoas foram detidas em prisões em todo o mundo, população comparável com a de países como Bolívia, Bélgica ou Tunísia. Nos últimos 20 anos, a população carcerária teve um aumento de mais de 25%, cuja maioria (93%) é formada por homens. A pesquisa ainda aponta uma taxa média de 145 prisioneiros a cada 100.000 pessoas no mundo (UNODC, 2021;

WPB, 2022).

Considerando que a “[...] prisão está cada vez mais sendo destinada a pessoas de extratos sociais historicamente mais vulneráveis e cuja Educação foi negligenciada pelas instâncias tradicionais de socialização” (LOURENÇO; ONOFRE, 2012, p. 103), pesquisar os caminhos dessas pessoas pode contribuir, na melhor compreensão social, sobremaneira excludente, na busca de estratégias mais humanas para a (re)inserção desses sujeitos na sociedade.

No Brasil, em 2011, a população brasileira era de 192.379.287 habitantes e, em 2021, aumentou para 215.052,484 habitantes, um crescimento médio de 1,9 % ao ano. Nesse mesmo período, a população carcerária de 514.582 presos cresceu para 833.170 presos, o que corresponde a uma elevação de 6,1% ao ano no número de encarceramento (IBGE, 2011, 2021).

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (ABSP), no ano 2021, o Brasil apresentou crescimento de 7,3% na taxa da população prisional, o que equivale dizer que, de cada 100 mil habitantes, em 2021, 384,7 estão presos. Desse contingente, 67,5% são pessoas negras²; 3,5%, amarelas; e 0,5 %, indígenas; deste total, 46,3% são jovens entre 18 e 29 anos. O ABSP mostra também que o Brasil tem 2,7% dos habitantes do globo e 20,4% dos homicídios, ou seja, dos 232.676³ casos, o Brasil tem 47.503 (BRASIL, 2022).

Contradições como essas, somadas ao déficit de vagas nos presídios brasileiros, evidenciam a incoerência do sistema prisional brasileiro que, com sua política de encarceramento desumanizante, não tem conseguido sanar o problema da violência. Desse modo, há “[...] um hiato entre o discurso oficial e a vivência instaurada nas escolas das unidades prisionais” (ONOFRE, 2009, p. 3).

Base teórica da pesquisa: situando postulados basilares para análise dos dados

No campo teórico, recorreremos à leitura de pesquisadores com estudos sólidos na área da educacional prisional e da educação popular, a saber: Freire (1987, 1991, 1996), que apresenta uma educação transformadora e a necessidade de uma relação dialógica e uma discussão sobre as “situações-limites” e “inéditos viáveis”, categorias centrais mobilizadas no conjunto desse texto; Onofre (2012, 2013, 2014, 2019), que focaliza o papel da escola na prisão; De Maeyer (2013) e suas reflexões sobre as contradições entre escola e prisão; Julião (2016), que propõe uma reflexão sobre a diferença entre escola *na* e escola *da* prisão; Foucault (1999),

² Nos dados apresentados, foram mantidas as categorias utilizadas pelo IBGE.

³ Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, apenas 102 países declararam o número de homicídios em 2021 (BRASIL, 2022).

especialmente ao tratar do surgimento da prisão e suas reflexões sobre saber-poder, resistência, corpos dóceis.

Onofre (2012) alerta sobre a relação tensa entre o ato de educar e a compreensão do ser humano em sua completude no contexto da prisão. De acordo com a autora, os educadores, nessa perspectiva, assumem a identidade de “trabalhadores culturais”, cujo centro da atenção deve centrar-se no humano como sujeito histórico e social.

Para Onofre (2014, p. 25), “[...] a criminalidade é consequência da ‘enfermidade’ do tecido social e as instituições criadas para a reeducação e reinserção dos ‘condenados’ estão contaminadas por essa mesma ‘doença social’”. Muñoz (2011) considera a educação prisional uma via possível para a (re)inserção de pessoas em cumprimento de penas, uma vez que oportuniza possibilidades de mudanças e ressignificação de vidas, cujo valor repercute na reincidência e na reintegração e, mais concretamente, nas oportunidades de emprego ou trabalho após saída do cárcere.

Julião (2016) salienta a diferença entre a proposta curricular pensada para uma escola **na** prisão e uma escola **da** prisão. Segundo o autor, a escola da prisão é aquela que busca produzir um currículo possível a atender às especificidades do ambiente prisional, em um projeto pedagógico pensado para o desenvolvimento de potencialidades. Já a escola **na** prisão reproduz propostas “[...] pedagógicas descontextualizadas da realidade do sistema prisional. São escolas que – por um acaso – estão na prisão” (JULIÃO, 2016, p. 36). Ou seja, são currículos que não contemplam a diversidade dos indivíduos envolvidos nesse processo.

Nessa diretiva, a escola da prisão não pode perder de vista quem são as pessoas que a constituem. Conforme pondera Santos (2010), são indivíduos que “[...] trazem consigo uma vasta experiência, fruto das relações que estabelecem e do próprio tempo de vida”. São pessoas provenientes de percursos interrompidos, estradas áridas e espinhosas que, em suas subjetividades, têm muito a ensinar-aprender. Assim, a relação dialógica é fundamental (FREIRE, 1987; ARROYO, 2021).

Em conformidade com o pensamento de Freire (1987, 1991), essas pessoas, forçosamente, tiveram seus percursos de escolarização interrompidos. Ele considerava imprescindível sonhar e vivenciar uma educação transformadora, criadora de um novo mundo possível. Em suas palavras, afirmava: “[...] sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos” (FREIRE, 1991, p. 126).

Freire (1991) considerava imprescindível sonhar com uma educação transformadora, criadora de um novo mundo possível. Daí a esperança, essa categoria que permeia,

efusivamente, toda a sua obra e gestaciona os “inéditos viáveis”, os quais são “[...] na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada, e quando se torna um ‘percebido-destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, [...] pode se tornar realidade” (FREIRE, 1987, p. 279).

Os “inéditos viáveis”, categoria inerente ao pensamento de Freire (1987), a qual se refere ao sonho, que concebido, sonhado, esperançado, pode vir a ser um “inédito viável”, pode viabilizar a vocação natural do ser que é *Ser sempre Mais*. Segundo o autor, para alcançar e construir “inéditos viáveis”, os sujeitos irrompem com “situações-limites”, adversidades impostas por um modelo opressor e neoliberal, que massacra os sujeitos e os transforma em números, dados, estatísticas, em um *Ser Menos*. Em suas palavras, essas pessoas “encontram, em suas vidas pessoal e social, obstáculos, barreiras, que precisam ser vencidas. A essas barreiras, ele chama de ‘Situações Limites’” (FREIRE, 1987, p. 277).

Paulo Freire vislumbra, assim, na educação, a força transformadora capaz de dissipar da sociedade a opressão, onde as “situações-limites” roubam a humanidade dos indivíduos e os transformam em coisas. Nesta perspectiva, torna-se necessário criar currículo(s) para e com as pessoas em cumprimento de pena e sonhar com uma educação mais humanizada e libertadora.

Em relação ao pensamento de Foucault (1999), este será apresentado para o texto de defesa final. No artigo 3, pretendemos analisar os dados, tendo também como referência ideias foucaultianas, como saber-poder, corpos dóceis.

Estrutura da dissertação

Optamos, neste texto dissertativo, por organizá-lo na perspectiva *multipaper* (*conjunto de artigos*). De acordo com Duke e Beck (1999), este é um gênero dissertativo alternativo aos modelos mais tradicionais capaz de possibilitar maior difusão e socialização do conhecimento.

A escrita dos artigos, nesse contexto, apresenta os seguintes tópicos: a) Título, resumos e palavras-chave (em português, inglês e espanhol); b) Introdução; c) Metodologia; d) Resultados e Discussões; f) Considerações Finais; g) Referências. Os artigos, no seu conjunto, podem variar na estrutura, uma vez que foram escritos de acordo com possibilidades de publicação em periódicos da área de Ensino ou Educação. Os tópicos aqui indicados são, em geral, aqueles presentes nas orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas, no corpo do artigo, há criações autorais que buscam, por meio do subtítulo, atribuir maior relação com o conteúdo abordado.

O Quadro 1 explicita, até o momento, a proposta de estruturação geral da pesquisa.

Quadro 1: Organização da dissertação

Introdução	
RESULTADOS	ARTIGO I SITUAÇÕES-LIMITES E INÉDITOS VIÁVEIS EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: o estado da questão
	ARTIGO II MEMÓRIAS E FRAGMENTOS DE SI: o percurso de formação experiencial e profissional de uma professora da educação básica no contexto da EPJAI no cárcere
	ARTIGO III SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS E OS CURRÍCULOS PENSADOS PRATICADOS: experiências de círculos de cultura no cárcere
CONSIDERAÇÕES FINAIS EM TOM DE CONTINUIDADE...	
APÊNDICES	
ANEXOS	

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O texto introdutório apresenta, conforme descrição anterior, as motivações para realização da pesquisa, o objeto, as questões (geral e específicas) e os objetivos (geral e específicos). No final da Introdução, é apresentada, também, a proposta de organização da dissertação, seguidas das referências citadas.

Em relação aos dados e resultados alcançados, são socializados três artigos. O primeiro artigo, intitulado “**Situações-limites e inéditos viáveis em contexto de privação de liberdade: o estado da questão**”, objetivou analisar a seguinte questão específica de pesquisa: Quais inéditos viáveis e situações-limites encontram-se presentes em produções científicas da EPJAI em contexto de privação de liberdade? Do ponto de vista metodológico, o artigo apoia-se na perspectiva de Nóbrega-Therrien e Therrien (2004) e Bardin (2011), autores centrais para o

processo de seleção, organização e análise dos dados.

“**Memórias e fragmentos com de si: origem e construção do objeto de pesquisa**”, título do segundo artigo, analisa o percurso formativo de uma professora da educação básica com atuação na EPJAI em contexto de privação de liberdade, cuja história de vida deve-se ao seu lugar de fala – educadora em uma unidade penal de segurança máxima. Para este artigo, optamos por uma pesquisa (auto) biográfica em diálogo com autores, como Josso (1999, 2007), Bondía (2002), Delory-Momberger (2012), Freire (1987, 1991), entre outros. Buscamos compreender questões como: De quais dimensões da experiência decorrem os processos de formação docente, especificamente, na EPJAI? Em que momentos a memória e os fragmentos de si, dentro de uma história de vida, concorrem para a escolha e a construção de um objeto de pesquisa?

O terceiro artigo, denominado “Situações-limites, inéditos viáveis e os currículos *pensadospraticados*: experiências de círculos de cultura no cárcere”, buscou compreender situações-limites e inéditos viáveis presentes no campo do currículo *pensadopracicado* por uma docente e estudantes-internos em situação de privação de liberdade.

O trabalho apresenta, ainda, considerações gerais e finais sobre o objetivo e as questões centrais da pesquisa.

Enfatizamos, ainda, a importância de pesquisas na área da educação em prisões como prerrogativa para construção de currículos e de políticas públicas que oportunizem e promovam a efetivação do direito à educação numa perspectiva emancipatória como um dos caminhos para ampliar processos de justiça social.

Referências

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BAHIA (Estado). Conselho Estadual de Educação (CEE). **Resolução nº 43**, de 14 de julho de 2014. Dispõe sobre a oferta, pelo Sistema Estadual de Ensino, da Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, para pessoas em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais do Estado da Bahia.

BAHIA (Estado). **Lei nº 13.559**, de 11 de maio de 2016. Aprova o Plano Estadual de Educação da Bahia e dá outras providências.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 7.210**, de 1984. Lei de Execução Penal. Brasília: Câmara dos Deputados, 11 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 14 jun. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 1996, nova redação em 2017. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 2**, de 19 de maio de 2010a. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.

BRASIL. CNE/CEB. **Parecer nº 4**, de 2010b.

BRASIL. Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a lei nº 7210/84 de 11 de julho de 1984. Dispõe sobre a remição da pena por estudo. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, poder Executivo, Brasília, DF, 30 de junho de 2011.

BRASIL. Coordenação de Edições Técnicas. **Decreto-lei no 2.848**, de 1940, nova redação em 2017. Código penal. Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/analise-2022-infografico.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.

DE MAEYER, M. A Educação na Prisão não é uma Mera Atividade. **Educação & Realidade**, n. 1, p. 33-49, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação [online]**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2022.

DOSTOIEVSKI, F. **Recordações das casas dos mortos**. 1861.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**: Projeto pedagógico. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativa populacional**. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativa populacional**. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. **Educação e pesquisa**, v. 25, p. 11-23, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 22 maio 2022.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Sistema penitenciário brasileiro**: política de execução penal. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2012. 408p.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Escola na ou da Prisão? **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 25-42, 1 jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tQrmp78mcFp47TrN4qhhtHm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (ed.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: enfoques e perspectivas contemporâneas. 1. reimpr. EDUFSCAR, 2012.

MUÑOZ, V. O direito à educação das pessoas privadas de liberdade. **Em Aberto**, v. 24, n. 86, 2012.

NÓBREGA-TERRIEN, S. M.; TERRIEN, J. Trabalhos científicos e o estado da questão. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15, n. 30, p. 5, 30 dez. 2004.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar na prisão na visão dos professores: um hiato entre o proposto e o vivido. **Reflexão e Ação**, 17, n. 1, p. 227-244, 15 jun. 2009.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar na prisão: controvérsias e caminhos de enfrentamento e superação da cilada. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (ed.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: enfoques e perspectivas contemporâneas. 1. reimpr. EDUFSCAR, 2012.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Políticas de formação de educadores para os espaços de restrição e de privação de liberdade. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 7, n. 1, p. 137-158, 2013. Doi: <https://doi.org/10.14244/19827199678>

ONOFRE, Elenice Mari Cammarosano. **Educação escolar na prisão: o olhar de alunos e professores**. Paco, 2014.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar em prisões: brechas, apostas e possibilidades. **Revista NUPEM**, v. 11, n. 23, p. 99-108, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7136940>. Acesso em: 17 jan. 2022

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano et al. Expectativas e anúncios de liberdade de educadores: des(en)cobrir a educação para pessoas em privação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p. 4731034, mar. 2021. Doi: <https://doi.org/10.14244/198271994731>.

SANTOS, José Jackson Reis dos. Especificidades dos saberes para a docência na Educação de Pessoas Jovens e Adultas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 8, p. 157–176, 2010. Disponível em: <http://www2.uesb.br/pesquisa/epjaidfch/wp-content/uploads/2016/10/Especificidades-dos-Saberes-para-a-Docência-na-Educação-de-Pessoas-Jovens-e-Adultas-José-Jackson-Reis-dos-Santos.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). **Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos** (Regras de Nelson Mandela). Organização das Nações Unidas (ONU). 2015. Disponível em: <https://www.docstoc.com/pt/regras-minimas-das-nacoes-unidas-para-o-tratamento-de-reclusos/5711428/>. Acesso em: 11 set. 2022.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). **Uma em cada três pessoas no mundo estão presas sem julgamento e superlotação coloca presos em risco de contrair a COVID-19**. Organização das Nações Unidas (ONU), 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/07/uma-em-cada-tres-pessoas-estao-presas-globalmente-sem-julgamento--enquanto-a-superlotacao-coloca-os-presos-em-risco-de-contrair-a-covid-19--diz-a-primeira-pesquisa-global-do-unodc-sobre-prisoas.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

WORLD PRISON BRIEF (WPB). **Highest to lowest** – prison population total. Disponível em: https://www.prisonstudies.org/highest-to-lowest/prison-population-total?field_region_taxonomy_tid=All. Acesso em: 11 set. 2022.



Artigo 1

**SITUAÇÕES-LIMITES E
INÉDITOS VIÁVEIS EM
CONTEXTO DE PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE:**

O estado da questão

ARTIGO 1

SITUAÇÕES-LIMITES E INÉDITOS VIÁVEIS EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: o estado da questão

Resumo

O artigo inscreve-se no campo da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) em situação de privação de liberdade e busca responder à seguinte questão de pesquisa: Quais situações-limites e inéditos viáveis encontram-se presentes em produções científicas da EPJAI em contexto de privação de liberdade? Objetiva-se, assim, analisar situações-limites e inéditos viáveis em produções científicas da área. Tendo como referência produções científicas publicadas na Revista Eletrônica de Educação, da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, com recorte temporal de 2011 a 2021, realizou-se um Estado da Questão, articulado à proposta da Técnica de Análise de Conteúdo. A análise dos dados foi realizada por meio de categorias presentes na obra de Paulo Freire, especialmente situações-limites e inéditos viáveis. Entre os resultados e conclusões, pode-se afirmar que Direitos Humanos, políticas públicas educacionais, formação de professores e práticas pedagógicas estão entre as temáticas mais abordadas nos estudos. Elenice Maria Cammarosano Onofre, Paulo Freire e Michel Foucault foram autores mais citados nos artigos analisados. As situações-limites em contextos de privação de liberdade são mais recorrentes do que os inéditos viáveis. A precariedade da infraestrutura física, a incipiente formação inicial e continuada dos profissionais, a elementar efetivação de direitos são situações-limites da educação em espaços de privação de liberdade. Os trabalhos indicaram, ainda, a necessidade de currículos específicos, construídos com base no cotidiano das práticas docentes vividas em espaços de privação de liberdade.

Palavras-chave: Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Inéditos viáveis. Privação de liberdade. Situações-limites.

LIMIT SITUATIONS AND UNTESTED FEASIBILITY IN THE CONTEXT OF DEPRIVATION OF LIBERTY: the state of the question

Abstract

The article is inserted in the field of Youth, Adult and Elderly Education (YAE) in situation of deprivation of freedom and seeks to answer the following research question: What limiting situations and untested feasibility are present in scientific productions of the YAE in context of deprivation of freedom? The objective is, thus, to analyze limiting situations and untested feasibility in scientific productions in the area in question. Using as reference scientific productions published in the Electronic Journal of Education of the Federal University of São Carlos, São Paulo, with a time frame of 2011 to 2021, a State of the Question was carried out, articulated to the proposal of the Technique of Content Analysis. The data analysis was carried out using categories present in Paulo Freire's work, especially limit-situations and untested feasibility. Among the results and conclusions, we can say that human rights, educational public policies, teacher training, and pedagogical practices are among the most addressed themes in the studies. Elenice Maria Cammarosano Onofre, Paulo Freire and Michel Foucault were the most cited authors in the articles analyzed. The limiting situations in contexts of deprivation of freedom are more recurrent than the untested feasibility ones. The precariousness of the physical infrastructure, the incipient initial and continuing training of the professionals, the elementary enforcement of rights are limiting situations of education in spaces of deprivation of liberty. The works also indicated the need for specific curricula, built based on the daily practice of teachers living in spaces of deprivation of freedom.

Keywords: Education of young, adult, and elderly people, Untested feasibility, Deprivation of freedom, Limit -situations.

SITUAÇÕES LÍMITE E INÉDITOS VIÁVEIS EM UM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERTAD: o estado de a questão⁴

Resumen

El artículo se enmarca en el campo de la Educación de Personas Jóvenes, Adultos y Adultos Mayores (EPJAI) en situación de privación de libertad y busca dar respuesta al siguiente interrogante de investigación: ¿Qué situaciones límite e inéditos viables están presentes en las producciones científicas de la EPJAI en el contexto de privación de libertad? El objetivo es, por tanto, analizar situaciones límite e inéditos viables en producciones científicas del área en cuestión. Con base en producciones científicas publicadas en la Revista Electrónica de Educación, de la Universidad Federal de São Carlos, São Paulo, con un horizonte temporal de 2011 a 2021, se realizó un Estado de la Cuestión, articulado a la propuesta de la Técnica de Análisis de Contenido. El análisis de los datos se realizó utilizando categorías presentes en la obra de Paulo Freire, especialmente situaciones límite e inéditos viables. Entre los resultados y conclusiones, podemos afirmar que los Derechos Humanos, las políticas públicas educativas, la formación docente y las prácticas pedagógicas se encuentran entre los temas más discutidos en los estudios. Los autores más citados en los artículos analizados fueron Elenice Maria Cammarosano Onofre, Paulo Freire y Michel Foucault. En contextos de privación de libertad las situaciones límite son más recurrentes que los inéditos viables. La precariedad de la infraestructura física, la incipiente formación inicial y continua de los/las profesionales, la realización elemental de los derechos son situaciones límite para la educación en los espacios privados de libertad. Los trabajos también señalaron la necesidad de planear currículos específicos, contruidos a partir de las prácticas docentes cotidianas vividas en espacios de privación de libertad.

Palabras clave: Educación de personas jóvenes, adultos y adultos mayores, Inéditos viables, Privación de libertad, Situaciones límite.

1. Introdução

A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) situa-se como um lugar de disputa, negação ou afirmação de direitos, carregando consigo a marca da diversidade, das lutas por espaço nas políticas públicas, uma vez que o Código Penal brasileiro, em seu Artigo 27, determina que “[...] os menores de 18 (dezoito) anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial” (BRASIL, 2017). A educação formal, realizada em escolas prisionais brasileiras, é fundamentalmente a EPJAI, permeada de especificidades e singularidades.

Historicamente, essa modalidade educativa foi negligenciada pelas políticas públicas, apesar de avanços nos marcos legais. Arroyo (2021) alerta sobre a persistência das hierarquias de classe, gênero e etnia tão perceptíveis nesse contexto. Para o autor, o percurso da EPJAI se confunde com a história de milhões de brasileiros, social e economicamente desfavorecidos, sendo eles, em sua maioria, negros, pobres e com baixa escolaridade.

A educação em espaços prisionais para pessoas privadas de liberdade tem provocado

⁴ O presente artigo foi encaminhado para a Revista Eletrônica de Educação, da Universidade Federal de São Carlos, razão pela qual se encontra organizado de acordo com as normas desse periódico. Parte do conteúdo deste texto, especialmente a Introdução, aparece na Introdução Geral da dissertação.

discussões e pesquisas pautadas em uma vasta documentação sobre a educação como prerrogativa da legislação, tanto estadual, quanto nacional e internacional.

De acordo com Julião (2016), a legislação nacional, que normatiza a educação em espaços de restrição e privação de liberdade, é referência no âmbito da América Latina. No entanto, no tocante à efetivação, tal legislação encontra-se na esfera do elementar e do precário. Essa contradição entre o estabelecido e o aplicado reflete a desigualdade econômica brasileira cristalizada no sistema educacional, o que dificulta o acesso, a permanência e a aprendizagem na escola pública e a formação profissional para parte das pessoas de baixa renda, vulnerabilizando, assim, grande parcela da população. Esses indivíduos subalternizados, excluídos, sem o amparo escolar, sem a formação profissional, são, sem dúvida, mais suscetíveis à violência e a outros processos de exclusão social. O panorama carcerário brasileiro evidencia, em índices, esta realidade e representa o seu reflexo.

Conforme levantamento do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), uma agência da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2018, cerca de 11,7 milhões de pessoas foram detidas em prisões em todo o mundo, população comparável com a de países como Bolívia, Bélgica ou Tunísia (UNODC, 2018). Nos últimos 20 anos, a população carcerária teve um aumento de mais de 25%; destes, a maioria (93%) é formada por homens. A pesquisa ainda indica uma taxa média de 145 prisioneiros a cada 100.000 pessoas no mundo (KROLAK, 2019).

No âmbito internacional a intitulada “Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos”, também conhecida como Regras de Nelson Mandela, orienta que, nos países signatários, sendo o Brasil um deles, “[...] tanto quanto for possível, a educação dos reclusos deve estar integrada no sistema educacional do país, para que depois da sua libertação possam continuar, sem dificuldades, os seus estudos” (UNODC, 2015, p. 33). Assim, a educação em espaço prisional é uma garantia legal e um direito a ser assegurado.

No Brasil, em 2011, a população brasileira era de 192.379.287 habitantes e, em 2021, aumentou para 215.052.484 habitantes, um crescimento médio de 1,9 % ao ano. Nesse mesmo período, a população carcerária cresceu de 514.582 para 833.170 pessoas presas, o que corresponde a uma elevação de 6,1% ao ano no número de encarceramento (IBGE, 2011, 2021).

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (ABSP), no ano 2021, o Brasil apresentou crescimento de 7,3% na taxa da população prisional, o que equivale a dizer que de cada 100 mil habitantes, em 2021, 384,7 estão presos. Desse contingente, 67,5% são pessoas negras, e 46,3% são jovens entre 18 e 29 anos. O ABSP mostra também que o Brasil

tem 2,7% dos habitantes do globo e 20,4% dos homicídios, ou seja, dos 232.676⁵ casos, o Brasil tem 47.503 (FÓRUM..., 2021, 2022).

Contradições como essas, somadas ao déficit de vagas nos presídios brasileiros, evidenciam a incoerência do sistema prisional brasileiro que, com sua política de encarceramento desumanizante, não tem conseguido sanar o problema da violência. Desse modo, há “[...] um hiato entre o discurso oficial e a vivência instaurada nas escolas das unidades prisionais” (ONOFRE, 2009, p. 3).

Do exposto e situando-se no debate da educação em contexto de privação de liberdade, no presente artigo, analisamos a seguinte questão de pesquisa: Quais situações-limites e inéditos viáveis encontram-se presentes em produções científicas da EPJAI em contexto de privação de liberdade? O estudo vincula-se ao Grupo de Pesquisa Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), e ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEEn).

A base conceitual da pesquisa apoia-se em autores da área da educacional prisional e da educação popular, a saber: a) Freire (1987, 1992), ao discutir sobre educação transformadora, dialógica, “situações-limites” e “inédito viável”, categorias centrais mobilizadas no conjunto desse texto; b) Onofre (2012, 2013, 2014, 2019) e Onofre et al. (2021), especialmente no tocante ao papel da escola na prisão; Julião (2016), ao propor uma reflexão sobre a diferença entre escola *na* e escola *da* prisão.

Freire (1992) considerava imprescindível sonhar com uma educação transformadora, criadora de um mundo possível. Daí a esperança, essa categoria que permeia toda a sua obra e provoca a construção de “inéditos viáveis”, os quais são “[...] na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada, e quando se torna um ‘percebido-destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, [...] pode se tornar realidade” (FREIRE, 1992, p. 279).

O “inédito viável”, categoria inerente ao pensamento de Freire (1987), a qual se refere ao sonho, pode viabilizar a vocação natural do ser que é *Ser sempre Mais*. Segundo o autor, para alcançar e construir “inédito viável”, os sujeitos irrompem com “situações-limites”, adversidades impostas por um modelo opressor e neoliberal, que massacra os sujeitos e os transforma em números, dados, estatísticas, em um “*Ser Menos*”. Em suas palavras, essas pessoas “[...] encontram, em suas vidas pessoal e social, obstáculos, barreiras, que precisam ser vencidas. A essas barreiras ele chama de ‘Situações Limites’” (FREIRE, 1992, p. 277). Freire

⁵ Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, apenas 102 países declararam o número de homicídios em 2021 (FÓRUM..., 2022).

(1992) vislumbra, assim, na educação, a força transformadora capaz de dissipar da sociedade a opressão cujas “situações-limites” roubam a humanidade dos indivíduos e os transformam em coisas.

2. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, o artigo apoia-se na perspectiva de Nóbrega-Therrien e Therrien (2004) e Bardin (2011). O que se entende por Estado da Questão (EQ)? Por que e como compreendê-lo na condição de metodologia de pesquisa? De que forma o EQ instrumentaliza a investigação sobre as produções científicas e análise de conteúdo (AC) na EPJAI no contexto de privação de liberdade? Qual o panorama das publicações científicas a respeito dessa interface?

De acordo Nóbrega-Therrien e Therrien (2004, p. 7), “[...] a finalidade do ‘estado da questão’ é levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance”. Na busca pela compreensão teórica da educação prisional na interconexão com a EPJAI, desafiamo-nos a encontrar ferramentas metodológicas que possibilitassem discussões e contribuições de pesquisadores e teóricos desse campo “[...] e a consequente identificação e definição das categorias centrais da abordagem teórico-metodológica” (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004, p. 8).

Nesse aspecto, as ferramentas metodológicas EQ (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004) e AC (BARDIN, 2011) coadunam como importantes dispositivos de seleção, organização e análise de dados.

No EQ, os resultados necessitam relacionar-se com o tema tratado, evidenciando estudos em âmbito local, nacional ou internacional, como forma de delimitar o *corpus* do conhecimento de determinado campo, e exigem estar separados cronológica e geograficamente e de acordo com a relevância para o tema (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004).

Do acesso, catalogação e análise do conteúdo dos documentos, percorremos o caminho da técnica da AC apresentada na obra de Bardin (2011) como estratégia investigativa, seguindo três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na sequência deste texto, apresentamos o processo de desenvolvimento articulado à interpretação e análise em cada fase indicada pela autora.

Na fase da pré-análise, buscamos delimitar o *corpus*, isto é, o conjunto dos documentos a serem submetidos aos processos analíticos (BARDIN, 2011). Nessa etapa, para a escolha dos documentos, recorreremos à Revista Eletrônica de Educação (Reveduc), do Programa de Pós-

Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, lançada em setembro de 2007.

A revista selecionada investiga, entre outros aspectos, temas relacionados à EPJAI relevantes ao interesse do Grupo Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, da UESB, do qual fazemos parte. Além disso, o periódico conta com a participação de pesquisadores com notoriedade no campo de educação para pessoas em situação de privação de liberdade, a exemplo da docente Elenice Maria Cammarosano Onofre, umas das principais referências no Brasil sobre a educação no cárcere.

Para seleção do material de análise, definimos o período de 2011 a 2021. Justificamos esta escolha em razão da promulgação, em 29 de junho de 2011, da Lei de nº 12.433, que modifica a Lei de Execução Penal (LEP) de 1984, “[...] para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho” (BRASIL, 2011, s.p.), conferindo ao educando, em situação de privação de liberdade, além do direito à educação, já garantido, nas legislações LEP e Constituição Federal (BRASIL, 1984, 1988), a possibilidade de beneficiar-se da remição da pena pelo estudo e não precisar escolher entre o estudo e o trabalho, conferindo um caráter mais convidativo à escola em espaços prisionais.

Definido o período de seleção do material (2011-2021), o passo seguinte foi a localização e o levantamento quantitativo dos documentos, nas edições da revista, respeitando a demarcação temporal em ordem decrescente (2021-2011), e os organizando de acordo com a proposta de publicação da revista, a saber: Conferências; Análise de imagem; Análise de material didático; Artigos estrangeiros; Artigos nacionais; Depoimentos; Debate; Ensaios; Entrevistas; Estudo de caso; Relato de experiência; Grandes autores; e Resenhas.

3. Resultados iniciais: explorando o material

Interessando-nos pelos indicadores quantitativos, recorreremos à estratégia da leitura flutuante dos números selecionados (2011 a 2021). Ao explorarmos o material, foram localizados 726 trabalhos⁶, dos quais 516 publicações são artigos nacionais, seguidos dos relatos de experiência (68), dos artigos estrangeiros (58), dos ensaios (29) e das resenhas (9). Chamou-nos a atenção o reduzido número de trabalhos envolvendo, por exemplo, estudo de caso (7), entrevistas (6), conferências (4), depoimentos (3), análise de imagem (2), debates (2), análises de material didático (1) e grandes autores (1).

De posse dessas informações, elaboramos um protocolo com critérios de inclusão (6

⁶ O número total de trabalhos foi obtido por meio de busca realizada na plataforma digital da revista no dia 15 de julho de 2022.

fatores) e exclusão (6 fatores) dos documentos (Quadro 1). Esta etapa foi descrita por Okoli et al. (2019, p. 15) como “[...] um passo absolutamente crucial no processo de condução e relato de uma revisão de literatura de alta qualidade”, visto que incorporaria uma seleção mais criteriosa de quais documentos, entre os 726, poderiam ou não favorecer à pesquisa sobre a EPJAI em situação de privação de liberdade.

Quadro 1 - Critérios para inclusão e exclusão de documentos⁷

PROTOCOLO	
Fatores de inclusão	Fatores de exclusão
Trabalhos com a temática “educação no cárcere”	Trabalhos com temas relacionados à socioeducação ⁸
Trabalho com a temática “educação escolar em contexto de privação de liberdade”	Trabalhos com temas relacionados a atos infracionais cometidos por menores
Trabalhos com a temática “educação para pessoas privadas de liberdade”	Trabalhos sobre egressos do sistema prisional.
Trabalhos com a temática “EJA em contexto de privação de liberdade”	Pesquisas realizadas fora do território brasileiro.
Trabalhos realizados no território brasileiro	Trabalhos sobre mulheres em conflito com a lei.
Trabalhos escritos na língua portuguesa.	Trabalhos sobre remição pela leitura.

Fonte: os autores, pesquisa de campo.

Após utilização dos critérios anteriores, foram selecionados 18 (dezoito) trabalhos na Reveduc, estando estes assim distribuídos: a) 2013.1 - total de 5; b) 2013.2 - total de 01; c) 2013.3 - total de 01; d) 2014 - total de 2; e) 2021 - total de 9. No Quadro 2, são apresentados esses trabalhos.

Quadro 2 - Materiais selecionados conforme critérios utilizados

Revista Eletrônica de Educação – UFSCar, v. 7, n. 1 (2013)				
Dossiê Temático: Educação em espaços de restrição e de privação de liberdade: desvelando caminhos, forjando políticas educativas				
5 documentos selecionados				
Título	Autoria	Instituição	Tipo de produção	Código
1. Políticas de formação de educadores para os espaços de restrição e de privação de liberdade	Elenice Maria Cammarosano Onofre	UFSCar	Artigo	ART01
2. A educação escolar nas prisões: um olhar a partir dos direitos humanos	Leandra Salustiana da Silva Oliveira; Elson Luiz de Araújo.	UEMS	Artigo	ART02
3. Juventude e educação nas prisões: demandas, direitos e inclusão	Eliane Ribeiro Andrade; Diógenes Pinheiro; Luiz Carlos Gil Esteves; Miguel Farah Neto.	UNIRIO	Artigo	ART03
4. Narrativas de presos condenados: um vocabulário da prisão	Selmo Haroldo de Resende	UFB	Ensaio	ENS01
5. A assistência educacional no sistema penitenciário federal: a penitenciária federal em Porto Velho/RO	Stephane Silva de Araujo; Maria Cecília Lorea Leite.	UFPEl	Relato de experiência	REX01

⁷ Quadro elaborado de acordo com modelo utilizado por Andrade, Santos e Gonçalves (2021).

⁸ O Código Penal Brasileiro (BRASIL, 2017), Art.27, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Art. 104, consideram os menores de 18 anos inimputáveis, estando estes suscetíveis às medidas socioeducativas determinadas no ECA. Assim, nossa opção por excluir trabalhos relacionados à socioeducação justifica-se por compreender a educação prisional para pessoas adultas a partir de 18 anos.

Revista Eletrônica de Educação – UFSCar v. 7, n. 2 (2013)					
01 documento selecionado					
1.	A educação a distância como uma modalidade de ensino nas penitenciárias federais	Rafael Pitwak Machado Silva; Suemy Yukizaki; Benjamin Carvalho Teixeira Pinto	UFRRJ	Artigo	ART04
Revista Eletrônica de Educação – UFSCar v. 7, n. 3 (2013)					
01 documento selecionado					
1.	Inflexões paradoxais: disputas e negociações na oferta de educação nas prisões de São Paulo	Felipe Athayde Lins de Melo.	UFSCar	Artigo	ART05
Revista Eletrônica de Educação – UFSCar v. 8, n. 2 (2014)					
02 documentos selecionados					
1.	Modelagem no cárcere: educação matemática para a paz	Martha Joana Tedeschi Gomes; Ademir Donizeti Caldeira.	UFSCar	Artigo	ART06
2.	Adoção de cidadãos presos e formação de professores para a prisão: ações de fraternidade política e direitos, aproximando a extensão universitária da ASCES e da UFPE no agreste pernambucano	Maria Perpétua Socorro Dantas Jordão; Paula Isabel Bezerra Rocha Wanderley.	UFPE	Relato de experiência	REX02
Revista Eletrônica de Educação – UFSCar v. 15 (2021) jan./dez. Publicação contínua					
Dossiê Temático: Educação em prisões: experiências educativas, formação de professores e de agentes socioeducativos					
09 documentos selecionados					
1.	Diagnóstico da política de educação em prisões no Brasil (2020): o desafio da universalização.	EII Narciso da Silva Torres; Timothy Denis Ireland; Susana Inês de Almeida.	FE/UNICAMP-UFPB	Artigo	ART07
2.	Educação em espaços de privação de liberdade no estado de São Paulo.	Marieta Gouvêia de Oliveira Penna; Isabel Malero Bello; Ana Carolina Colacioppo Rodrigues	Unifesp-UNISAN	Artigo	ART08
3.	Escola, cárcere e pandemia: o que pode uma educação filosófica?	Walter Omar Kohan; Márcio Nicodemos.	UERJ	Ensaio	ENS02
4.	Percepções de professores sobre crenças e valores sociais relacionados à profissão docente em escolas de unidades prisionais.	Alisson José Oliveira Duarte; Helena Ornelas Sivieri-Pereira.	UFTM	Artigo	ART09
5.	Formação de professores/as no sistema prisional do Estado de Alagoas: avanços, limites e possibilidades.	Ana Karla Loureiro da Silva; Maria da Conceição Valença da Silva	UFAL	Artigo	ART10
6.	Encontros com a prática: instrução ao sócia como dispositivo de transmutação da docência em prisão.	Deivis Perez; Ruchelli Stanzani Ercolano.	UNESP	Artigo	ART11
7.	Expectativas e anúncios de educadores: des(en)cobrimdo a educação para pessoas em privação de liberdade.	Elenice Maria Cammorosano Onofre; André Luiz Pereira Alves dos Santos; André Santiago Baldan; Edla Cristina Rodrigues Caldas; Marcos Melo de Oliveira.	UFSCar	Artigo	ART12
8.	Tertúlia Literária Dialógica na prisão: experiência educativa freiriana para a humanização	Vanessa Cristina Giroto Nery; Vanessa Gabassa; Suellen Drumond Kler; Ana Maria da Silva Barbosa	UFSCar	Artigo	ART13
9.	Quando todas as portas se fecham: um ensaio sobre direitos humanos e encarceramento	Juliana Cavicchioli de Souza; Renice Ribeiro Lopes; Débora Cristina Fonseca	UNESP	Ensaio	ENS03

Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

No Quadro 2, codificamos e indicamos uma numeração para o material selecionado da seguinte forma: ART - para artigos; ENS - para ensaios; REX - para relato de experiência, totalizando 13 (treze) artigos científicos (ART01 a ART13), 3 (três) ensaios (ENS01 a ENS03) e 2 (dois) relatos de experiência (REX01 e REX02).

Os 18 trabalhos selecionados foram importados para uma pasta específica da área de trabalho do computador com o nome “Trabalhos selecionados”, enumerados em ordem crescente anual, seguindo suas respectivas publicações. A relação de trabalhos permitiu maior visibilidade das temáticas desenvolvidas nas investigações, facilitando a identificação de informações relevantes, como: tipologia do texto, palavras-chave, autoria, instituições de origem, localização geográfica das publicações, período das publicações, frequência de autores, temas centrais, metodologias utilizadas, principais resultados e conclusões.

4. Outros resultados e reflexões sobre os trabalhos

Os documentos, após serem lidos na íntegra, foram encaminhados para o *software* MAXQDA⁹ e organizados de acordo com a maior frequência dos temas encontrados. Esse *software* proporciona maior exatidão na extração dos dados, quanto à ocorrência dos temas, sendo eles, conforme afirmamos: 14 artigos, 3 ensaios e 1 relato de experiência, provenientes de 17 Instituições Superiores de Ensino (IES), destacando-se a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Estado de São Paulo, representando mais de 27,7% dos trabalhos, como indicado no Quadro 3.

Quadro 3 - Instituições de Ensino Superior, siglas e quantitativo de publicações sobre a EPJAI no cárcere

Instituição	Sigla	Quantitativo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	UEMS	1
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	UERJ	1
Universidade Federal de Alagoas	UFAL	1
Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	1
Universidade Federal de Pelotas	UFPEl	1
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	1
Universidade Federal de São Carlos	UFSCar	4
Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	1
Universidade Federal de Uberlândia	UFU	1
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	UNESP	2
Universidade Federal de São Paulo - Centro Universitário	UNIFESP-UNISAN ¹⁰	1
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO	1

⁹ “O MAXQDA é um software acadêmico para análise de dados qualitativos e métodos mistos de pesquisa e está disponível para sistemas operacionais Windows e Mac” (MAXQDA, 2022).

¹⁰ A identificação do total de instituições envolvidas na pesquisa considerou a origem acadêmica de cada autor.

Universidade de Brasília; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal da Paraíba.	UnB/UNICAMP/UEPB	1
Universidade Federal de Alfenas; Universidade Federal de Goiás; Universidade Federal de São Carlos.	UNIFAL/ UFG/UFSCar	1

Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

Em relação à localização geográfica, especificamente o contexto no qual foram realizadas as pesquisas, as publicações distribuem-se nas regiões Norte¹¹ 2 (duas), Nordeste 3 (três), Sudeste 11 (onze), Centro-Oeste 1 (uma) e Sul 1(uma), distribuídas nas Unidades da Federação, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 - Localização geográfica das publicações

Região	Estado	Quantidade
Região Norte	Rondônia	02
Região Nordeste	Alagoas	01
	Paraíba	01
	Pernambuco	01
Região Sudeste	Minas Gerais	03
	Rio de Janeiro	02
	São Paulo	06
Região Sul	Paraná	01
Região Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	01
TOTAL		18

Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

Os estados de São Paulo (06), Rio de Janeiro (02) e Minas Gerais (03) se destacam em relação aos demais, que apresentam um único trabalho com essa ênfase.

Como observamos no Quadro 4, a Região Sudeste se destaca com o total de 11 trabalhos. Observamos, também, que a Bahia, contexto de nossa investigação, não dispõe de pesquisas sobre o assunto no periódico e que a participação do Nordeste se situa nos seguintes estados: Alagoas, Paraíba e Pernambuco.

As pesquisas se concentraram mais fortemente em momentos nos quais a edição teve dossiês com temáticas prisionais, como nos anos de 2013 (*Educação em espaços de restrição e de privação de liberdade: desvelando caminhos, forjando políticas educativas*) e 2021 (*Educação em prisões: experiências educativas, formação de professores e de agentes socioeducativos*).

Entre os autores mais frequentemente citados, encontram-se Paulo Freire (129 vezes em 10 documentos), Elenice Maria Cammarosano Onofre (118 vezes em 12 documentos) e

¹¹ As pesquisas desenvolvidas na Região Norte estão vinculadas a instituições de ensino superior localizadas no Sul e Sudeste.

Foucault (1999) (38 vezes em 7 documentos), reafirmando a relevância desses autores para a análise da temática.

No tocante às temáticas mais enfatizadas, destacamos: Direitos Humanos; políticas públicas educacionais; formação de professores para educação carcerária e práticas pedagógicas. A seguir, no Quadro 5, socializamos título, centralidades e autoria dos 18 (dezoito) trabalhos selecionados, conforme codificação elaborada.

Quadro 5 - Título, centralidades e autoria dos 18 trabalhos

Título do Trabalho		Centralidades e autoria da pesquisa
1.	Políticas de formação de educadores para os espaços de restrição e de privação de liberdade	“[...] como os professores lidam com as contingências do espaço e efetivamente são preparados para assumir as salas de aula da prisão?” (ART01, 2013, p. 148).
2.	A educação escolar nas prisões: um olhar a partir dos direitos humanos	“Este artigo visa fomentar as discussões sobre as dificuldades do ato de educar na prisão e para a construção de alternativas que visem à conscientização e aproximação de educadores, administradores, Poder Público e sociedade civil em uma ação conjunta” (ART02, 2013, p. 179).
3.	Juventude e educação nas prisões: demandas, direitos e inclusão	“Discutir a situação e os direitos educacionais dos jovens privados de liberdade no Brasil, bem como os desafios para a legitimação do direito à educação nas prisões” (ART03, 2013, p. 229).
4.	Narrativas de presos condenados: um vocabulário da prisão	[...] perscrutar a extensão do educacional na prisão, identificando aspectos educativos/educacionais que transversalizam o cumprimento de penas privativas de liberdade (ENS01, 2013, p. 362).
5.	A assistência educacional no sistema penitenciário federal – a penitenciária federal em Porto Velho/RO.	“Tem-se como objetivo focalizar a inserção da Educação no interior de uma Penitenciária Federal, através de parcerias que vêm sendo executadas e alcançam atualmente índices diversos das demais prisões brasileiras, proporcionando assim, gradual inserção social dos apenados” (REX01, 2013, p. 395).
6.	A educação a distância como uma modalidade de ensino nas penitenciárias federais	“Contribuir para o debate em torno do tema a partir de reflexões em que se analisa a legislação e os trabalhos de especialistas” (ART04, 2013, p. 343).
7.	Inflexões paradoxais: disputas e negociações na oferta de educação nas prisões de São Paulo.	“Este artigo descreve alguns conflitos e negociações presentes no Programa de Educação nas Prisões de São Paulo, Brasil, executado pela Funap – Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel” (ART05, 2013, p. 143).
8.	Modelagem no cárcere: Educação matemática para a paz.	Esta pesquisa teve como objetivo verificar a possibilidade de trabalhar a Modelagem Matemática junto aos alunos-detentos do Sistema Penitenciário do Paraná, Brasil, na cidade de Curitiba e região metropolitana (ART06, 2014, p. 44).
9.	Adoção de Cidadãos Presos e Formação de Professores para a Prisão: Ações de Fraternidade Política e Direitos, aproximando a extensão universitária da ASCES e da UFPE no agreste pernambucano.	“Este artigo trata de analisar como dois projetos extensionistas – Adoção Jurídica de Cidadãos Presos (ASCES) e Formação de Professores para o Sistema Penitenciário (UFPE) – possibilitam desde 2001 (ASCES) e 2009 (UFPE) ações articuladas de cidadania e direitos humanos em uma unidade prisional do agreste de Pernambuco, Brasil” (REX01, 2014, p. 374).
10.	Diagnóstico da política de educação em prisões no Brasil (2020): o desafio da universalização.	“[...] demonstrar um breve panorama do encarceramento, o perfil das pessoas presas e dialogar com as principais legislações pertinentes à educação em locais de privação de liberdade” (ART07, 2020, p. 1).
11.	Educação em espaços de privação de liberdade no estado de São Paulo.	“[...] analisar aspectos da política estadual em São Paulo no que se refere à promoção da educação básica em espaços de privação de liberdade, nas prisões na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na Fundação CASA, ensino regular (ART08, 2021, p. 1).
12.	Escola, cárcere e pandemia: o que pode uma educação filosófica?	Ensaio sobre as possibilidades de uma educação filosófica nas escolas no cárcere no atual cenário de pandemia no Brasil” (ENS02, 2021, p. 02).
13.	Percepções de professores sobre crenças e valores sociais relacionados à profissão docente em escolas de unidades prisionais.	“Esta pesquisa tem como objeto de estudo as percepções dos professores, isto é, a maneira pela qual sentem, compreendem e assimilam racionalmente e emocionalmente, comentários, gestos, expressões e outros modos de comunicação relacionados às crenças e

		valores sociais em torno da profissão docente em espaços de privação e restrição de liberdade” (ART09, 2021, p. 02).
14.	Formação de professores/as no sistema prisional do Estado de Alagoas: avanços, limites e possibilidades.	“Este estudo teve como objetivo analisar dispositivos constantes no Plano Estadual de Educação nas Prisões (PEEP) do Estado de Alagoas relacionados à formação de professores/as das unidades prisionais” (ART10, 2021, p. 01).
15.	Encontros com a prática: instrução ao sócia como dispositivo de transmutação da docência em prisão	“Este artigo apresenta uma contribuição da psicologia social para o trabalho docente no campo da educação escolar realizada em estabelecimentos penitenciários, especificamente por intermédio da propositura de aplicação do dispositivo metodológico denominado instrução ao sócia (IS), contextualizado para a laboralidade de professores que atuam em prisões no Brasil “(ART11, 2021, p. 01).
16.	Expectativas e anúncios de educadores: des(en)cobrando a educação para pessoas em privação de liberdade	“A proposta deste artigo foi tecer, com base na escuta de atores e atrizes que atuam em atividades escolares e não escolares, em unidades de privação de jovens e de adultos, reflexões em busca de propostas para o campo da educação” (ART12, 2021, p. 17).
17.	Tertúlia Literária Dialógica na prisão: experiência educativa freiriana para a humanização	“O presente artigo tem como foco expor os resultados de um trabalho de extensão e pesquisa universitárias realizado entre 2018 e 2019 em uma unidade prisional localizada no interior de Minas Gerais” (ART13, 2021, p. 02).
18.	Quando todas as portas se fecham: um ensaio sobre direitos humanos e encarceramento.	“Este ensaio pretende estabelecer um paralelo entre o sistema penal destinado a adultos que infracionam e o sistema socioeducativo, destinado a atender adolescentes autores de ato infracional!” (ENS03, 2021, p. 01).

Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

O Quadro 5 e a leitura na íntegra dos trabalhos indicaram um panorama das principais temáticas abordadas nos estudos, conforme socializado na Tabela 1.

Tabela 1 - Principais temáticas abordadas

Temáticas	Frequência da temática	Total de estudos em que a temática aparece
Formação de professores	243	11
Direitos Humanos	116	11
Políticas públicas	55	13
Currículo	50	10
Universalização da educação	28	04
Fracasso escolar	12	07
Precariedade (estruturas material e pessoal).	10	07

Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

A constância de tais temáticas indica os desafios da educação no contexto de privação de liberdade, exigindo que os profissionais que ultrapassem as inúmeras *situações-limites* para construir *inéditos viáveis* (FREIRE, 1992).

5. Situações-limites e inéditos viáveis no cárcere: algumas inferências e interpretações

Nas construções interpretativas, conforme anunciamos, os dados foram organizados e interpretados, tendo como referência, sobretudo, as categorias *situações-limites* e *inéditos viáveis* (FREIRE, 1992).

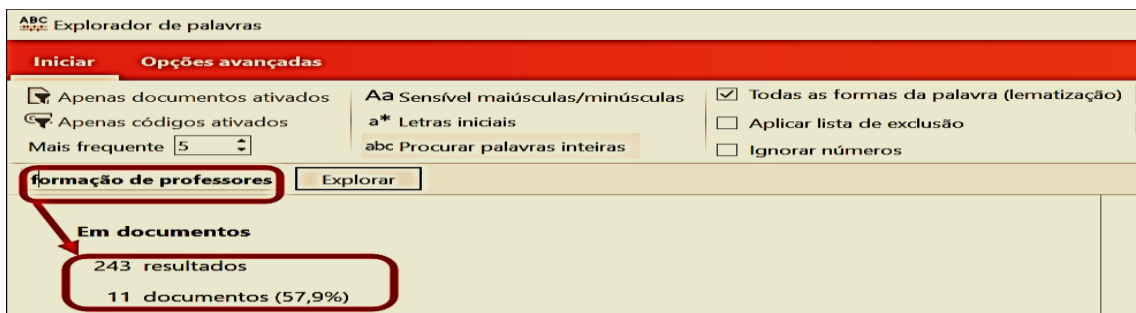
Adentrar na compreensão de tais categorias é um desafio e requer um retorno a duas obras de Paulo Freire, particularmente, *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987) e *Pedagogia*

da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1992). Para Freire (1992), a história é feita de possibilidades, e estas não se dão sem o sonho; sonho que anuncia, irrompe com situações-limites e colabora com a construção de inéditos viáveis.

Segundo Freire (1992, p. 106), “[...] as mulheres e os homens como corpos conscientes sabem bem ou mal de seus condicionamentos e de sua liberdade. Assim encontram, em suas vidas pessoal e social, obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas”. A essas barreiras, desafios, ele chama de *situações-limites*. Nesse sentido, questionamos: Quais situações-limites e inéditos viáveis encontram-se presentes em produções científicas da EPJAI em contexto de privação de liberdade? Os 18 trabalhos selecionados contribuíram, dessa maneira, para imergir, de forma mais profunda, nesse questionamento.

As análises indicaram que as situações-limites no fazer pedagógico em contextos de privação de liberdade são mais recorrentes do que inéditos viáveis. A formação docente, em seus vários âmbitos, desponta como a temática mais relevante nas pesquisas analisadas, conforme podemos identificar na Figura 1.

Figura 1 - Print da tela do explorador de palavras MAXQDA



Fonte: Pesquisa direta da autora, 2022.

O resultado apresentado na Figura 1 foi obtido por meio do buscador de palavras do *software* MAXQDA, após a inserção do termo **formação de professores/as**, não fazendo distinções entre os termos iniciados ou não com letras maiúsculas, além de ativado o dispositivo de lematização.¹² Em relação à categoria “situações-limites”, a formação inicial e continuada para docentes da EPJAI privados de liberdade encontra-se presente em 11 dos 18 trabalhos analisados, sendo, portanto, a categoria mais expressiva. A título de exemplificação, ART01 (2013, p. 156) ratifica: “[...] a valorização do professor e a defesa da formação específica para atuar em escolas de unidades prisionais é tarefa urgente em nossa agenda de desafios e tarefas [...]”.

¹² “Ato ou efeito de lematizar; ação de grupar, sob uma única forma, todas as formas que podem ter uma unidade de significação nos dicionários e afins” (HOUAISS CORPORATIVO, 2022).

De acordo com dados do Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (Sisdepen), publicados no ano de 2021, existem 4.957 professores atuando em unidades penais em todo o Brasil. Destes, 2.541 têm contratos temporários, 458 são terceirizados, 111 têm cargo comissionado, e 1.847 são efetivos. Esses dados corroboram a preocupação dos autores quanto a esta temática, uma vez que o quadro de professores temporários e terceirizados é maior que o número de professores efetivos, indicando que a rotatividade desses profissionais é constante e com pouca participação em cursos de formação específica.

Em contraste com o que determina o Decreto nº 7.626 - Plano Estratégico de Educação no Âmbito do Sistema Prisional, no sentido de “[...] contribuir para a universalização da alfabetização e para a ampliação da oferta da educação no sistema prisional” (BRASIL, 2011, s.p.), o ART09 apresenta um diagnóstico da educação prisional no Brasil, ponderando sobre a universalização da educação nas prisões brasileiras, sobre a relação tênue entre a superlotação das prisões e a qualidade da educação oferecida e quem são os sujeitos aprisionados e a quais condições, muitas vezes desumanas, estão submetidos. O ART09 reconhece os avanços normativos, contudo, paralelamente, identifica que a sua efetivação tem sido muito elementar.

Do mesmo modo, a elementar formação inicial e continuada de docentes, conjuntamente com os demais profissionais que trabalham em estabelecimentos com pessoas em privação de liberdade, associada à falta de investimento em políticas mais qualificadas e de longo prazo (ART01), remete a reflexões sobre o papel da escola na prisão. A autora do ART01 enfatiza outra “situação-limite” encontrada pelo docente em escolas no âmbito prisional: a perda de identidade, comparando a entrada desses docentes nas instituições penais ao ingresso dos internos, que têm a identidade sucumbida ao precisar adequar-se às normas de segurança específicas de cada unidade, o que a faz problematizar conceitos como “territorialização” e “desterritorialização”. Afirma o ART01 que é preciso abandonar a identidade e se adequar a um novo modo de viver, falar e de se comportar para sobreviver no cárcere.

Nesse viés, a formação inicial, continuada e específica para o exercício da docência na modalidade EPJAI, sobretudo no âmbito prisional, perpassa pelas duas categorias analíticas discutidas neste artigo. Isto porque os trabalhos evidenciam uma preocupação autêntica com a formação de um sujeito crítico-reflexivo.

No que diz respeito aos inéditos viáveis, os trabalhos corroboram com as ideias do ART01 (2013) sobre a intensificação e amadurecimento das pesquisas no campo da EPJAI, demandando políticas públicas específicas, capazes de contribuir para a transformação da realidade de todas as pessoas jovens e adultas, possibilitando a condição cidadã de participação

no mundo da cultura escrita, em condição de igualdade, uma vez que a educação se constitui como um Direito Humano Universal.

As inúmeras “situações limites” que os sujeitos da EPJAI enfrentam em seus percursos de vida, principalmente as pessoas privadas de liberdade, revelam negações de direitos civis e sociais, entre eles, o Direito Humano Universal à educação, temática que ocupa o segundo lugar entre os trabalhos analisados. Foi possível observar uma consonância entre os pesquisadores sobre a pouca oferta da educação em prisões correlacionada à precariedade das estruturas físicas. Construções antigas e as atuais não revelam a importância de um espaço dedicado à escola que, muitas vezes, precisa adaptar celas, transformando-as em salas de aula.

O ART02 (2013, p. 188) destaca que “[...] apesar dos dispositivos legais existentes que evidenciam o direito do preso de ter acesso ao trabalho e à educação, apenas uma pequena parcela da população carcerária trabalha ou estuda”. Conforme os dados do Sisdepen, o número de presos com acesso a atividades educacionais, no período de janeiro a junho do ano de 2021, correspondia a 40% da população carcerária. Contudo, com um olhar mais apurado, na mesma base de dados, foi possível perceber que esses números podem ser entendidos de outra forma, uma vez que são contabilizados como educacionais quaisquer atividades relacionadas à prática de lazer, cultura, videoteca, remição de pena pela literatura, além de ser possível a matrícula concomitante de uma mesma pessoa em mais de uma dessas atividades. Com acesso à matrícula na educação formal (educação básica e ensino superior), este número corresponde a 9,88% no mesmo período (BRASIL, 2021).

Como afirmado anteriormente, a pouca oferta de matrículas no espaço prisional revela a negação do direito à educação. Tal situação-limite vincula-se a um rol de outros direitos sociais subtraídos desses sujeitos que, em sua maioria, são pessoas excluídas e desfavorecidas.

É importante destacar que não há pretensão de afirmar que todos aqueles que praticam atos infracionais tiveram seus direitos negados ou negligenciados, mas pretende-se desvelar as injustiças sociais e o descaso governamental com a população encarcerada, composta, em grande parte, por pobres e negros; apontando alguns dos fatores que, possivelmente, contribuem para que adolescentes e adultos cheguem às instituições de privação de liberdade (ENS03, 2021, p. 2).

Nesta mirada, a negação de direitos também contribui para o alto número de encarceramento observado no Brasil, encarceramento este que detém, majoritariamente, pessoas negras e pobres, conforme afirma Onofre (2007, p. 12): “Os presos fazem parte da população dos empobrecidos, produzidos por modelos econômicos excludentes e privados de seus direitos fundamentais de vida”.

Nesse percurso, os estudos, apesar de apresentarem mais situações-limites em diferentes aspectos, podem ser compreendidos, notadamente, como uma tomada de consciência, ou seja, ao passo que são denunciadas as incoerências do sistema educacional no âmbito prisional, abrem também um panorama para refletir sobre o *vir a ser* e as possibilidades de inéditos viáveis no cárcere. Não se trata de esperar no vazio, mas, compreendendo as situações-limites que atravessam a prática pedagógica em espaços profissionais nas celas de aula, construir caminhos de superá-las.

Conscientes dos desafios identificados, torna-se necessário planejar e desenvolver políticas públicas que efetivem uma “[...] educação emancipatória, como um direito humano fundamental pode retirar muitos sujeitos dos portões dos presídios e unidades de internação” (ENS03, 2021, p. 12).

Nesse diapasão, encontra-se outra temática entre os dezoito trabalhos investigados: o fracasso escolar. O ART07 evidencia que o público da educação em prisões são pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram a oportunidade, em sua maioria, de completar a educação básica, compondo, assim, uma modalidade educativa que “[...] possui necessidades específicas de aprendizagem condizentes com as suas características, as suas peculiaridades e suas perspectivas futuras” (ART07, 2021, p. 10).

O tema currículo, recorrente em 10 (dez) dos 18 (dezoito) trabalhos, enquanto situações-limites, depara-se com propostas engessadas, o que provoca o desenvolvimento de práticas curriculares marcadas, sobretudo, com o uso de materiais didático-pedagógicos construídos para outras modalidades educacionais que são adaptadas ou mesmo transferidas para a EPJAI prisional, dando uma conotação bancária à educação nesses espaços (FREIRE, 1987). Nesse aspecto, afirma ART02 (2013, p. 185): “[...] as propostas pedagógicas, os planos de ensino e os currículos escolares necessitam ser revistos a fim de que eles atendam as especificidades, as diferenças culturais e étnicas de cada grupo social”.

O ART10 (2021) propõe uma discussão focalizada na implementação da EPJAI nos currículos das instituições de educação do ensino superior que oferecem cursos de licenciatura, destacando a necessidade de discussões efetivas sobre formação docente e currículo vivo, construído no cotidiano. Dessa forma, o currículo eclode como um inédito viável potencializador de saberes da experiência, favorável à formação integral do ser humano.

Todos os fatores citados, que dificultam a efetivação do direito humano à educação para as pessoas privadas de liberdade, perpassam pela precariedade da estrutura física das instalações destinadas à escola, assim como pela inadequada (ou inexistente) formação profissional para atuação no cárcere.

6. Considerações finais

No conjunto da análise dos 18 trabalhos, percebemos uma lacuna no que diz respeito às práticas pedagógicas realizadas diretamente com internos do sistema prisional. Nesse viés, localizamos somente um trabalho relacionado com um grupo de internos do sistema prisional, o ART07. O estudo relata práticas pedagógicas desenvolvidas junto a um grupo de seis estudantes internos, utilizando a abordagem da pesquisa-ação para evidenciar vivências docentes no campo da modelagem matemática.

Entre os conceitos mais utilizados, o “diálogo” aparece em 70% dos documentos (14 trabalhos), sendo considerado fator imprescindível para a educação realizada nas prisões.

A investigação documental, por meio do EQ, aponta um panorama dos estudos relativos à EPJAI em espaço de privação de liberdade, tornando possível perceber situações-limites semelhantes, mesmo com perspectivas metodológicas e contexto de pesquisa distintos. A precariedade da infraestrutura física, a incipiente formação inicial e continuada dos profissionais, a elementar efetivação de direitos, há décadas presentes na legislação nacional, são obstáculos da educação em espaços de privação de liberdade.

Os 18 (dezoito) estudos analisados, em algum momento, discutem a efetivação dos direitos expressos na legislação brasileira no tocante à educação em espaço de privação de liberdade. De modo geral, todos os textos coadunam com o pensamento do ART1(2013), o qual ratifica a estreita relação entre a negação/violação dos Direitos Humanos e o ingresso nas instituições de privação de liberdade, problematizando a “criminalização da pobreza” (WACQUANT, 2003, p. 94). Wacquant (2003, p. 94) afirma: “[...] a destruição deliberada do Estado social e a hipertrofia súbita do Estado penal [...]” é um processo concomitante e complementar.

Nessa diretiva, os trabalhos indicam a necessidade de currículos específicos (no plural), capazes de considerar as demandas do cotidiano da educação em espaços de privação de liberdade. Relacionados às discussões curriculares, nove trabalhos correlacionam a precariedade das infraestruturas físicas e a inadequada formação docente como entraves para a efetivação de uma educação de melhor qualidade no contexto prisional.

De acordo com Oliveira e Araújo (2013), a educação escolar é uma realidade na maior parte das unidades prisionais brasileiras. No entanto, as estruturas são precárias e padecem com a falta de apoio governamental e com o fato de muitos gestores dessas instituições priorizarem, em geral, segurança, disciplina e fiscalização na formulação de políticas públicas específicas.

Referências

- ANDRADE, Eliane Ribeiro; PINHEIRO, Diógenes; ESTEVES, Luiz Carlos Gil; FARAH NETO, Miguel. Juventude e educação nas prisões: demandas, direitos e inclusão. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 228–247, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/702>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- ANDRADE, Fonseca Felix de D.; SANTOS, Jackson Reis dos J.; GONÇALVES, Eugenio B. The approach to the multiple dimensions of teaching in youth adults education in strict sensu researches undertaken between 2009-2020: a systematic literature review. **International Journal of Development Research**, [s.l.], v. 11, p. 1-7. Mar. 2021. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/approach-multiple-dimensions-teaching-youth-adults-education-strict-sensu-researches-undertaken>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- ARAÚJO, Stephane Silva de; LEITE, Maria Cecília Lorea. A assistência educacional no sistema penitenciário federal – a penitenciária federal em Porto Velho/RO. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 395-415, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/675>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA – itinerários pelo direito a uma vida justa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.294p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.227p.
- BRASIL. Decreto Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal (LEP). **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: Poder Executivo, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De17210.htm. Acesso em: 17 maio 2022.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. **Legislação Republicana Brasileira**, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.
- BRASIL. Lei ordinária n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 17 maio 2022.
- BRASIL. Lei ordinária n. 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a lei nº 7210/84 de 11 de julho de 1984. Dispõe sobre a remição da pena por estudo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jun. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112433.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.
- BRASIL. Decreto nº 7.626, de 24 de novembro de 2011. Institui o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7626.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado n. 473, de 2017. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para tipificar o crime de divulgação de notícia falsa.

Legislação penal, 2017. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7313311&disposition=inline>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas Penais. Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (Sisdepen). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen). **Dados estatísticos do sistema penitenciário**. Brasília, DF: SNPP, 2021.

Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 30 jul. 2022.

DUARTE, Alisson José Oliveira; SIVIERI-PEREIRA, Helena Ornelas. Percepções de professores sobre crenças e valores sociais relacionados à profissão docente em escolas de unidades prisionais. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-16, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4588>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). **Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos (Regras de Nelson Mandela)**. Viena, Áustria: UNODC, 2015. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/justice-and-prison-reform/Nelson_Mandela_Rules-P-ebook.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). **Relatório global sobre o tráfico de pessoas**. Nova Iorque: Nações Unidas, 2018. ISSN: 2411-8443. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_TIP/Publicacoes/TiP_PT.pdf. Acesso em: 30 set. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (OnG Brasil). **Anuário brasileiro de segurança pública**, n. 15, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-15/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (OnG Brasil). **Anuário brasileiro de segurança pública**, n. 16., 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 302p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p. (versão digital)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 127p. (versão digital)

GOMES, Martha joana Tedeschi; CALDEIRA, Ademir Donizeti. Modelagem no cárcere: Educação matemática para a paz. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 44-57, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/598>. Acesso em: 30 ago. 2022.

HOUAISS CORPORATIVO. **Dicionário**. Disponível em:

<https://www.houaiss.net/corporativo/conheca.php>. Acesso em: 16 jul. 2022.

IBGE. **Estimativa populacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa201. Acesso em: 30 ago. 2022.

IBGE. **Estimativa populacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=estimativa+de+popula%C3%A7%C3%A3o+2021>. Acesso em: 30 ago. 2022.

JORDÃO, Maria Perpétua Socorro Dantas; WANDERLEY, Paula Isabel Bezerra Rocha. Adoção de Cidadãos Presos e Formação de Professores para a Prisão: Ações de Fraternidade Política e Direitos, aproximando a extensão universitária da ASCES e da UFPE no agreste pernambucano. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 373-387, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/668>. Acesso em: 30 ago. 2022.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Escola na ou da Prisão? **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 25-42, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tQrmp78mcFp47TrN4qhhtHm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

KOHAN, Walter Omar; NICODEMOS, Márcio. Escola, cárcere e pandemia: o que pode uma educação filosófica? **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-15, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4436>. Acesso em: 30 ago. 2022.

KROLAK, Lisa. **Books beyond bars: The transformative potential of prison libraries**. Hamburg: UIL, 2019.

MAXQDA. **Software para a análise de dados qualitativos**. Disponível em: <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>. Acesso em: 29 jun. 2022.

MELO, Felipe Athayde Lins de. Inflexões paradoxais: disputas e negociações na oferta de educação nas prisões de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 143-161, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/614>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NERY, Vanessa Cristina Giroto; GABASSA, Vanessa; KLER, Suellen Drumond; BARBOSA, Ana Maria da Silva. Tertúlia Literária Dialógica na prisão: experiência educativa freiriana para a humanização. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4678>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o estado da questão. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5-16, 2004. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2148>. Acesso em: 30 ago. 2022.

OKOLI, Chitu et al. Guia para realizar uma Revisão Sistemática de Literatura. **EAD em Foco**, v. 9, n. 1, p. e879-910, 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/748/359>. Acesso em: 30 ago.

2022.

OLIVEIRA, Leandra Salustiana da Silva; ARAÚJO, Elson Luiz de. A educação escolar nas prisões: um olhar a partir dos direitos humanos. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 177–191, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/633>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org.). **Educação escolar entre as grades**. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2007. 160p.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar na prisão: controvérsias e caminhos de enfrentamento e superação da cilada. In: DA SILVA LOURENÇO, Arlindo; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas: enfoques e perspectivas contemporâneas**. 2. ed. São Carlos, EdUFSCar, 2012. p. 267-285.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Políticas de formação de educadores para os espaços de restrição e de privação de liberdade. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 137-158, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/678>. Acesso em: 30 ago. 2022

ONOFRE, Elenice Mari Cammarosano. **Educação escolar na prisão: o olhar de alunos e professores**. 1. ed. Jundiaí: Paço Editorial, 2014. 196p.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar em prisões: brechas, apostas e possibilidades. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, p. 99-108, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7136940>. Acesso: 17 jan. 2022.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano; SANTOS, André Luiz Pereira Alves dos; BALDAN, André Santiago; CALDAS, Edla Cristina Rodrigues; OLIVEIRA, Marcos Melo de. Expectativas e anúncios de educadores: des(en)cobrimos a educação para pessoas em privação de liberdade. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-21, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4731>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PENNA, Marieta Gouvêia de Oliveira; BELLO, Isabel Malero; RODRIGUES, Ana Carolina Colacioppo. Educação em espaços de privação de liberdade no estado de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-20, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4367>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PEREZ, Deivis; ERCOLANO, Ruchelli Stanzani. Encontros com a prática: instrução ao sósia como dispositivo de transmutação da docência em prisão. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-20, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4748>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RESENDE, Selmo Haroldo de. Narrativas de presos condenados: um vocabulário da prisão. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 361–368, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/684>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SILVA, Ana Karla Loureiro da; SILVA, Maria da Conceição Valença da. Formação de professores/as no sistema prisional do Estado de Alagoas: avanços, limites e possibilidades. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4757>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SILVA, Rafael Pitwak Machado; YUKIZAKI, Suemy; PINTO, Benjamin Carvalho Teixeira. A educação a distância como uma modalidade de ensino nas penitenciárias federais. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 2, p.343-358, 2013. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/672>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SOUZA, Juliana Cavicchioli de; LOPES, Renice Ribeiro; FONSECA, Débora Cristina. Quando todas as portas se fecham: um ensaio sobre direitos humanos e encarceramento. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1–20, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4638>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TORRES, Eli Narciso da Silva; IRELAND, Timothy Denis; ALMEIDA, Susana Inês de. Diagnóstico da política de educação em prisões no Brasil (2020): o desafio da universalização. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 15, p. 1-16, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4696>. Acesso em: 30 ago. 2022.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres**: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Tradução: Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003. 157p. (Coleção Pensamento Criminológico).



Artigo 2

MEMÓRIAS E FRAGMENTOS DE SI:

o percurso de formação experiencial e profissional de uma professora da Educação Básica no contexto da EPJAI no cárcere

ARTIGO 2

MEMÓRIAS E FRAGMENTOS DE SI: o percurso de formação experiencial e profissional de uma professora da educação básica no contexto da EPJAI no cárcere

MEMORIES AND FRAGMENTS OF SELF: the path of experiential and professional training of a Basic Education teacher in the context of EPJAI in prison

RESUMO

Este artigo descreve o percurso de formação experiencial e profissional de uma professora da educação básica no contexto da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), cuja história de vida deve-se ao seu lugar de fala – educadora em uma unidade penal de segurança máxima. São questões centrais do estudo: de quais dimensões da experiência decorrem os processos de formação da educadora, especificamente na EPJAI? Em que momentos a memória e os fragmentos de si, dentro de uma história de vida, concorrem para a escolha e a construção de um objeto de pesquisa? Com base em pesquisas de Cavaco (2020), Josso (2004, 2009), Bondía (2002), Delory-Momberger (2012), Freire (1991), entre outros, busca-se compreender como se constituiu, e ainda se encontra em processo, a formação experiencial e profissional da docente. De abordagem qualitativa, apoiando-se na pesquisa biográfica, a construção das informações ocorreu por meio de uma entrevista biográfica, em março de 2022, e foi organizada por meio da perspectiva de tema, conforme Freire (1991). Os resultados indicam que os processos de formação da educadora foram construídos nas suas relações e interações sociais em três âmbitos: a) familiar, especificamente ao se perceber como sujeito autoral de sua história de vida e pertencente a um ambiente em que as pessoas não tiveram a oportunidade de frequentar a escola; b) escolar e acadêmico, nesse caso em particular, uma docente oriunda da EPJAI; c) profissional, quando as experiências de “cela de aula” arregimentam inúmeras possibilidades de prática e pesquisa, na vivência e participação direta na escolarização, aprendizagens e significação da escola e da vida de diversos indivíduos, compondo categorias e parâmetros para a escolha e a construção do objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa biográfica. História de vida. Educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Cárcere.

ABSTRACT

This article describes and understands the training and experience path of a basic education teacher in the context of the Education of Young, Adult, and Elderly People (EPJAI), whose life story is due to her place of speech - educator in a penal unit of maximum security. The biographical research, Cavaco (2020) and the dialogue with authors such as Josso (2004, 2009), Bondía (2002), Delory-Momberger (2012), and Freire (1991), among others, allow the analysis of how they were constituted, and The teacher's personal and professional training are still in process. The study's central questions are: From which dimensions of experience do the educator's formation processes derive in the EPJAI? At what moments do memory and fragments of self, within a life story, compete for the choice and construction of a research object? From a qualitative approach, the construction of information took place through a biographical interview, in March 2022, and was organized through the theme perspective, according to Freire (1991). The results indicate that the educational and experiential processes of the educator built in her social relationships in three areas: a) family, when perceiving herself as the authorial subject of her life story, and belonging to an environment in which people did not have the opportunity to attend school; b) school and academic, in this particular case, a teacher from EPJAI; c) professional when the experiences in the classroom bring together countless possibilities of practice and research, in the experience and direct participation in schooling, learning and meaning of the school, as well as of the life, of several individuals, composing categories and parameters for the choice and construction of the research object.

Keywords: Biographical research. Life's history. Education of young, adult, and older adults. Prison.

RESUMEN

Este artículo describe el recorrido de formación experiencial y profesional de una profesora de Educación Básica en el contexto de la Educación de Jóvenes, Adultos y Adultos Mayores (EPJAI), cuya historia de vida se debe a su lugar de habla - educadora en una unidad penal de máxima seguridad. Las preguntas centrales del estudio son: ¿de qué dimensiones de la experiencia derivan los procesos de formación del educador, específicamente en la EPJAI? ¿En qué momentos la memoria y los fragmentos del yo, dentro de una historia de vida, contribuyen a la elección y a la construcción de un objeto de investigación? Con base en las investigaciones de Cavaco (2020), Josso (2004, 2009), Bondía (2002), Delory-Momberger (2012), Freire (1991), entre otros, se busca comprender cómo se constituyó, y aún está en proceso, la formación experiencial y profesional del docente. Enfoque cualitativo, basado en la investigación biográfica, la construcción de la información se produjo a través de una entrevista biográfica, en marzo de 2022, y se organizó a través de la perspectiva del tema, según Freire (1991). Los resultados indican que los procesos de formación de la educadora se construyeron en sus relaciones e interacciones sociales en tres áreas: a) familiar, específicamente al percibirse como sujeto autor de su historia de vida y pertenecer a un entorno en el que las personas no tuvieron la oportunidad de asistir a la escuela; b) escolar y académica, en este caso particular, una maestra proveniente de la EPJAI; c) profesional, cuando las experiencias de "celda de aula" regimentan numerosas posibilidades de práctica e investigación, en la experiencia y participación directa en la escolarización, el aprendizaje y el sentido de la escuela y la vida de varios individuos, componiendo categorías y parámetros para la elección y construcción del objeto de investigación.

Palabras clave: Investigación biográfica. Historia de la vida. Educación de jóvenes, adultos y ancianos. La prisión.

Introdução

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIM, 1987, p. 37).

Entre o vivido e o lembrado, entrelaçando memória e fragmentos de si, este artigo descreve o percurso de formação profissional e experiencial de uma professora da educação básica no contexto da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI)¹³, cuja história de vida deve-se ao seu lugar de fala – educadora em uma unidade penal de segurança máxima, inspirada pelo pensamento de Josso (2007, p. 419), segundo o qual “[...] a história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão [...]”.

¹³ Optamos pela sigla EPJAI, no lugar da EJA - Educação de Jovens e Adultos (expressão mais citada e conhecida na área), buscando demarcar sua abrangência e diversidade no tocante a pessoas, contextos, políticas, currículos e práticas presentes nessa modalidade.

A pesquisa autobiográfica e o diálogo com os autores, como Josso (2004, 2007) e Delory-Momberger (2012) sobre história de vida, pesquisa biográfica e construção de processos identitários, Bondía (2002) sobre o lugar da experiência, entre outros, possibilitaram compreender como se constituiu, e ainda se encontra em processo, a formação pessoal e profissional da docente, em três momentos: a) a familiar; b) a escolar e a acadêmica; c) a profissão docente. Nesse âmbito, são questões centrais do texto: de quais dimensões da experiência decorrem os processos de formação da educadora, especificamente na EPJAI? Em que momentos, a memória e os fragmentos de si, dentro de uma história de vida, concorrem para a escolha e a construção de um objeto de pesquisa?

Tecemos, portanto, compreensões entre conceitos elaborados pelos autores Delory-Momberger (2012), Josso (2004, 2007), Bondía (2002), Freire (1991), entre outros, e as memórias compartilhadas pela educadora Cristiane¹⁴, narrando seu percurso de vida e formação, o que possibilitou compreender elementos constituidores de seu processo de escolarização na educação básica e na formação universitária e de atuação profissional no cárcere.

Tal trabalho compõe a dissertação de mestrado desenvolvida no contexto do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEEn), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e busca compreender os processos formativos da docente Cristiane, professora da educação básica, na modalidade EPJAI, em uma unidade penal, por meio de suas narrativas, pois, “[...] ao narrar experiências pessoais e coletivas, os sujeitos elaboraram conhecimentos sobre si e sobre seus mundos sociais, possibilitando por meio de suas experiências a construção de um conhecimento singular” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 291), elencando aspectos múltiplos para discussão e análise do pretendido tema de pesquisa.

Percurso metodológico

No intuito de responder às questões anteriores, recorreremos à “[...] investigação biográfica, no âmbito das Ciências da Educação, pois permite o estudo de fenômenos educativos e sociais complexos, que durante muito tempo estiveram ausentes na investigação científica, como é o caso da formação experiencial” (CAVACO, 2020, p. 263). Compreendemos que a pesquisa biográfica “[...] inscreve-se no quadro de uma das

¹⁴ Optamos pelo uso da terceira pessoa do singular ao relatarmos nossa experiência, na busca de um deslocamento entre a educadora e pesquisadora no cárcere.

questões centrais da antropologia social, que é a da constituição individual: como os indivíduos se tornam indivíduos?” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 523), em que a memória, história de vida e formação pessoal e profissional “[...]se articulam a partir de princípios da pesquisa qualitativa e da constituição de outros modos de ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências que se inscrevem nos domínios da formação dos adultos [...]” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 285).

Nesse sentido, respaldamo-nos na concepção de Freire (1991, p. 58), para quem “[...] ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. Destarte, “[...] o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma às suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Ainda segundo o autor,

[...] os trabalhos conduzidos sob o título da pesquisa biográfica sobre as relações entre processos de construção biográfica e processos de aprendizagem e formação que mostram os vínculos estreitos entre educação e individuação, educação e socialização, e que levam a redefinir a noção de educação, concebida como um processo amplo que abrange todas as formas da experiência vivida e adquirida. Da dimensão global do desenvolvimento individual no espaço social e na vida pessoal aos episódios específicos vividos nas instituições de ensino e de formação, das formas experienciais de formação e de aprendizagem encontradas na atividade profissional e na vida social ao papel dos ambientes e das mediações socioculturais, são todas as experiências, todos os espaços, todos os tipos de formação e de aprendizagem, formais, não formais e informais se disseminando ao longo da vida, que compõem o campo de uma aprendizagem biográfica referente à globalidade da pessoa (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 145).

Construímos as narrativas por meio de entrevista biográfica, na qual “[...] a interação social materializa-se no diálogo, na troca, na partilha e na comunicação entre o investigador e os sujeitos implicados na investigação” (CAVACO, 2020, p. 263), orientada por três tópicos específicos:

- a) experiência familiar: nesse tópico, buscamos averiguar os caminhos e descaminhos que conduziram a educadora nas escolhas pessoais e profissionais e de que forma essas opções incidem sobre sua prática docente;

- b) experiência escolar e acadêmica: procuramos, nesse aspecto, compreender a forma como esse conjunto de experiências, em momentos diversos, forjou o processo identitário da docente;
- c) experiência profissional: nesse aspecto, buscamos compreender vivências e experiências familiares, escolares e acadêmicas e suas implicações na forma de perceber os outros, particularmente, educandos privados de liberdade.

A entrevista¹⁵ foi realizada no dia 1º de março de 2022, das 9h às 12h, e totalizou cinco páginas de transcrição. A data fora assim escolhida por representar um dia mais tranquilo, o qual nos proporcionou retomar memórias, reconstruir vivências significativas que se transformaram em experiências, pois, segundo Josso (2009, p. 137), “[...] todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências”. A entrevista ocorreu com certo ar de informalidade, tendo como tópicos basilares os três momentos mencionados anteriormente, assegurando tempo-espço de escutas e compartilhamentos de saberes, processo inerente à perspectiva de realização de entrevistas biográficas.

A entrevista biográfica estabelece relações diretas com uma das categorias centrais da obra de Freire (1987), a dialogicidade, movimento dialogante construído, de forma respeitosa e horizontal, entre seres humanos que reconhecem o próprio inacabamento e abrem espaço para aprender com o outro. Na compreensão de Josso (2007), a pesquisa biográfica vai além de memórias solicitadas e provocadas pelo pesquisador acadêmico, pois abarca características da história de uma vida.

Para Delory-Momberger (2016, p. 142), “[...] as narrativas são materiais que vão permitir desvencilhar e constituir dados, incluindo qualitativos sobre as representações, as crenças, as práticas, os valores das categorias de populações [...]” a serem estudados, de modo que é necessária uma forte aproximação “[...] com as pessoas ou os grupos sobre os quais se investiga, desenvolver relatos de interação, uma relação interpessoal complexa e recíproca, na qual o pesquisador é ele próprio um ‘pesquisado’” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 142). Nesse viés, o nosso esforço científico levou em consideração a capacidade de realizar um distanciamento epistemológico necessário no processo de organização e interpretação das informações construídas, conforme indicamos no Quadro 1.

¹⁵ Este momento foi delineado durante as sessões de orientação e interações entre o educador José Jackson Reis dos Santos (PPGEn/UESB) e a mestrandia Cristiane Carmo dos Santos.

Quadro 1: Organização de informações para fins de análise

Participante	Fragmento Selecionado	Tema	Fonte e Ano
Cristiane	Uma vez, a conselho de uma nossa vizinha, a qual também mandava os filhos a esta escola, frequentei uma classe onde um professor leigo, por filantropia religiosa, alfabetizava as crianças e adultos em uma sala de sua casa. Recebemos o livreto: Método ABC: Ensino Prático para Aprender a Ler, uma cartilha muito utilizada na época; um caderno brochura de capa quadriculada azul e branco. Os bancos eram longos de madeira, e nós nos sentávamos em dupla. A repetição da cartilha no quadro de giz e o A, B, C maiúsculo e minúsculo cem vezes no caderno. A qualquer erro, éramos submetidos à palmatória. Por sorte, fiquei pouco tempo nesse ambiente.	Experiência familiar: primeiras lições	Entrevista biográfica, março, 2022
Cristiane	Lembro-me bem, aos 16 anos, após um período longo em um sítio no interior da Bahia, que voltávamos para a cidade. Nessa ocasião, fui matriculada em uma escola confessional católica, por meio de uma bolsa de estudos. Recordo-me ainda a composição da minha turma do 6º ano, antiga 5ª série: crianças entre 11 e 14 anos de idade, de uma classe econômica melhor favorecida. Envergonhava-me muito de mim. Eu era a aluna mais velha, mais alta e que parecia ter maior dificuldade em aprender.	Aproximações e encontro com a EPJAI: construção de caminhos na discência-docência e percurso acadêmico	Entrevista biográfica, março 2022
Cristiane	Lecionar em uma “cela de aula” para turmas de EPJAI é um desafio constante. O currículo é modificado de acordo com a necessidade imediata. O professor, quando se encontra ali, percebe o clima da cadeia, se está tudo tranquilo e se os estudantes estão relativamente calmos e participativos; se há alguma questão fora da “cela de aula” a exigir a atenção deles, como baculejos (revistas inesperadas), modificações na rotina interna, algum parceiro (como eles se tratam entre si) doente, sem atendimento médico, dia de visita, entre tantas outras intercorrências. A “cela de aula” é um termômetro. Porém, para mim, é muito ruim ver os alunos apáticos, como se estivessem atônitos. Quando percebo que o que trouxe para aquela aula não contagia, modifico na hora a metodologia. Contudo, tantas vezes, saio entristecida da cela, pensando se o que estou fazendo ali, de fato, contribui para a vida ali dentro e no dia em que eles estiverem fora dali.	Vivências na profissão docente	Entrevista biográfica, março 2022

Fonte: Entrevista biográfica, 2022.

O processo de organização das informações foi orientado pelo pensamento político-pedagógico de Freire (1987), na perspectiva da ideia de tema gerador. Para o autor, a investigação dialógica fundamenta-se na desconstrução da relação pesquisador-objeto. Ou seja, o primeiro não pode ser entendido como detentor universal do

conhecimento, e o segundo, apenas depositário. Elaborar temas na perspectiva freireana requer adentrar, de forma respeitosa, no mundo do outro, compreender suas angústias, anseios, demandas sociais. Em outras palavras,

[...] a investigação do ‘tema gerador’, que se encontra contido no ‘universo temático mínimo’ (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo (FREIRE, 1987, p. 55).

Nesse sentido, foi necessário mobilizar processos de sistematização dos dados capazes de apreender, de forma crítica, as situações-limites e, partindo delas, compreender e construir inéditos viáveis (FREIRE, 1987).

Do exposto, para este artigo, organizamos os dados em três temas, quais sejam: experiência familiar: primeiras lições; aproximações e encontro com a EPJAI; vivências na profissão docente.

Na sequência do texto, passaremos a refletir sobre o percurso de formação profissional e experiencial de Cristiane, tendo como referência as questões apresentadas na Introdução deste artigo, sistematizadas conforme Quadro 1.

Experiência familiar: primeiras lições

Nada mais incipiente do que, nesse caso, voltar o olhar as origens, quando as primeiras lições são advindas das relações pessoais: a experiência familiar. Nos dizeres de Saramago (1998, p. 41), “[...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós”. Assim, buscamos caminhos metodológicos que fornecessem pistas sobre a relevância das narrativas e memórias no processo de formação de uma educadora da EPJAI, Cristiane Carmo dos Santos, nascida no interior do estado da Bahia, no ano de 1973, mesmo ano em que a sua mãe concluía o Ensino Médio, antigo Curso de Formação de Professores, mais conhecido como Magistério. O seu nascimento, naquela circunstância, em uma família humilde e patriarcal, em que as “[...] relações sociais de gênero, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas e contraditórias, seja pela exploração da relação capital/trabalho, seja pela dominação masculina sobre a feminina [...]” (NOGUEIRA, 2010, p. 59) determinara o destino de sua mãe como dona de casa, sem que jamais tivesse o direito de exercer a docência como profissão.

Seu pai foi trabalhador autônomo, ora prestador de pequenos serviços à comunidade, ora vendedor de cereais nas feiras livres. Em suas atividades, transitava do

campo para pequenos comércios de cidades interioranas, dentro e fora da Bahia, para prover o sustento da família, composta por pai, mãe e duas filhas. A educação, naquele contexto, era a última coisa a ser priorizada, pois a necessidade de sobrevivência era o imperativo.

Seu pai vangloria-se de sua inteligência matemática. De forma experiencial, desenvolveu habilidades para os cálculos. Estudou até o segundo ano do Ensino Fundamental (conhecido anteriormente como segunda série do Curso Primário), o suficiente para escrever o seu nome e ler com dificuldade (BRASIL, 2017).

Consultando sua memória sobre as primeiras vivências escolares, Cristiane apresenta, em suas narrativas, comportamentos que evidenciam concepções, conteúdos, métodos e práticas da educação “bancária” (FREIRE, 1987), fortemente criticada por Paulo Freire:

Uma vez, a conselho de uma nossa vizinha, a qual também mandava os filhos a esta escola, frequentei uma classe onde um professor leigo por filantropia religiosa alfabetizava as crianças e adultos em uma sala de sua casa. Recebemos o livreto: Método ABC: Ensino Prático para Aprender a Ler, uma cartilha muito utilizada na época, um caderno brochura de capa quadriculada azul e branco. Os bancos eram longos de madeira, e nós nos sentávamos em duplas. A repetição da cartilha no quadro de giz e o A, B, C maiúsculo e minúsculo cem vezes no caderno. A qualquer erro, éramos submetidos à palmatória. Por sorte, fiquei pouco tempo nesse ambiente (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Para Josso (2007, p. 415), “[...] as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permitem colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”, algo, de tal modo, expresso pelas memórias de Cristiane, ao expor os sentimentos e as sensações materializadas:

Concluí o Ensino Fundamental I, antigo primário, em uma escolinha particular, muito simples, composta de somente uma turma multisseriada, mas que tinha a permissão de certificar que eu era apta a cursar o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) do antigo ginásio. Eu, por vários percalços da vida, fiquei muito ‘atrasada’, termo que algumas pessoas costumavam usar para referir-se a estudantes que não acompanhavam o ritmo escolar. Eu sentia muita vergonha ao encontrar com ex-colegas que seguiram a vida escolar normalmente e passavam de uma série a outra sem grandes problemas (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Ao revisitar os arquivos de sua memória, em um processo de (auto)reconhecimento, Cristiane reflete sobre sua formação pessoal, o modo como se deu seu ato de aprender. Essa práxis pode contribuir para a compreensão da formação docente mais sensível e humana, pois permite uma aproximação com o lugar do educando, uma vez que “[...] aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 1996, p. 12-13), trilhando o seu caminho profissional, (re)encontrando-se com a EPJAI, agora, em novo contexto.

Aproximações e encontro com a EPJAI: construção de caminhos na discência-docência e percurso acadêmico

Ao narrar suas experiências, Cristiane destaca a importância da EPJAI em sua trajetória de vida e formação:

Lembro-me bem, aos 16 anos, após um período longo em um sítio no interior da Bahia, voltamos para a cidade. Nessa ocasião, fui matriculada em uma escola confessional católica, por meio de uma bolsa de estudos. Recordo-me ainda a composição da minha turma do 6º ano, antiga 5ª série: crianças entre 11 e 14 anos de idade, de uma classe econômica melhor favorecida. Envergonhava-me muito de mim... Eu era a aluna mais velha, mais alta e que parecia ter maior dificuldade em aprender (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Desse modo, ela e sua irmã, após contínuas mudanças de cidade e, por conseguinte, de escola, foram, forçosamente, impelidas para a EPJAI. Recordando-se, emocionada, descreveu: “Aos 20 anos, logo após concluir o Ensino Fundamental, eu me casei. Outra vez, as circunstâncias me distanciaram da escola. Agora, era hora de trabalhar, cuidar dos filhos e manter a casa” (CARMO DOS SANTOS, 2022). Para Cristiane e para grande parte das pessoas jovens, adultas e idosas, sujeitos da EPJAI, a esperança em um futuro vinculada à educação torna-se distante; viver ou sobreviver o presente é o mais importante, o que ocasiona sérias consequências aos projetos de vida dos educandos em relação à educação e de escolarização, visto que a educação está sempre associada a um projeto de futuro, conforme sustenta Arroyo (2007).

Já aos 28 anos de idade e mãe de duas filhas, Cristiane retoma os estudos por meio da Comissões Permanentes de Avaliação (CPA)¹⁶. Comparecia à unidade escolar uma

¹⁶ Desde 1994, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia, através da Superintendência de Políticas para Educação Básica (SUPED), por meio da Diretoria de Educação e suas Modalidades (DIREM) e da Coordenação de Educação de Jovens e Adultos (CJA), responde pela Política de Certificação do Estado da Bahia. Neste ano também foram criadas as Unidades Certificadoras (UC) e suas Comissões Permanentes

vez por mês e realizava as avaliações. Pouco a pouco, completou o Ensino Médio e pôde, assim, sonhar com a universidade.

Dessa forma, por meio da EPJAI, Cristiane e sua irmã conseguiram ultrapassar barreiras físicas, espaciais, econômicas e sociais até o ingresso na universidade pública. Cristiane formou-se em Geografia, pela UESB, no ano de 2012. Sua irmã laureou-se em Artes Plásticas, pela *Accademia di Belle Arti di Bologna* (ABA - BO), Itália, em 2013.

Cristiane ingressou no curso de Licenciatura em Geografia (UESB), por meio do vestibular, no período noturno, e o concluiu em um período de cinco anos porque precisava trabalhar durante o dia para manter a família. Como afirma Arroyo (2021), era uma entre muitos “passageiros da noite”, compondo o coletivo dos mais pobres que precisam equilibrar-se entre o trabalho e os estudos, os quais transitam entre a esperança em um futuro sempre “esticado” e a necessidade de sobreviver o presente (ARROYO, 2007).

Contudo, nas afirmações de Cristiane, a seguir socializadas, aquele foi um momento fecundo para conhecer e conhecer-se, perceber suas fragilidades e potencialidades, além de possibilitar a sua inserção na rede estadual de ensino do estado da Bahia, por aprovação em concurso público, em 2013, e sua imersão em várias outras experiências pontuais organizadas e desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista (SMED).

Matriculei-me no curso de Geografia, na UESB, no dia 06 de março de 2006. A escolha por Geografia deve-se a um professor, em particular. Era um professor de meia idade. Muito fora do convencional, usava o pátio da escola como sala de aula. Muitas vezes, éramos mais de trinta estudantes e o professor sentados por terra, sob a sombra de frondosa figueira branca, desenhando o mapa mundo, com um galho, no chão. Na sala, muitas vezes, subia sobre a mesa para nos explicar o movimento das marés exercido pela a gravidade da lua. Era extremamente rigoroso, mas gentil. Naquela época, não havia programa para livros grátis na escola. Era obrigação do estudante prover todo o material. Eu tinha ido mal em uma avaliação e, como eu era bastante comprometida, ele me perguntou o que havia acontecido, se não havia

de Avaliação (CPA). Assim, as UC são a materialização de uma política pública que promove o aumento do nível de escolaridade da população baiana, através de Exames de Certificação e de seus saberes, adquiridos por meios formais e informais, ao longo de suas histórias de vida e de trabalho, regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN - Lei n. 9394/1996). Em 2022, a CPA passou a ser digital, Art. 1º. Reestruturar a Política Pública de Certificação do Estado da Bahia, através do Programa CPA Digital, situado na CJA e vinculado aos Núcleos Territoriais de Educação (NTE), as UC e ao Sistema de Gestão e Certificação *online*, com a competência de certificar jovens e adultos, no nível do Ensino Fundamental, a partir de 15 anos de idade, e Ensino Médio, a partir de 18 anos de idade, por meio dos exames de certificação estadual e nacional, de modo presencial digital ou impresso e/ou itinerante (BAHIA, 2011, 2022).

compreendido bem o conteúdo. Foi quando lhe disse que eu não tinha o livro. Na aula seguinte, ele me trouxe um livro bem velho, sem capa, e me perguntou se eu me importava em usar um livro velho. Foi marcante para minha vida! Forrei o livro com papel de pão e fiz muitos rabiscos como arte na capa (CARMO DOS SANTOS, 2022).

As primeiras vivências na docência deram-se na Educação do Campo¹⁷ com turmas de EPJAI, no ano de 2012, em diversos povoados do município de Vitória da Conquista. Na condição de educadora, buscou recordar-se da importância crucial dessa modalidade da educação básica em sua vida pessoal e profissional, dos desafios superados e aprendizados construídos, inclusive o acesso e cuidado com o material didático, as relações e proximidades com os professores, a figura de seu antigo professor, que, com um gesto aparentemente simples, marcou profundamente a vida de outras pessoas direta ou indiretamente (FREIRE, 1996, p. 47).

As atividades e os projetos vividos em sala de aula na condição de educanda possibilitaram a construção de caminhos para o tornar-se educadora, tendo como exemplo e referência o seu professor, evocando memórias de sua história de vida e suas representações, uma ação que permitiu traçar uma retrospectiva para extrair dela o que pensa ter contribuído para se tornar o que vem sendo, o que sabe sobre si (JOSSO, 2006), para, a partir daí, elaborar outras metas pessoais e profissionais.

Nesse viés, Cristiane vai aprendendo a tornar-se docente, o que demandou transitar entre os âmbitos escolar e acadêmico, na construção de uma experiência com o objetivo de “[...] possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” (FREIRE, 1996, p. 18), visto que “[...] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar” (BRANDÃO, 2007, p. 7), enfim, tornar-se profissional da educação, marcada por um compromisso ético-político e técnico-científico na construção cotidiana do conhecimento com os educandos.

¹⁷ “A Educação do Campo identifica uma luta pelo direito de todos à educação. Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (KOLLING; CERIOLO; CALDART, 2002, p.18).

Vivências na profissão docente

Na concepção de educação em Brandão (2007), o ato de aprender e ensinar envolve momentos e lugares distintos, com o olhar atento e a escuta mais sensível. A professora Cristiane, no percurso de vida, vai aprendendo a tornar-se educadora:

A primeira vez que lecionei para turmas da EPJAI foi em uma escola noturna no campo. Era uma turma multisseriada, com pessoas com idade entre 15 e 78 anos, adolescentes que, devido à distorção idade/série, foram direcionados, em conformidade com a legislação municipal, a cursar a EJA. Muitas escolas não ofereciam essa modalidade no diurno e, assim, muitos adolescentes foram obrigados a frequentar a escola no noturno, donas de casa, trabalhadoras do campo, alguns servidores da própria escola, pessoas trabalhadoras que chegavam cansadas da jornada de trabalho. Me vi refletida naquelas pessoas tímidas ou intimidadas frente à figura de um professor da cidade, supostamente detentor do conhecimento. Apesar do meu curso de licenciatura não ter oportunizado uma disciplina ou mesmo leituras sobre a Educação de Jovens e Adultos, existia uma familiaridade a qual me permitiu buscar mecanismos de aproximação dos conteúdos propostos com a realidade local de cada um (CARMO DOS SANTOS, 2022).

As narrativas da educadora coadunam com as reflexões de Arroyo (2021) no tocante à heterogeneidade e complexidade dos(as) sujeitos(as) da EPJAI, corpos marcados por itinerários precarizados, excluídos, que se equilibram entre estudo e trabalho, trabalho similarmente precário, que acabam por formar identidades distorcidas e menosprezadas, suscetíveis ao “fatalismo” (FREIRE, 1987), condição primordial para a exploração e a opressão.

Em 2017, após quatro anos de concursada, Cristiane lutava pela ampliação de carga horária (de 20h para 40h semanais), pois a remuneração dos profissionais de educação no contexto brasileiro, de forma geral e, em especial da educação básica, não possibilita ter a dedicação exclusiva.

Em várias idas ao Núcleo Territorial de Educação (NTE-20), ao pleitear uma vaga, saía sempre com uma negativa, até que, em maio de 2017, foi provocada pelo então coordenador do setor de recursos humanos a ocupar uma vaga na Escola Cactácea¹⁸ em sua cidade natal, como hora extra, ou seja, iria trabalhar e receberia um valor adicional, porém não condizente com o pagamento valor/hora destinado ao professor efetivo, a fim

¹⁸ Utilizamos o nome fictício “Cactácea” para a escola-campo de pesquisa, instituição inserida em uma unidade penal de segurança máxima, preservando, desse modo, o anonimato da escola, da docente e dos internos-estudantes participantes do estudo.

de garantir a sua permanência para, posteriormente, tentar a almejada ampliação, o que a deixou bastante aflita, conforme podemos perceber nesta fala:

No primeiro momento, foi como ferir-me com um espinho de um cacto. Angústia, medo, receio, incertezas pairavam em minha mente: como seria o ambiente no cárcere, visto que nunca havia estado nem, ao menos, visitado um? Qual o seu mecanismo de funcionamento? E as salas de aulas, seriam celas convencionais? Quanto ao material didático e instrumentos, o que poderia ou não ser utilizado? Havia restrição quanto ao conteúdo e forma de me dirigir aos apenados? Como abordar determinado conteúdo? Qual o perfil dos jovens, adultos e idosos em regime de cárcere? E o processo avaliativo: testes e provas convencionais, projetos individuais e coletivos, aprovações condicionadas ao sistema carcerário? A relação professor-aluno: nível de interação/proximidade, socializações de experiências, relatos abertos ou particularizados? Riscos: o trabalho não condizer ao esperado/determinado pela instituição; não conseguir adequar o meu trabalho à especificidade da turma; não ser aceita pela turma ou por um aluno, em especial. Foram tantos questionamentos! (CARMO DOS SANTOS, 2022).¹⁹

Entretanto, a prioridade e, em alguma medida, a curiosidade e o desafio falaram mais alto. E, assim, lá estava ela, no dia 15 de maio de 2017, em frente a um Complexo Penitenciário, pela primeira vez. Incauta, naquele encontro, não tinha dimensão, ao adentrar os muros e transpassar as grades, da complexidade daquele lugar. Sem nenhum tipo de orientação prévia nem sequer orientações sobre como trabalhar ali, as coisas foram tomando forma, após o contato com outros três colegas, que, também, eram recém-chegados à instituição.

Compreendia muito pouco ou nada das normas nem do que era possível a um educador desenvolver naquele espaço. A unidade escolar na qual foi lotada acabara de se vincular à educação formal em unidades prisionais, de modo que todos os envolvidos com aquela escola entendiam muito pouco sobre o fazer pedagógico específico no âmbito de uma unidade penal. Em seu cotidiano com os estudantes, nas socializações diárias, no diálogo, condição primordial para uma educação humanizadora e libertadora (FREIRE, 1987), o qual pressupõe uma escuta sensível para variadas histórias, repletas de desafios, sonhos e esperanças, foi tornando-se educadora “da” educação prisional.

Apresentamos a diferenciação feita por Julião (2016, p. 36) entre as preposições “da” e “na”, para distinguir as escolas em unidades penais de acordo com as práticas

¹⁹ No decorrer do texto, mais especificamente no terceiro artigo deste trabalho, aprofundamos, de forma analítica, as questões aqui suscitadas.

pedagógicas existentes. As escolas “da prisão” são aquelas pautadas em práticas próprias para as especificidades daquele ambiente e de seus estudantes internos; já as escolas “na prisão” são aquelas que transferem as práticas das escolas de outros contextos para o espaço prisional, isto é, “São geralmente experiências com propostas pedagógicas descontextualizadas da realidade do sistema prisional. São escolas que – por um acaso – estão **na prisão**” (JULIÃO, 2016, p. 36, grifo nosso).

Cristiane continuou descrevendo seu percurso, ambiente, rotina, transeuntes e sensações diárias:

Todos os dias, para chegar à unidade prisional, faço um percurso a pé, de, mais ou menos, 400 metros por uma estrada de terra batida, na qual o verde da vegetação rasteira das centenas de ‘dormideiras’,²⁰ as quais vou tocando por brincadeira, entrelaçam suas flores roxas a flores amarelas pelo caminho e vão aos poucos se misturando com a terra vermelha do latossolo; no céu azul, revoadas de periquitos fazem alvoroço. As cercas com velhas casas de João de barro²¹ que servem de sustentáculos para outros passarinhos e flores diversas vão ficando mais nítidas e, aos poucos, vão dando lugar à imensa estrutura de concreto. Quanto mais me aproximo, particularmente nos dias em que são permitidas as visitas²², observo como aquele espaço é complexo, quantas pessoas de diferentes idades, biotipos, na maioria, mulheres, filhas, mães para as quais o procedimento humilhante da revista, pela qual também passo, se tornou rotina (CARMO DOS SANTOS, 2022).

A curiosidade em saber sobre esses sujeitos, seus percursos interrompidos atraíram o seu olhar na busca de compreender esse coletivo de pessoas e as histórias dessas vidas, que, muitas vezes, foram “[...] banidas dessa sociedade e incluídas na ‘sociedade dos cativos’ caracterizada como ‘universidade do crime’, onde o preso **‘entra minhoca e sai cascavel’**, como retornarão à sociedade?” (ONOFRE, 2007, p. 26, grifo nosso). Inquietação como esta, posta por Onofre (2007), começava a ecoar cada vez mais alto em sua trajetória docente, exigindo dela “[...] querer saber mais, ensinar o que

²⁰ “A Mimososa pudica L. é uma espécie subarbusciva, ou até arbustiva, nativa da América neotropical, conhecida no Brasil como dormideira, dorme-dorme ou sensitiva. Pertence à família *Fabaceae*, subfamília *Caesalpinioideae* (a mesma do pau-brasil, *Paubrasilia echinata* [...] desde que foi descoberta chamou a atenção pela sua habilidade em mover rapidamente as folhas ao ser tocada, fechando os folíolos e baixando a folha. Por essa razão, foi nomeada por Linné com o epíteto específico de pudica, que quer dizer, mesmo em português, ‘tímida’, ‘envergonhada’” (PARISE, 2017, p. 50).

²¹ “O **joão-de-barro** (*Furnarius rufus*) é uma ave pertencente à família *Furnariidae* da ordem *Passeriforme*. Muito encontrado em paisagens abertas, como campos, cerrados e pastagens, habita principalmente as regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil” (FIGUEIREDO, 2022, s.p., grifo do autor).

²² Conforme determina a Lei de Execução Penal – Lei nº 7.210, de 1984, os internos têm garantido o direito a “[...] visita do cônjuge, da companheira, de parentes e amigos em dias determinados”. Na Escola Cactácea, essas visitas ocorrem, quinzenalmente, em dias úteis, excluindo as segundas-feiras (BRASIL, 1984, art. 37, inciso X).

interessa, para compreender o que ainda não sei e desaprender o que aprendi de forma inadequada” (CARMO DOS SANTOS, 2022).

À medida que aprofundava em leituras específicas, a exemplo de Foucault (1999), Onofre (2007), Julião (2016), entre outros, questionamentos sobre sua prática docente tornavam-se mais evidentes, levando a educadora Cristiane a refletir mais sensivelmente sobre seus estudantes. Ao ouvir suas histórias de vida, tantas vezes repletas de sentimentos de saudade, afeto, alegria e tristeza, decepções, envolvimento com o mundo das drogas e da violência, desejos de mudança e esperanças, questionava-se sobre o seu papel naquele lugar:

Lecionar em uma ‘cela de aula’ para turmas de EPJAI é desafio constante. O currículo é modificado de acordo com a necessidade imediata. O professor, quando se encontra ali, percebe o clima da cadeia, se está tudo tranquilo e se os estudantes estão relativamente calmos e participativos; se há alguma questão fora da ‘cela de aula’ a exigir a atenção deles, como baculejos (revistas inesperadas), modificações na rotina interna, algum parceiro (como eles se tratam entre si) doente, sem atendimento médico, dia de visita, entre tantas outras intercorrências. A ‘cela de aula’ é um termômetro. Porém, para mim, é muito ruim ver os alunos apáticos, como se estivessem atônitos. Quando percebo que o que trouxe para aquela aula não ‘contagia os meninos’, modifico na hora a metodologia. Contudo, tantas vezes, saio entristecida da cela, pensando se o que estou fazendo ali, de fato, contribui para a vida ali dentro e, no dia que chegar, fora dali (CARMO DOS SANTOS, 2022).

A fala da professora, nesse momento, entra em consonância com Bondía (2002), ao afirmar que o ser, transpassado pela experiência, torna-se um “[...] sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber [...]” (CARMO DOS SANTOS, 2022). Ao questionar-se sobre sua prática pedagógica, Cristiane, por meio da vivência, assume uma atitude de ser inacabado (FREIRE, 1996), em constante formação e transformação, que cria e recria a si mesma na dinâmica social e de interação humana.

Para Bondía (2002, p. 24-25), a “[...] experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Nesse sentido, experienciar é “[...] refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta

auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca” (FREIRE, 1979, p. 27).

A construção docente, portanto, é permeada por um encadeamento de saberes tecidos da subjetividade individual e coletiva, engendrados ao longo da vida e suas representações;

[...] a história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (JOSSO, 2007, p. 419).

Revisitar momentos significativos, suas representações, suas incompletudes e silenciamentos, conduz à reflexão sobre a própria formação, oportunizando a melhor compreensão da própria subjetividade e da do outro, potencializando a prática dialógica baseada no experienciado (FREIRE, 1987).

Para Bondía (2002, p. 27), “[...] a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Nesse contexto, a professora Cristiane foi se construindo docente na prática tendo como esteio sua história de vida. Segundo Josso,

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida (JOSSO, 2004, p. 43).

Os processos de formação de um educador, em especial de EPJAI, constroem-se com base em suas relações sociais, nos três âmbitos: a) familiar, mais especificamente, ao se perceber como sujeito autoral de sua história de vida e pertencente a um ambiente em que as pessoas envolvidas não tiveram, nem mesmo, a oportunidade de frequentar a escola; b) escolar e acadêmico, nesse caso particular, uma docente oriunda da EPJAI; c) profissional, quando as experiências de “cela de aula” arregimentam inúmeras possibilidades de prática e pesquisa, na vivência e participação direta da escolarização, aprendizagens e significação da escola e da vida, de diversos indivíduos. Conforme afirma Delory-Momberger (2016, p. 136), “o ser humano faz a experiência de si mesmo

e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência”, compondo categorias e parâmetros para a escolha e a construção do tema e do objeto de pesquisa.

Assim, concordamos com Felix (2022) em relação às dimensões da docência. Para a autora, a formação docente, em uma perspectiva emancipatória, está permeada pelas dimensões social, ética, utópica, cultural, política, afetiva, estética, pedagógica e técnico-científica. As particularidades da escola em espaço prisional, além das dimensões citadas, exigem ainda um olhar sensível e humanizado, cujas discussões dos Direitos Humanos sejam referência para as práticas docentes.

Das inúmeras práticas sociais que realizamos, eu e meus colegas professores, o momento da chegada no dia de visitas é sempre muito marcante. Dia desses, havia uma senhora, já de idade avançada, muito magra, semblante sofrido, chorava na guarita externa, ao perguntar para a funcionária de plantão sobre seu filho: ‘Ele está se alimentando? Você pode, pelo menos, me dizer se ele está bem? Perguntava, entre lágrimas, enquanto eu saía terminado meu expediente’ (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Pensar em um currículo que considere as peculiaridades da “cela de aula” no cárcere é um desafio constante para o campo da formação entendida como um *continuum*, sobretudo porque os cotidianos das práticas docentes exigem reelaborações permanentes e mudanças de rumo diante das circunstâncias locais a que estão submetidos os professores.

Fluxos de vida-formação em caminhos inconclusivos

Mas, se sou eu que me retrato, nada me amedronta (BEAUVOIR, 2009, p. 10).

E assim, refazendo sua trajetória ao recordar seu processo de experiência e de formação acadêmica, Cristiane confronta-se consigo mesma, revisitando suas fragilidades e, ao mesmo tempo, percebendo e reafirmando suas potencialidades.

Percebemos, assim, que o processo de formação da educadora não se deu no vazio; deu-se de acordo com as estruturas sociais, culturais, psíquicas, emocionais e afetivas e por meio das experiências e das interações sociais e humanas constituídas em contextos diversos: família, escola, universidade e no contexto de atuação profissional. Suas narrativas evidenciam o seu percurso de formação e suas implicações na própria vida; esse processo permite-lhe avaliar e reelaborar atitudes e vivências curriculares de forma mais consciente e comprometida com os internos-estudantes e, ao mesmo tempo,

reelaborar os processos de vida em curso.

Nesse sentido, ao tecer redes de sentidos e significados com o experienciado, a atividade biográfica contribui na reelaboração de processos identitários como fluxos de vida no tornar-se docente no espaço prisional, de várias formas e com intensidades diversas, reescrevendo e reapropriando-se de sua existência (CAVACO, 2020), possibilitando perceber-se como autora de sua própria história.

Cristiane evidencia a importância de suas memórias afetivas e históricas, ao se reencontrar consigo mesma, consciente de sua inconclusão e incompletude, características da natureza humana. Busca, nas tensões cotidianas vividas na “cela de aula”, constituir-se e tornar-se, esperançosamente, educadora capaz de contribuir com a (trans)formação de educandos internos no cárcere, mesmo diante de desafios e dilemas diversos vividos na realidade da escola situada nesse contexto.

Referências

- ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares. **REVEJ@-Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, 2007. Disponível em: http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- BAHIA (Estado). CEE. **Resolução nº 239**, de 2011. Disponível em: <https://cpadigital.educacaobahia.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BAHIA (Estado). **Portaria nº 191**, de 2022. Disponível em: <https://cpadigital.educacaobahia.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **A força das coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 1996, nova redação em 2017. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 7.210**, de 1984. Lei de Execução Penal. Brasília: Câmara dos Deputados, 11 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm. Acesso em: 14 jun. 2022.

CAVACO, Carmen. Investigação biográfica com adultos não escolarizados: a relação investigador-sujeito participante. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 33, n. 2, p. 261–278, 2020. Doi: 10.21814/rpe.19730. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/19730>. Acesso em: 10 ago. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação [online]**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Doi: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 16 ago. 2022.

CARMO DOS SANTOS, Cristiane. **Narrativas de uma docente do cárcere**. Entrevista concedida a Cristiane Carmo dos Santos e José Jackson Reis dos Santos. Vitória da Conquista, Bahia, mar. 2022.

FÉLIX, Débora de Andrade Fonseca. **Múltiplas dimensões da docência nas vozes de estudantes da Educação de Jovens e Adultos**. Orientador: Dr. José Jackson Reis dos Santos. 2022. 275f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

FIGUEIREDO, Aymam Cobo de. Joao-de-barro. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/aves/joao-de-barro/>. Acesso em: 22 maio 2022.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade: Projeto pedagógico**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educ. Pesqui.**, v. 32, n. 2, p. 373-383, ago. 2006. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdjwQC6LGVHJWXNb9753R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2022.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 22 maio 2022.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **Revista@ mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf. Acesso em: 22 maio 2022.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Escola na ou da Prisão? **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 25-42, 1 jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tQrmp78mcFp47TrN4qhhtHm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Revista Aurora**, v. 3, n. 2, p. 59-62, 31, dez. 2010. Doi: <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2010.v3n2.1231>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/1231>. Acesso em: 22 maio 2022.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Escola da prisão: educação escolar entre as grades. In: ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org.). **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007. p. 11-28.

PARISE, André Geremia. **Aprendizagem e comunicação em plantas: um estudo sobre transmissão de aprendizado em Mimosa pudica L. (FABACEAE)**. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Maia; Souza Coorientadora: Profa. Dra. Neusa Steine. 2017. 96p. TCC (Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/182049/Andr%C3%A9%20Geremia%20Parise%20TCC%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 maio 2022.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e

sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/sites/ppgmuseu.ufba.br/files/elizeuclementino.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.



Artigo 3

**SITUAÇÕES-LIMITES,
INÉDITOS VIÁVEIS
E OS CURRÍCULOS
PENSADOS PRATICADOS:**

**Experiências de círculos
de cultura no cárcere**

ARTIGO 3

SITUAÇÕES-LIMITES, INÉDITOS VIÁVEIS E OS CURRÍCULOS PENSADOSPRATICADOS: experiências de círculos de cultura no cárcere

RESUMO

Este artigo inscreve-se no campo da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI) em contexto de privação de liberdade, tendo como questão central de pesquisa: Quais situações-limites e inéditos viáveis encontram-se presentes, no campo do currículo *pensadopracicado* por uma docente e estudantes-internos em situação de privação de liberdade? São objetivos do estudo: a) Geral: Compreender situações-limites e inéditos viáveis presentes, no campo do currículo *pensadopracicado* por uma docente e estudantes-internos em situação de privação de liberdade; b) Específicos: b1) Compreender as situações-limites no processo de planejamento e desenvolvimento de práticas curriculares no cárcere; b2) Identificar e compreender os principais elementos que caracterizam práticas curriculares numa perspectiva de potencialização de inéditos viáveis em contexto de privação de liberdade. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Cactácea, situada no cárcere, no contexto de um município baiano, e envolveu uma docente e quinze internos-estudantes. No âmbito da pesquisa qualitativa, do tipo etnográfica, permeada por alguns dispositivos metodológicos da pesquisa colaborativa, mobilizamos categorias, conceitos e/ou postulados como panoptismo, inéditos viáveis, situações-limites, educação libertadora, currículo *pensadopracicado*. As análises possibilitaram identificar a intrincada relação entre negação de direitos sociais e o ingresso no sistema prisional, além de evidenciar a construção de currículos flexíveis, a exemplo dos movimentos curriculares vividos no contexto dos círculos de cultura, estes compreendidos como inéditos-viáveis na perspectiva do *Ser Mais*.

Palavras-chave: Currículos *pensadospraticados*. Educação em contexto de privação de liberdade. Educação libertadora. Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. Inéditos Viáveis. Situações-limites.

SITUATIONS-LIMITS, VIEWABLE INDEEDS, AND PRAISED CURRICULUMS: experiences of culture circles in prison

ABSTRACT

This article is part of the field of Youth, Adult, and Elderly Education (YOYAE) in the context of deprivation of freedom, and its main research question is: What limiting situations and feasible unpublished are present in the field of the curriculum thought-practiced by a teacher and students-interns in a situation of deprivation of freedom? The objectives of the study are: a) General: Understand the limit-situations and feasible unpublished present in the field of curriculum thought by a teacher and students-intern in the situation of freedom deprivation; b) Specific: b1) Understand the limit-situations in the process of planning and development of curricular practices in prison; b2) Identify and understand the main elements that characterize curricular practices in a perspective of potentization of feasible unpublished in context of freedom deprivation. The research was developed in the Cactacea School, located in a prison, in the context of a city of Bahia, and involved a teacher and fifteen inmate students. Within the scope of qualitative research, of the ethnographic type, permeated by some methodological devices of collaborative research, we mobilized categories, concepts, and postulates such as panopticism, feasible unpublished, limit-situations, liberating education, thoughtful curriculum-practiced. The analyses allowed us to identify the intricate relationship between the denial of social rights and entry into the prison system, in addition to highlighting the construction of flexible curricula, such as the

curricular movements experienced in the context of culture circles, understood as viable novelties from the perspective of Being More.

Keywords: Curricula thought-practiced. Education in the context of deprivation of freedom. Liberating education. Education of Young People, Adults, and Senior Citizens. Viable unpublished. Boundary Situations.

Entre grades e concreto, descobrindo caminhos

Neste artigo, buscamos descrever e compreender currículos *praticadospensados*²³ (OLIVEIRA, 2016) por uma educadora da educação básica, especificamente na modalidade Educação para Pessoas Jovens, Adultos e Idosos (EPJAI) em situação de privação de liberdade, tendo como referência categorias de análises freireanas, como “situações-limites”, “inédito viável”, “dialogicidade”, “Ser mais” e “Ser menos”, além dos conceitos presentes em Oliveira (2016), mais especificamente currículos “pensadospraticados”. Mobilizamos, ainda, a discussão sobre penoptismo, inspirada no pensamento de Bentham (citado por TADEU, 2008) e de Foucault (1999).

A educação para pessoas privadas de liberdade acontece por meio da EPJAI, uma vez que o Código Penal brasileiro considera penalmente inimputáveis menores de 18 anos (BRASIL, 2018). Essa modalidade educativa, composta por coletivos vários, notadamente grupos subalternizados, adquiriu *status* de modalidade da educação básica após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/1996, o que não se deu de forma neutra, mas em um campo de tensões políticas e pedagógicas entre as compreensões compensatórias e emancipatórias da educação. Tornou-se exigência legal referendada pela Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), de 1988, no Art. 205 (Redação da Emenda Constitucional nº 14, de 1996), em que o Estado prevê a garantia da educação a todos. O Art. 208 complementa: “[...] I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988/1996, art. 205).

Esse episódio recente da história educacional brasileira demarca conquistas no campo social. Contudo, a EPJAI, dentro de sua heterogeneidade, continua a ser menosprezada na esfera das políticas públicas, sendo o grupo de pessoas privadas de liberdade a parte mais invisibilizada, pois, para além dos aspectos mencionados, esse grupo sofre o preconceito da sociedade, a qual entende como privilégio o direito à educação (ONOFRE, 2015).

²³ Utilizamos aqui o neologismo criado por Oliveira (2016) por concordarmos com a autora no tocante à indissolubilidade da prática e teoria na construção do currículo.

A oferta da educação para pessoas privadas de liberdade, no Brasil, ocorre em consonância com recomendações, determinações e legislações, tanto nacional, quanto estadual, tais como: Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, que institui a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984), na qual o Art. 10 determina, como dever do Estado, a assistência ao preso e ao interno, na prevenção do crime, orientando o retorno e a convivência em sociedade; CRFB de 1988 (BRASIL, 1988), a qual garante a todos os cidadãos brasileiros e estrangeiros residentes no país, igualdade perante a lei, sem preconceitos ou discriminação de qualquer tipo e a inviolabilidade do direito à vida e à educação; Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), Lei nº 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996), garantindo, no Art. 5º, o acesso ao ensino fundamental enquanto direito público subjetivo a todos os grupos sem distinção; Resolução nº 2, de 19 de maio de 2010, que “dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais” (BRASIL, 2010a, s.p.); Parecer CNE/CEB nº 4, de 2010 (BRASIL, 2010b); Lei nº 12.433, de 2011, “[...] que altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho” (BRASIL, 2011, s.p.); Resolução nº 43, do Conselho Estadual de Educação (CEE), de 14 de julho de 2014, ao tratar da “[...] oferta, pelo Sistema Estadual de Ensino, da Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, para pessoas em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais do Estado da Bahia” (BAHIA, 2014, s.p.); Lei nº 13.559, de 11 de maio de 2016, que “[...] aprova o Plano Estadual de Educação da Bahia e dá outras providências” (BAHIA, 2016, s.p.).

No âmbito internacional, o Brasil, sendo signatário da Organização das Nações Unidas (ONU), segue as recomendações contidas nas “Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos”, também conhecida como Regras de Nelson Mandela, que enfatizam argumentos normativos, ratificando: “[...] tanto quanto for possível, a educação dos reclusos deve estar integrada no sistema educacional do país, para que depois da sua libertação possam continuar, sem dificuldades, os seus estudos” (UNODC, 2015, p. 33). Assim sendo, a educação em espaço prisional é uma garantia e um direito legal.

Se a EPJAI carrega consigo a marca da diversidade, a EPJAI para pessoas privadas de liberdade transcende seus próprios limites, uma vez que essa demanda da educação básica é composta por coletivos vários: quilombolas, indígenas, pessoas com deficiências

(em suas múltiplas faces), estrangeiros, indivíduos em vários estágios de aprendizagem, de idades e situações econômicas variadas. Pensar um currículo (ou currículos) numa perspectiva emancipatória é, desse modo, um desafio constante.

Nesse panorama, a educação em espaços prisionais requer dos educadores transitar entre as várias dimensões da prática educativa, desde a dialogicidade, à ética, à diversidade cultural, aos saberes da experiência dos educandos, “[...] como um conjunto de princípios educacionais orientadores da prática profissional docente” (SANTOS, 2010, p. 158). Esse conjunto de práticas docentes incide diretamente na construção do currículo, uma vez que este, como resultado de criações cotidianas, é produzido por intermédio das singularidades e regras impostas, subordinadas a interesses econômicos, transpassadas pelas subjetividades dos sujeitos da educação; é feito e refeito na prática e reflexão sobre esta, combinado a uma gama de elementos (materiais e emocionais), os quais o tornam único, em “pensadopracicado” (OLIVEIRA, 2016).

Para Oliveira (2016, p. 8), o currículo é “[...] sempre provisório e, por isso, recriado cotidianamente, de diálogos e enredamentos entre conhecimentos formais [...] e outros conhecimentos aprendidos pelos *praticantespensantes* por meio de outros processos”. Por não se tratar de uma receita pronta e imposta, os currículos *pensadospraticados* propiciam práticas emancipatórias ao promoverem relações “ecológicas” entre conhecimentos e culturas diversas, levando a apreensões de mundo mais democráticas, apoiadas na solidariedade e no diálogo entre díspares (OLIVEIRA, 2016). Oliveira (2016) compreende os currículos como criações cotidianas dos *praticantespensantes* e são produzidos dentro das singularidades e especificidades de cada grupo; são mutáveis e interagem com as emoções e condições de cada espaço.

Sob essa perspectiva, esta fase da pesquisa acompanhou e investigou, sistematicamente, o(s) currículo(s) *pensado(s)praticado(s)* por uma educadora da EPJAI e seus educandos privados de liberdade, tendo em vista as particularidades da modalidade, bem como as naturezas conflitantes das instituições: Escola – premissa de libertação; Prisão – premissa centrada na punição. Tendo como referência tal realidade, emerge a questão: Quais situações-limites e inéditos viáveis encontram-se presentes, no campo do currículo *pensadopracicado* (OLIVEIRA, 2016), por uma docente e estudantes-internos em situação de privação de liberdade? Outros questionamentos foram se somando ao propósito investigativo, como: Quais situações-limites estão presentes no processo de configuração de práticas curriculares no cárcere? Quais práticas curriculares são potencializadoras do inédito viável em contexto de privação de liberdade?

Intentando responder às questões anteriores, são nossos objetivos: a) Geral: Compreender situações-limites e inéditos viáveis presentes, no campo do currículo *pensadopracicado* por uma docente e estudantes-internos em situação de privação de liberdade; b) Específicos: b1) Compreender as situações-limites no processo de planejamento e desenvolvimento de práticas curriculares no cárcere; b2) Identificar e compreender os principais elementos que caracterizam práticas curriculares numa perspectiva de potencialização de inéditos viáveis em contexto de privação de liberdade.

Situando brevemente o contexto da pesquisa

A disciplina, às vezes, exige a cerca (FOUCAULT, 1999). De acordo com o pensamento de Foucault, o poder disciplinar é uma técnica de gestão de pessoas usada para controlar uma multiplicidade de indivíduos, uma vez que a disciplina imposta pela vigilância constante molda os corpos em “corpos dóceis”, corpos que não se revoltam e são passíveis de submissão. Otimizando a vigilância, cria-se um poder exercido pelo medo de quem está sendo observado, o que faz com que seja mais fácil administrar um contingente maior de pessoas por um pequeno grupo (FOUCAULT, 1999).

Com esse objetivo, o filósofo e jurista Jeremy Bentham, em meados do século XVIII, concebe o panóptico como um lugar de controle totalitário. Na perspectiva arquitetônica, segue o padrão de um mundo utilitarista no qual tudo é absolutamente artificial, tudo o que nele existe está ali por uma razão. Tudo é minuciosamente esquadrihado. “Tudo ali é exatamente medido, sem excedente, nem falta. As articulações, os dispositivos, as manipulações. Por toda parte, máquinas” (TADEU, 2008, p. 93).

Michael Foucault (1999) dedicou parte de seu esforço intelectual a demonstrar o poder exercido pelo padrão panóptico na sociedade contemporânea. Segundo o autor, a consequência mais importante do panóptico é a de exercer no detento uma condição permanente de visibilidade, a qual garante o funcionamento instintivo do poder. A vigilância, nessa perspectiva, encontra-se no próprio sujeito que se pensa observado, fazendo com que “[...] esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores.” (FOUCAULT, 1999, p. 225).

Nesse panorama panóptico, situa-se o *lócus* das investigações, a Escola

Cactácea²⁴, responsável pela Educação (nas etapas Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio) na instituição prisional e socioeducativa da cidade de Vitória da Conquista, situada no interior do estado da Bahia. A opção por essa escola advém do fato de que, desde o início de suas atividades, em 15 de outubro de 1982, a unidade escolar oferece, exclusivamente, a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), motivo pelo qual, em 2017, a SEC-BA vinculou as suas atividades à educação prisional em 2018, tornando-a exclusiva do sistema prisional; em 2022, esta foi vinculada também à Comunidade de Atendimento Socioeducativo (Case)²⁵, sistema socioeducativo.

Deste modo, a escola passou a atuar exclusivamente, até o ano de 2022, na mesma estrutura física de um conjunto penal de segurança máxima, no qual cinco celas – uma em cada uma das galerias existentes em dois pavilhões – foram adaptadas para a realização das aulas, as quais ocorrem sob a observação esporádica de um monitor de ressocialização prisional²⁶, profissional responsável pela segurança e que acompanha o trabalho ali realizado pelo lado superior e externo à cela, além da presença da câmera panorâmica visando assegurar vigilância constante.

Entre grades, muros e espinhos: os Mandacarus, colaboradores da pesquisa

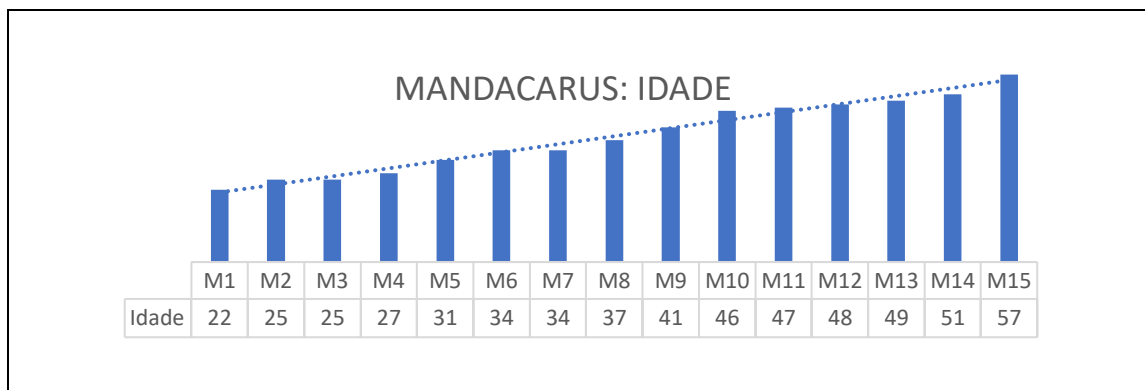
O mandacaru (*Cereus jamacaru* P.) é uma espécie de vegetação da família Cactácea, nativo da Caatinga brasileira e adaptado às condições de intenso xerofitismo (capacidade de tolerar longo período de estiagem); cresce em solos pedregosos e se caracteriza sobremaneira por apresentar rígidos espinhos (DA SILVA; ALVES, 2009). A nossa analogia justifica-se pela capacidade de as pessoas em privação de liberdade transitarem entre diversas situações antagônicas, relativas à negação de direitos sociais legalmente adquiridos. Contudo, similarmente aos mandacarus, os estudantes, embora em ambiente hostil, preservam a capacidade de refletir criticamente sobre si e suas ações na busca criativa por superar situações-limites e alcançar inéditos viáveis.

A turma Mandacaru é composta por quinze estudantes privados de liberdade pertencentes a diferentes faixas etárias, entre vinte e dois e cinquenta e sete anos, conforme o Gráfico 1.

²⁴ Nome fictício da escola estudada como forma de manter o anonimato dos colaboradores da pesquisa.

²⁵ Comunidade de Atendimento Socioeducativo (Case) Wanderlino Nogueira Neto.

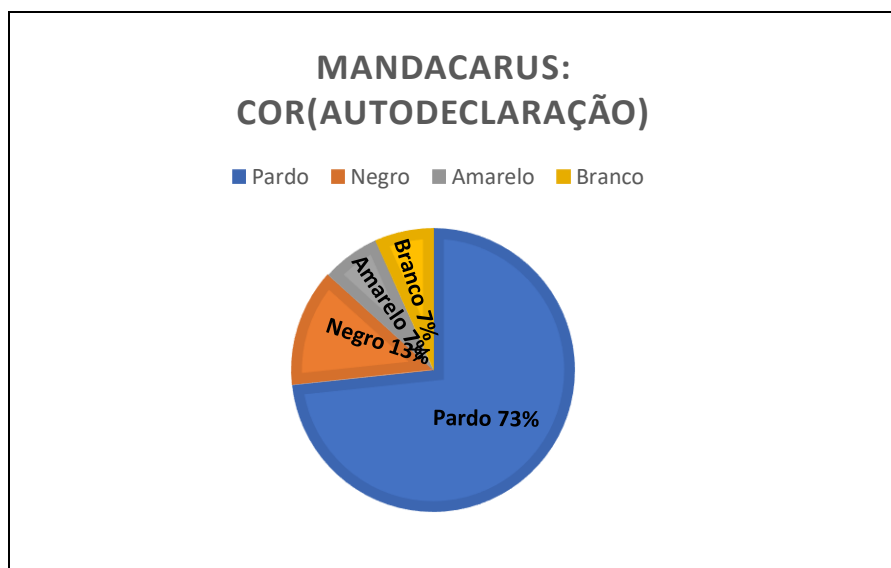
²⁶ Conforme a Classificação Brasileira de ocupações (CBO), são atribuições dos monitores de ressocialização prisional “[...] controlam o acesso de pessoas e veículos em unidade penal e conduzem presos ou internados para desenvolvimento de atividades culturais, esportivas, escolares, laborativas, recreativas e ressocializadoras”. Disponível em: <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimentacao.jsf>. Acesso em: 26 set. 2022.

Gráfico 1: Idade dos colaboradores da pesquisa

Fonte: Elaborado por Carmo (2022).

A ordem simbólica (de M1 a M15) obedeceu ao número crescente de idade e corresponde a dizer que os colaboradores da pesquisa são jovens e adultos, com idade concentrada na adultez, entre 29 e 57anos. Para assegurar o anonimato dos colaboradores, ao longo do texto trabalhamos com codificações partindo de M1 (Mandacaru 1) até M15 (Mandacaru 15).

Quanto à cor/raça²⁷, os participantes autodeclararam-se em 4 grupos, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2: Autodeclaração dos colaboradores da pesquisa

Fonte: Pesquisa direta da autora (2022).

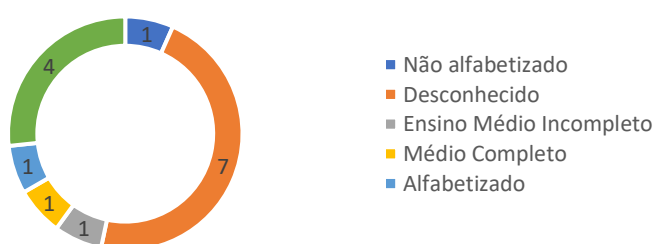
Ao observarmos o Gráfico 2, notamos que a porcentagem de participantes que se autodeclararam como negros e pardos corresponde a 86%, dado que coincide com os

²⁷ Empregamos a classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

números nacionais. Quanto à escolaridade, 100% têm o Ensino Fundamental incompleto; seis deles cursaram até o sexto ano; dois são alfabetizados, com pouco domínio da leitura e da escrita; quatro cursaram o oitavo ano; dois desistiram antes de concluir o sexto ano; e um não soube responder.

A formação escolar dos Mandacarus reflete a formação escolar de seus pais e de suas mães (os números declarados pelos estudantes quando a formação escolar dos pais e a das mães coincidiram), como exemplifica o Gráfico 3.

Gráfico 3: Nível de escolaridade de pais e mães dos colaboradores da pesquisa



Fonte: Pesquisa direta da autora (2022).

No contexto dos cento e noventa (190) estudantes matriculados na escola Cactácea no semestre letivo 2022.1, distribuídos em dez turmas nos turnos matutino e vespertino, selecionamos a turma *Cereus jamacaru*²⁸ (MANDACARUS), no turno matutino, como partícipe da nossa pesquisa. Tal preferência valida-se por se tratar de um grupo de pessoas, as quais, majoritariamente, foram sentenciadas²⁹; por esse motivo, a rotatividade, característica das escolas da EPJAI, com mais força as escolas de EPJAI prisionais, é menor que nas demais turmas.

A escola Cactácea, até o ano de 2022, ofereceu o curso Tempo de Aprender, cujo currículo era organizado por eixos temáticos ofertados semestralmente. O Tempo de Aprender I corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º); já o Tempo de Aprender II corresponde aos anos específicos do Ensino Médio. O curso fora oferecido até o final do ano de 2022 e estava organizado em semestres letivos semipresenciais, com a possibilidade de os internos cursarem três componentes curriculares por semestre. A educadora Cristiane Santos do Carmo, autora da dissertação, ministrou aulas no componente curricular de Geografia, nessa turma que, oficialmente, correspondia ao

²⁸ Nome científico do mandacaru.

²⁹ Pessoa que já recebeu uma condenação por decisão judicial, passando a cumprir a pena que lhe foi aplicada em sentença (BRASIL, 1984).

Tempo de Aprender I.

O semestre letivo 2022.1 iniciou-se com 23 internos-estudantes e chegou ao final com quinze estudantes, com quem interagimos, colaborativamente, desde o início das atividades letivas.

Marchando entre grades, muros e vigilâncias: o percurso metodológico

A crise do “paradigma dominante” (SANTOS, 2006) evoca questionamentos basais: Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? As ciências cartesianas, detentoras do *status* de superioridade e verdades absolutas, mostram-se insuficientes em elucidar as inúmeras contradições dispersas no tecido social. Partindo desse entendimento, a nossa opção metodológica insere-se na abordagem qualitativa, do tipo etnográfico, apoiando-se, ainda, em dispositivos da pesquisa colaborativa, a qual tem em seu cerne a atividade reflexiva sobre a prática, uma vez que essa abordagem representa um modo de fazer pesquisa “com” e não “sobre” os indivíduos, compreendidos como **colaboradores**, partícipes do processo de construção do conhecimento (DESGAGNÉ *et al.*, 2002).

Assim, encontramos na etnografia instrumentos que nos possibilitam compreender as relações e interações de um grupo de pessoas em sua complexidade, aproximando-nos dos sujeitos e deixando-nos afetar por eles, com o propósito de obter o maior número possível de informações, seja por anotações de forma próxima, seja por meio de notas (diários de campo); gravação sonora (entrevistas e outros registros); fotografias ou registros cinematográficos (LAPLANTINE, 2003; PEIRANO, 2014).

Lévi-Strauss (1985, p. 14) afirma que a “[...] etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade [...] visando à restituição, tão fiel quanto possível, do modo de vida de cada um deles”. Desse modo, o autor sugere o desenvolvimento do trabalho de campo como basilar.

Nessa perspectiva, encontramos nos “Círculos de Cultura” (FREIRE, 1978) potentes dispositivos colaborativos, uma vez que oportunizam o diálogo por meio de debates entre grupos, buscando com eles, e não para eles, elucidar situações-problema e possibilidades; em outras palavras, são uma forma de pensar junto, de fazer junto (FREIRE, 1967), a partir das narrativas dos indivíduos envolvidos, os quais, em muitas circunstâncias, são vozes silenciadas das propostas curriculares.

Para Freire (1978), um Círculo de Cultura não é uma receita pronta a ser aplicada; é, sobretudo, um movimento coletivo, criticamente pensado na realidade específica de

cada grupo; é um processo de compartilhamento de conhecimentos, saberes, preparado e estruturado sobre três pilares principais: a) Palavra geradora e/ou tema gerador; b) codificação da realidade; c) descodificação da realidade. As palavras e temas geradores precisam estar associados a temáticas debatidas nos Círculos de Cultura; seus temas são voltados à realidade dos educandos, possibilitando discussões e tomadas de consciência sobre a condição de vida e as possibilidades de mudança no grupo de pertença. O segundo pilar, a “codificação”, é a representação da realidade por meio de elementos vários (imagens, textos, histórias, entre outros) e não são objetos aleatórios; são elementos que representam a vivência do grupo e vão além do objeto em si, representando a realidade em que se inserem. A “descodificação”, por sua vez, é a leitura crítica da realidade circunscrita. É o momento do diálogo e das socializações coletivas, das criações colaborativas.

A nossa opção pelos Círculos de Cultura, na perspectiva freireana, justifica-se por possibilitar a diagnose de “situações-limites” e a construção de “inéditos viáveis”, duas categorias de análises fundamentais em nossa pesquisa, conforme discutimos em artigos anteriores.

No âmbito da pesquisa, organizamos seis (06) Círculos de Cultura, mobilizando distintos dispositivos metodológicos com a intenção de alcançar os objetivos apresentados na Introdução deste artigo.

Círculos de cultura e seus processos de construção e desenvolvimento

Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou (Heráclito de Éfeso apud COSTA 2002, p. 205).

Ao convocarmos Heráclito de Éfeso (apud COSTA 2002), com a sua teoria milenar da eterna impermanência, na qual a única concretude existente assenta-se na mudança, enfatizamos a nossa concepção de currículo como uma construção cotidiana, móvel, contínua, permeada pela subjetividade dos agentes envolvidos no processo educacional (OLIVEIRA, 2016), e o seu poder regulador, formador e transformador da cultura escolar, pela intermediação didático-pedagógico dos educadores e suas subjetividades (SACRISTÁN, 2007).

Numa perspectiva emancipatória, o diálogo é fundamental para a construção de uma consciência crítica e reflexiva sobre aquilo que se experiencia. Desse modo, a

construção cotidiana dos currículos requer a ação dialógica entre discentes e docentes (FREIRE, 1967).

Partindo dessas perspectivas, os seis Círculos de Cultura foram planejados, sistematizados e vividos por meio de diferentes temáticas. O primeiro ocorreu no mês de setembro de 2021 em formato remoto, motivo pelo qual se fez necessário o uso das tecnologias possíveis e permitidas no espaço prisional. Considerando o ano do centenário de Paulo Freire, 2021, foram exibidos vários documentários sobre vida e obra desse educador e a contribuição de seu pensamento para a educação.

Na ocasião, o Brasil já havia começado as campanhas de vacinação contra a pandemia da Covid-19, contudo com o distanciamento e, conseqüentemente, as visitas e atividades letivas nas unidades penais do estado da Bahia estavam suspensas³⁰. As aulas na rede estadual (suspensas no dia 18 de março de 2020, retornando no formato remoto em fevereiro de 2021) estavam ocorrendo no formato virtual; na escola Cactácea, as aulas eram gravadas, e, por meio de um monitor de turma, as atividades eram repassadas e desenvolvidas pelo grupo. A elaboração das atividades ocorreu com a efetiva participação dos monitores de cada turma, com os quais eram realizadas reuniões quinzenais. Em um primeiro momento, ocorriam videoconferências entre os professores e monitores, nas quais eram expostas inquietações, dúvidas e possibilidades de trabalhar os conteúdos. Nesse contexto, realizamos o nosso primeiro Círculo de Cultura (Foto 1).

³⁰ “Em concordância com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e suas ações para o enfrentamento da Pandemia COVID-19, o governo do estado de Bahia, por meio dos Decretos n° 19.529 e 19.549, suspendeu as atividades letivas presenciais em todo o estado, bem como as atividades letivas em unidades penais por meio da Administração Penitenciária e Ressocialização (SEAP), através da Resolução n°. 049, de 17 de março de 2020, art. 4º as aulas foram suspensas em todo território” (BAHIA, 2020, s.p.).

Foto 1: Círculo de Cultura 1: Centenário de Paulo Freire: Educação e liberdade



Fonte: Arquivo da autora, 2021.

Círculo de Cultura 1: Centenário de Paulo Freire: Educação e liberdade

Para a preparação do Círculo de Cultura, realizamos uma reunião via *Google Meet* com seis estudantes internos (cada um deles monitor de suas respectivas turmas), quatro educadores, dois agentes de segurança e um membro da equipe pedagógica da empresa terceirizada³¹ responsável pela gestão do conjunto penal. Nesse momento, ouvimos as inquietações dos monitores e suas contribuições para o andamento do ano letivo.

Nos componentes curriculares Geografia e História, ministrados pela professora Cristiane³², foi sugerido, aos monitores, que averiguassem com os demais colegas (neste caso, especificamente da turma Mandacarus), dentro daquele contexto pandêmico de isolamento, sem a possibilidade de visitas, quais temáticas viriam mais à tona.

Assim, os monitores reuniram-se com os estudantes da Mandacarus, no dia 1º de setembro de 2021, e receberam um *pendrive* com a música “Mais uma vez”, composição de Renato Russo, e o curta-metragem “Vida Maria”. Foi solicitado ao monitor que exibisse o material com a mínima interferência na percepção dos educandos e deixasse um período de alguns minutos entre uma obra e outra para a socialização das impressões do grupo. Após a exibição, foi solicitado aos monitores que anotassem as questões mais discutidas pelo grupo; esse relatório foi entregue à responsável pelo setor pedagógico da

³¹ Embora a infraestrutura física do local seja estatal, é gerenciada por uma empresa privada por meio de licitação. Optamos, neste artigo, em manter o anonimato da empresa.

³² Nome fictício, selecionado pela própria docente, como mecanismo de preservação da sua identidade.

instituição, a qual nos enviou por meio digital.

No segundo momento, ocorreu a preparação do Círculo de Cultura. Seguindo os passos indicados por Freire (1967), após o debate ocorrido entre os educandos, foram apresentados, pelo próprio grupo, problemas que gostariam de debater, sendo selecionadas as “palavras geradoras” dentro do universo vocabular da turma Mandacarus (FREIRE, 1967). Dessa primeira sessão, destacou-se a ocorrência das seguintes palavras e expressões: cidadania, cuidar, Covid-19, família, importância da educação, saber escrever para continuar a comunicação com as pessoas aqui fora e liberdade.

No dia 15 de setembro, ao monitor de turma, foi entregue o *pendrive* com o documentário “As 40 Horas de Angicos - Paulo Freire Experiência no RN”, além de fragmentos do documentário “40 Horas na Memória”. A professora Cristiane gravou uma aula de 22 minutos; ao passo que discorria sobre a importância da educação e da figura de Paulo Freire para a educação nacional e internacional, imagens de cidades sertanejas iam sendo projetadas ao fundo. Após a explanação, os educandos internos foram questionados, em havendo a possibilidade de falar com Paulo Freire pela passagem do seu centenário, sobre o que eles lhe escreveriam. Foi-lhes entregue papel pautado, canetas e cartões de aniversário para a execução da atividade e, caso se sentissem à vontade, deixassem uma palavra para Freire.

Cartas dos Mandacarus

Recebemos 15 cartas acompanhadas por cartazes e cartões de felicitações, como as que seguem, a título de exemplo:

Senhor Paulo Freire, não tive a feliz oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, mas, na hipótese de que hoje isso fosse possível, teria algumas solicitações e indagações a fazer-lhe, que, certamente, seriam compreendidas e respondidas com sabedoria e bom-senso que lhe era peculiar.

Escrevo-lhe não como representante de nenhuma organização, entidade de classe ou órgão governamental, sou simplesmente um, entre milhões de brasileiros, sem voz nem visibilidade, mas que tem uma genuína preocupação com a Educação em nosso país. Creio que, acertadamente, escrevi a palavra “Educação” com maiúscula porque assim a vejo, devido à grandeza de sua importância.

[...]

Semelhantemente à sua forma de pensar, também creio que o aprendizado deva ser idealizado e construído pela junção entre uma informação universalizada com os conhecimentos populares que o indivíduo adquiriu no contexto social em que vive.

Realmente, acredito que a educação que forma uma nação não deva simplesmente ser importada de outro contexto social que ele funcione bem. Seria como aceitar o olhar do dominante, como o único possível. [...]

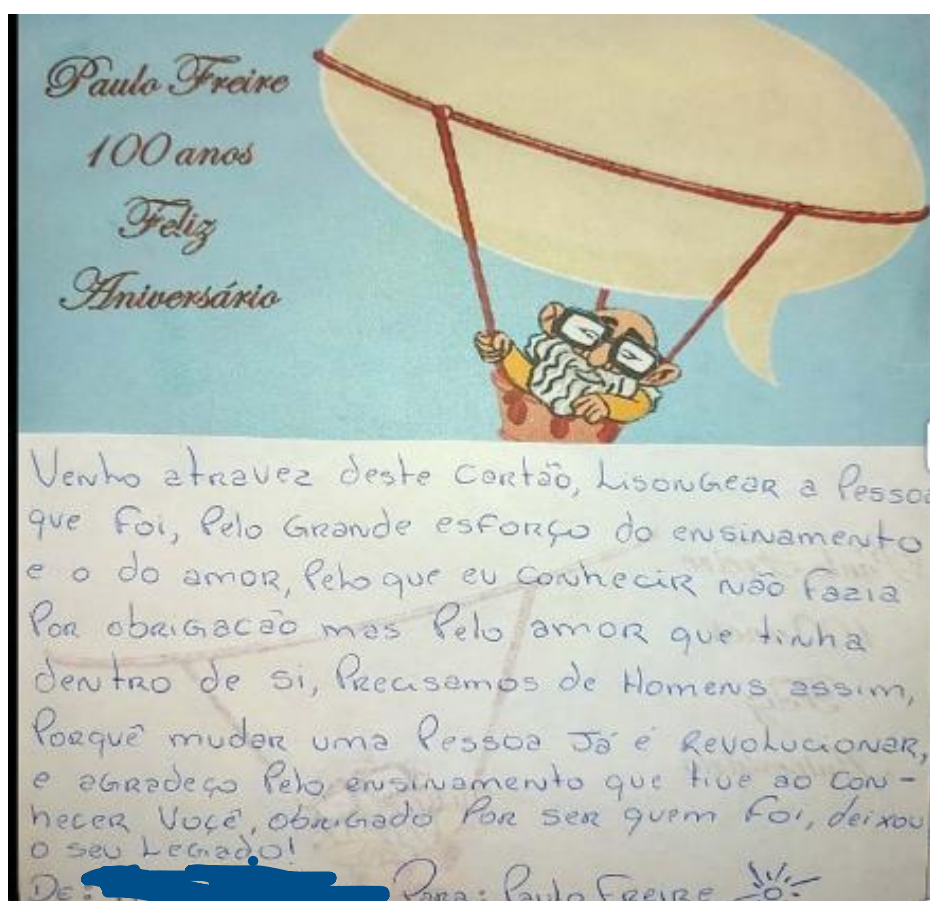
Mais uma vez, lhe agradeço por você fazer parte do time de brasileiros que tão bem representam a nossa cultura e o nosso país. Despeço-me respeitosamente (MANDACARU15, 2021).

Querido Paulo Freire,

[...]

Talvez isso tudo que estou passando no momento não tivesse acontecido caso viesse a me empenhar mais nos estudos, educação essa pode mudar vidas de muitos jovens e adultos para uma sociedade melhor. [...] (MANDACARU02, 2021).

Figura 1: Cartão comemorativo - Centenário Paulo Freire



Fonte: Mandacaru02 (2021).

Círculo de Cultura 2: Medo e solidão: Ciência – uma luz na escuridão

O segundo Círculo de Cultura foi realizado no dia 07 de março de 2022, com o retorno das atividades do semestre letivo, no formato presencial. As reflexões de partida (solidão, descaso, família, medo, angústia, esperança, vacina, ciência, tecnologia, entre

outras) foram selecionadas com base nas inquietações mais presentes relatadas pelos monitores de classe, no período das atividades remotas, nas quais as aulas eram gravadas e transmitidas por meio digital (*pendrive*) em aparelhos de smart TV. Foram quase dois anos sem contato direto com os estudantes. No primeiro momento, auge da pandemia da Covid-19, as aulas foram suspensas no dia 18 de março de 2020 e, assim, permaneceram até junho de 2021, voltando presencialmente em meados de outubro de 2021.

O Círculo de Cultura “Medo e solidão: Ciência – uma luz na escuridão” buscou compreender o impacto do isolamento no tocante à escola, ao aprendizado e à falta da experiência concreta com a escola. Foram socializados dois documentários, quais sejam: “Explicando 2020 pro meu eu de janeiro”; “Retrospectiva 2021”, momentos em que os educandos revisitaram fatos ocorridos em 2020 e em 2021.

Após as apresentações, os discentes riam entre si, ao se lembrarem de situações passadas; outros chocavam-se com os fatos sobre a Pandemia pelo mundo; outros ainda retratavam a experiência de estar preso, sem direito a visitas, poucas notícias da família; relatavam ainda como o companheirismo de alguns foi fundamental para superar o ápice da pandemia ali dentro. “A pandemia nos mostrou muitas coisas, uma delas que os políticos e os ricos não se importam com o povo, ‘quem tem o mánain parte quebrando’, outra coisa foi ver o que é mais importante: a família” (MANDACARU01). E, assim, vários temas foram sendo incorporados, como a importância da ciência, o medo, as escolhas erradas, as *fake news*, os interesses políticos e o descaso, entre outros temas recorrentes.

Após a exibição dos documentários, Cristiane pediu aos educandos que refletissem sobre o material exibido e fizessem o exercício mental de voltar dois anos no tempo e escrevessem uma mensagem para eles mesmos, alertando-os sobre os fenômenos que estavam por vir. Para sistematizar as discussões, a educadora propôs que os estudantes elaborassem mensagens em formato de *card*.³³

Na sequência, socializamos fragmentos de mensagens escritas pelos estudantes:

Meu ano de 2020 foi assim: no dia 23 de março, tomei a decisão de sair da cidade de São Paulo, aceitei trazer um frete, de uma mercadoria duvidosa, eu estava desempregado, as contas todas vencidas, ação de despejo da casa que moro com a minha mãe idosa, que tem problema de derrame, pensão alimentícia vencida... Por isso eu vim... Então, o conselho que eu daria para mim mesmo seria pra aguardar um pouco mais para tomar aquela decisão precipitada justamente por causa da COVID; eu achei que seria a solução dos problemas, e acabou trazendo

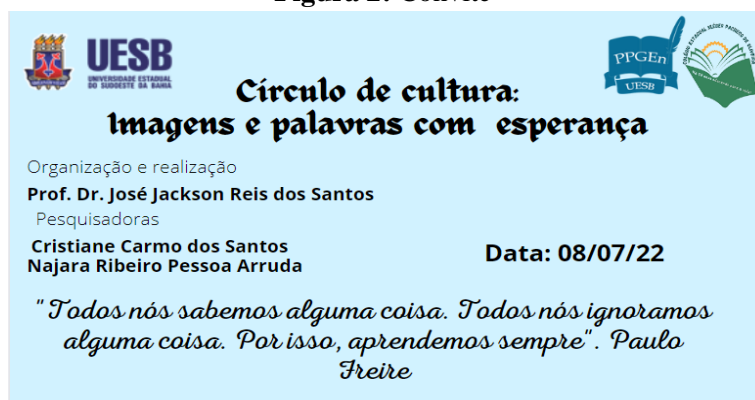
³³ Foram disponibilizados na forma impressa cartões similares aos *layouts* das principais redes sociais.

mais problemas pra minha família [...] (MANDACARU012, 2022).
 Não faça besteira pra você, pra você não parar onde você vai estar em 2020 porque lá não é um bom lugar. O que aconteceu com seu futuro? #Fica em casa (MANDACARU04, 2022).

Círculo de Cultura 3: Imagens e palavras com esperança

No dia 08 de julho, acompanhamos³⁴ o encerramento do semestre letivo, na classe da educadora Cristiane, momento em que ocorreu o Círculo de Cultura denominado **Imagens e palavras com esperança**, realizado com os educandos da turma Mandacarus, na escola Cactácea. Cristiane objetivava refletir sobre as experiências curriculares sucedidas no decorrer do primeiro semestre letivo do ano de 2022, perceber as rotas e, quem sabe, traçar outros caminhos.

Figura 2: Convite



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O encontro teve duração de 2 horas e 30 minutos, contou com a presença da docente e seus 15 educandos, além da fotógrafa que, com o consentimento dos educandos, registrou, sob a lente de sua sensibilidade, momentos representativos do Círculo de Cultura.

No transcurso dessa manhã, ainda no caminho da escola, a docente revelou as condições necessárias para a realização do encontro, de modo que tudo ocorresse de forma coerente com a culminância de um semestre letivo.

Previamente, elaborou um ofício, o qual foi encaminhado à direção do estabelecimento penal, onde se encontra inserida a escola Cactácea, a fim de solicitar o ingresso da pesquisadora e fotógrafa com equipamentos digitais específicos e a entrada

³⁴ Com a presença da fotógrafa Najara Pessoa, colaboradora desse estudo.

de um lanche diferente do oferecido pela escola cotidianamente. O documento não demorou a ser autorizado e, assim, deu-se início à segunda fase: a organização do Círculo.

Nessa etapa, foram pensadas práticas pedagógicas potencializadoras das subjetividades dos educandos, expostas em suas histórias de vidas, evidenciadas em Círculos anteriores. Após essas reflexões, foram selecionados para exibição três breves documentários sobre o valor dos pequenos gestos, além de um texto impresso para leitura: “Anjos” (MARQUES, 2021).

Assim, no dia 08 de julho, às 8 horas, munidas de todas as autorizações e com o material em mãos, estávamos nós, a fotógrafa e eu, na portaria externa do estabelecimento penal. Fora necessária a apresentação de documentação pessoal com as devidas autorizações. Caminhamos para a sala da pedagogia,³⁵ ainda no pavilhão externo. Os olhares dos funcionários recaíam sobre nossas mãos repletas de guloseimas; tínhamos a sensação de estarmos sendo julgadas. Na sala da pedagogia, as nossas identidades foram, aos poucos, perdendo espaço para a indumentária exigida pelo ambiente prisional.

Na segunda portaria, aquela que dá acesso à área interna da unidade penal, todos os nossos objetos foram devidamente escaneados, e nós, submetidas a um escaneamento corporal pelo qual passam os visitantes; é uma espécie de Raios X como os encontrados em aeroportos e alfândegas.

Após essa etapa, fomos surpreendidas com a notícia de um procedimento de rotina que envolvia policiamento armado e cães no mesmo pavilhão da cela de aula, contexto de nossas observações. Foram instantes de medo e era visível a decepção de Cristiane frente a tudo o que havia preparado para aquela manhã. No entanto, a docente acenava possibilidades outras. Em seus dizeres, afirmava: “[...] se esta manhã não for possível o nosso ingresso na Turma Mandacarus, visitaremos outra turma, em outro pavilhão e informaremos, por meio de um agente, à turma Mandacarus sobre esta intercorrência” (CRISTIANE, 2022). Além de nós, conosco esperavam outros três professores, também preparados para a manhã de trabalho; entreolhávamo-nos em clima de muita tensão; nesse ínterim, os agentes de segurança olhavam nossos objetos, um chamava outro, e assim vários foram ver com o que nós pretendíamos entrar; um deles, em tom muito rude, perguntou-nos se tínhamos uma autorização para entrar com

³⁵ Até o ano de 2022, era uma pequena sala, mal iluminada e mal ventilada, originalmente construída para alojamento dos agentes de segurança; dada a necessidade, foi transformada em “sala da Pedagogia”. Insere-se nos pavilhões comuns onde estão as celas com pessoas custodiadas. Atualmente, uma sala mais espaçosa, externa aos pavilhões.

equipamento fotográfico.

Passada meia hora, fomos informadas de que a turma Mandacarus estava pronta e podíamos adentrar. Transcorremos uns 50 metros até os pavilhões e entramos de fato no que é considerado cadeia: a luz dispersa, o odor peculiar, o barulho das grades se fechando... Fomos entrando, passamos por outra portaria e, finalmente, na última, um senhor muito sisudo e de poucas palavras nos questionou sobre a autorização para aqueles itens os quais portávamos. Após apresentadas as devidas informações, esse senhor nos conduziu; passando pelas últimas grades, entramos na cela, em que fomos trancados por uma porta de aço.

Dezessete homens sorridentes nos aguardavam. Era inverno e todos portavam *shorts* e camisetas de um tecido fino, na cor laranja. Abraçavam-se a si próprios na tentativa de se aquecerem. Aos poucos, a tensão dos momentos precedentes foram ficando para trás.

Cristiane deu início às atividades, expondo aos estudantes a sua proposta de trabalho. Em um primeiro momento lúdico, ofereceu aos presentes as palavras da canção “Te desejo vida”, de Flávia Wenceslau, a qual foi disponibilizada de forma impressa a todos (Anexo B). Juntos, cantamos em alta voz, como em um coro. Fora organizada a pequena “mesa do professor”³⁶ com toalhas coloridas, onde foram expostos, além das atividades impressas, lápis e borrachas, os alimentos autorizados. Todos olhavam espantados para os potes com bolos de cenoura cobertos com chocolate, refrigerante e chocolates.

Começaram, então, a refletir sobre o semestre transcorrido e sobre os currículos desenvolvidos nas palavras e nas imagens de suas memórias, que mais lhes tinham marcado até ali. Começaram falando daquele acolhimento caloroso e de como ações como aquelas impactavam suas vidas. Cristiane completou a fala dos discentes: “Ser recebida de forma tão entusiasta por vocês, também contribui em muito, na minha construção profissional e pessoal, uma vez que todos nós temos nossas prisões particulares, nossas dores, e momentos como estes nos levam a refletir sobre a vida, a liberdade, a família e o ‘cuidar de si e do outro’”.

Em seguida, a fotógrafa voluntariou-se para leitura do texto “Anjos”. Após a leitura, Cristiane solicitou a todos que refletissem sobre a questão: **O que você faria se lhe fossem dados 15 minutos de poder ilimitado?** Antes das primeiras intervenções,

³⁶ Forma convencional pela qual é chamada a mesa presente nas salas de aula.

foram exibidos três pequenos documentários, os quais elucidavam o poder de nossas ações e pensamentos.³⁷

Cristiane Carmo dos Santos convidou os educandos, aqueles que se sentissem à vontade, a irem até a frente pegar um lanche entre os dispostos sobre a mesa, o oferecerem a algum colega e explicarem o porquê da escolha. Assim, um a um eles foram se apresentando e expondo os porquês.

Uns muito tímidos; outros, menos; todos os dezessete³⁸ expressaram-se. Um deles, entre lágrimas, relatou: “Eu tinha tudo, uma mãe que me ama. Eu era bom e ajudava o próximo, sempre ajudei, e ali, minha vida era boa. Fui crescendo, meu ego cresceu e fui esquecendo quem eu era. Olha onde eu vim parar, Eugênia? Eu??? Eu!” (MANDACARU14, 2022).

Outro ofereceu o lanche a um “parceiro” dizendo “você muito me ajuda; nos dias que não estou bem, me dá a palavra que preciso; outros dias, puxa minhas orelhas e me faz voltar para o objetivo: superar isso aqui” (MANDACARU11, 2022).

O monitor da classe nos disse:

Se este anjo me ouvisse e os próximos 15 minutos fossem os meus, pediria mais vida com saúde para os meus pais para eles poderem ainda ter orgulho de mim e pediria que a educação, da qual também sou profissional, pudesse contribuir para a mudança das vidas de sujeitos que, como eu, vieram parar aqui, mas que não são daqui (MANDACARU12, 2022).

Um ofereceu o lanche à docente, o que muito a emocionou, dizendo que as suas atitudes no dia a dia e, particularmente, em momentos de aprendizados como aquela manhã, faziam-no acreditar na vida e lhe davam esperança. Outro ainda relatou:

A senhora nem imagina o que representa um gesto como este para nós. Mais que um lanche, é uma forma da senhora nos dizer que não nos vê como a sociedade pensa que somos: monstros! Acho que, no dia a dia aqui com a gente, a senhora percebe que somos pessoas como outras, pessoas que erraram e estão pagando pelos seus erros (MANDACARU09, 2022).

À medida que a fotógrafa ia registrando os momentos, muitas reflexões iam ocorrendo. Antes da captura das imagens, informamos aos presentes quanto à não exposição de suas identidades e pedimos que se virassem de costas para que fizéssemos

³⁷ Memória de campo da pesquisadora, 2022.

³⁸ Nesta ocasião, além das docentes, estavam presentes dois internos, não alunos, os “frentes-ver”, vocabulário da prisão, conforme apresentamos no Anexo G (líder dos grupos, que, ocasionalmente, em momentos festivos, participa das atividades letivas).

um registro fotográfico que pudesse demonstrar quantos éramos ali naquela ocasião. Para nossa surpresa – a minha, em particular, pois como pesquisadora no âmbito das várias leituras feitas sobre a educação prisional, não concebia uma cela de aula com aquele grau de empatia – um a um foram se aproximando da mesa organizando-se para uma fotografia coletiva, na qual pudessem exibir os seus rostos; somente um ficou fora desse grupo. Assim, quando nos demos conta, estávamos todos reunidos ali, em pé fazendo uma fotografia coletiva.³⁹

Foi uma manhã de reflexões e aprendizados múltiplos, que nos possibilitou ponderar sobre o que Oliveira (2016) chama de currículo “pensadopracado”, sobre a indissolubilidade da prática com a teoria, estando estas atravessadas pela subjetividade dos partícipes. Evidenciou a importância da dialogicidade (FREIRE, 1987) em práticas pedagógicas que propiciem a autonomia dos educandos, fazendo-os perceberem-se como sujeitos de suas próprias existências. As falas da professora Cristiane demonstram como a rotina de uma educadora em uma unidade prisional é permeada por situações-limites e reinvenções pedagógicas.⁴⁰

Círculo de Cultura 4: O naufrágio: discutindo preconceitos

Acompanhamos o quarto Círculo de Cultura, ao lado da docente Cristiane. O encontro ocorreu no dia 08 de agosto de 2022 e teve a duração de 1 hora e 30 minutos. Foi pensado e organizado de acordo com os temas expostos na última aula do semestre letivo 2022.1, quando os colaboradores fizeram uma avaliação⁴¹ semestral dos aprendizados, dificuldades e avanços obtidos. Entre os temas mais requisitados, estavam Direitos Humanos, Lei de Execução Penal, Cidadania, Preconceito e Sociedade. A avaliação constava de 6 questões abertas; as quatro primeiras referiam-se às propostas curriculares, ferramentas; as duas últimas pediam para avaliarem o desempenho pessoal e do educador.

Dos quinze educandos, nove se autoavaliaram como comprometidos; três disseram que poderiam ter se dedicado mais; e os outros três disseram que haviam chegado depois à escola e, por isso, não sabiam responder.

No tocante à proposta metodológica, dez se sentiram satisfeitos; três não souberam

³⁹ Memória de campo da pesquisadora, 2022.

⁴⁰ Memória de campo da pesquisadora, 2022.

⁴¹ Disponível no Apêndice A.

responder; e dois disseram que não conseguiram acompanhar, pois havia dias em que a cabeça estava ruim, com preocupações externas.

Na avaliação dos temas propostos, três não souberam responder; oito disseram que estavam satisfeitos e representados nos temas propostos; e quatro disseram que gostariam de temas mais específicos, nos quais a realidade pudesse ser discutida, por exemplo: Sociedade e preconceito, Trabalho para ex-detentos, família e dignidade.

Desse panorama, foi pensado o 4º Círculo de Cultura, que coincidiu com o início do semestre letivo de 2022.2. Pensamos em uma dinâmica de grupo que pudesse suscitar todos os temas indicados pelos estudantes anteriormente.

Preparamos uma apresentação de vídeo com a música *Semente do amanhã*, composta por Gonzaguinha e disponibilizamos cópia impressa para todos os estudantes.

Logo depois, foi desenhado, no quadro, por um dos estudantes, um barco. Solicitei a todos, naquele momento, que se transportassem para aquele barco, fechassem os olhos e deixassem que a educadora lhes contasse uma estória. Assim, ela começou a descrever a situação do barco⁴²:

Todos nós viajamos neste barco. Ao total, somos 18 passageiros e três tripulantes e já, há alguns dias, estamos enfrentando condições meteorológicas desfavoráveis; estamos muito distantes do nosso ponto de partida, perdidos em alto-mar; o barco naufraga; por sorte, estamos todos salvos e avistamos uma ilha, a qual será impossível alcançá-la a nado. Fomos informados de que existiam dois botes salva-vidas, com capacidade para três pessoas; um deles foi capturado pela tripulação e, rapidamente, fugiram da situação; o outro, o Atleta, único com possibilidades de colocar o bote em condições de viagem, grita ‘posso levar mais dois comigo’. Você é esse atleta, cabe a você escolher os outros dois passageiros para serem salvos contigo. Quem você leva consigo? Observe que, nessa ilha, há todas as condições de sobrevivência para curto e longo prazo, porém, não há a mínima possibilidade de retorno ao seu grupo de origem (DINÂMICAS..., 2010, s.p.).

Após essa apresentação a educadora disponibilizou impressa a lista com os passageiros presentes no barco, conforme Figura 3.

⁴² A atividade foi adaptada da dinâmica *O naufrágio*. Dinâmicas de Grupo e Jogos Aplicados ao Ensino. 2010. Disponível em: <http://posdidatica2010.blogspot.com/2010/09/dinamicas-apresentadas-em-180910-pelo.html>. Acesso em: 01 ago. 2022.

Figura 3: Passageiros a bordo no barco

1.	ATLETA	2.	ENGENHEIRO
3.	ASTRO DO CINEMA	4.	HOMOSSEXUAL (LGBTQIA+)
5.	ASTRO GOSPEL	6.	LADRÃO
7.	BÊBADO	8.	OPERÁRIO
9.	CRIANÇA	10.	PROFESSOR(A)
11.	DENTISTA	12.	PROGRAMADOR DE COMPUTADOR
13.	DONA DE CASA	14.	PROSTITUTA
15.	DROGADO	16.	PASTOR
17.	ECOLOGISTA	18.	POLICIAL

Fonte: Adaptado pela autora de Dinâmicas... (2010).

Após este momento, Cristiane solicitou aos colaboradores, aqueles que se sentissem à vontade em participar, que fossem à frente e escrevessem no barco o número correspondente aos passageiros que salvariam consigo e explicassem o porquê de suas escolhas. Doze entre os quinze educandos salvariam como primeira opção a criança, e três, o operário; como segunda opção, três escolheram o ecologista, seis, a atriz do cinema, desde que fosse uma atriz famosa, dois, o engenheiro, e 4, a dona de casa.

As justificativas foram que as crianças eram puras e poderiam formar uma sociedade melhor; a dona de casa, porque precisavam de uma companheira; outros escolheram a atriz pensando em construir família.

Percebemos a educadora muito descontraída, era como se naquele ambiente, naquele momento, para ela, não existissem as grades. Depois das argumentações e dos porquês, Cristiane questionou os educandos-colaboradores a razão de ninguém considerar a hipótese de levar consigo a prostituta, o bêbado ou o ladrão. E assim, iniciou-se uma discussão sobre valores e preconceitos os quais carregamos conosco e, para viver em uma nova sociedade, precisamos reconstruir valores. Após estas discussões, foi lido por um dos Mandacarus o texto que foi entregue individualmente a todos:

Carta do Professor Paulo Freire a todas as crianças do Mundo - Queridas crianças como eu fui um dia, nos quintais lá do Recife, onde eu nasci. Sim. Eu também já fui criança como vocês agora são. Isso foi lá no Nordeste, em Pernambuco, no Recife. Logo no começo o livro Paulo Freire: *O menino que lia o mundo*, vocês viram como essa minha primeira história foi contada. Depois eu fui crescendo. Cresci. Virei menino grande e depois virei adulto. [...] Somos pessoas carregadas de quatro coisas muito importantes. E que começam com a letra S: sentimentos (as nossas emoções, a nossa sensibilidade), saberes (o que aprendemos e sabemos), sentidos (a maneira como vivemos a cada

momento os nossos sentimentos e saberes, enlaçando-os como os significados que damos à nós mesmos, a nossas vidas, ao nosso mundo. Sentimos e pensamos, sabemos e aprendemos com tudo o que somos: sentimentos, emoções, vontade, inteligência. E é com tudo o que somos que estamos sempre procurando responder a perguntas que professor algum, por mais sensível e sábio que ele seja, pode responder por nós: “quem sou eu?”; “qual o sentido da minha vida?”; “como eu devo ser e que vida eu devo querer viver?” Tudo isso eu posso aprender lendo bons livros ou boas revistas. Posso aprender ouvindo outras pessoas: meus pais, meus irmãos mais velhos, meus amigos, meus professores, meus vizinhos. Posso aprender brincando com minhas amigas e meus amigos. E aí até parece que não se está aprendendo nada. E é quando mais se pode estar aprendendo. Convivo com os outros: leio, escuto, aprendo. Mas quem aprende sou eu. Quem aprende é cada uma e cada um de vocês. Cada um convive com outros, e a verdade é que se ninguém ensina ninguém, também ninguém aprende sozinho. Todos nós sempre sabemos alguma coisa. Sempre estamos criando nossos próprios saberes. Isso que nós podemos chamar também de: nossos conhecimentos. Algumas pessoas podem ter estudado mais do que outras, por mais tempo. Elas podem ter dentro delas ‘mais saberes’ ou ‘mais conhecimentos’. Mas isto não é uma coisa que se compare. Pois cada um de nós tem dentro de si mesmo os seus conhecimentos, os seus saberes, os seus valores. Assim, quando estamos conversando como nossos pais ou com nossos amigos, ou quando estamos ouvindo um professor e fazendo nossas perguntas a ele, sempre estamos aprendendo alguma coisa nova. Mas estamos ensinando alguma coisa a eles. Sempre que eu aprendo, eu também ensino e sempre que eu ensino alguma coisa eu também aprendo alguma coisa em troca. E esta aí foi a coisa mais bonita que eu aprendi em minha vida de professor. Que tudo o que eu sei aprendi com outros, ensinando a eles também. Que tudo o que eu aprendi foi algo que eu construí de dentro para fora. Mas foi sempre uma espécie de troca. Nunca aprendi nada sozinho, sempre alguém escreveu o livro que eu li. Sempre alguém me disse uma coisa nova que eu não sabia ainda (FREIRE, 2005, p. 141-146).

Um dos colaboradores, provocado pela temática do preconceito, relatou:

Eu mesmo, até vir parar aqui, coisa que jamais imaginei na minha vida, toda as vezes que passava na porta de um presídio dizia: ali só tem monstros, bandidos, após vir parar aqui... Passei muito tempo também me sentindo assim ... Demorou bastante para que eu me perdoasse e compreendesse que eu não sou aquele momento de trinta segundos de ira, que eu não soube controlar, eu sou a pessoa que tem uma família, tenho mãe, pai, planos e sonhos que desejo ainda realizar. Compreendo que aqui dentro tem muita gente com quem aprendo todos os dias, aqui tem professor, engenheiro, motorista, que, assim como eu, vieram parar aqui, mas não são daqui (MANDACARU10, 2022).

Círculo de Cultura 5. Castelando e pegando a visão

“Castelando e pegando a visão” foi o quinto Círculo de Cultura, ocorrido no dia

22 de agosto de 2022, com duração de 2 horas. Recorreremos a uma memória de campo, escrita pela docente Cristiane, para relatar os eventos ocorridos nessa ocasião:

No último Círculo, o círculo “O naufrágio – discutindo preconceitos”, enquanto os educandos irem à frente explicar suas opções para repovoar uma ilha deserta, eu ouvia – das conversas paralelas – expressões incomuns, a exemplo: pegar a visão, dar um *jet*, tirar a cadeia, entre outras, as quais ocasionalmente ouço no dia a dia aqui na cela de aula. Assim, surgiu a ideia de, com elas, elaborar um glossário com um vocabulário próprio daquele ambiente. Assim, neste dia, após a explanação sobre os países que participaram do mundial FIFA 2022, foram divididos em 5 grupos, representando os 5 continentes partícipes do mundial futebolístico. Os 5 grupos foram denominados de: África, América, Ásia, Europa e Oceania. Exibimos o vídeo da abertura oficial dos jogos e discutimos as características principais do país sede. Daí pedimos aos grupos que localizassem no planisfério que acabaram de montar e colar na parede da cela (1mt X 1mt), bem como a tabela com todas as partidas da competição, que localizassem os países de cada continente. Depois, cada grupo falou um pouco do que conheciam sobre aqueles países e suas culturas. O trabalho com as equipes encontra-se em desenvolvimento e será tema das próximas aulas até o mundial, quando buscaremos discutir temas, como: as condições de trabalho X globalização; Culturas, climas e paisagens terrestres; empresas transnacionais X mídias televisivas. Após os educandos discutirem a diversidade cultural, um educando comentou: ‘o mundo é uma torre de Babel’; aproveitei a deixa e disse: “bem, sobre isso gostaria de falar com vocês”. Na aula passada e já há algum tempo, percebo que vocês têm uma linguagem diferente aqui dentro. Um me disse: ‘Sim, professora, se a gente quiser conversar entre nós, ninguém de fora entende.’. Eu disse: continuem porque isso é também um tipo de cultura (riram bastante...). E, assim, pedi a eles que fizessem, sempre que possível, um vocabulário para mim e trouxessem na aula seguinte. E concluí: Farei esse pedido nas outras turmas, a que me trazer mais palavras será presenteada com chocolate (bis). Desse modo, terminamos as aulas. E, nessa mesma semana, socializei a ideia com as outras 5 turmas em que leciono. Usei a mesma dinâmica e fiz a mesma proposta. Na semana sucessiva, 5 das 6 turmas me entregaram páginas e páginas com palavras próprias daquele lugar. A única turma que não trouxe foi porque, por uma intercorrência interna, a turma ficou em sanção e impedida de ter aula. Um educando, enquanto eu saía, me disse em voz baixa: “Professora, eu fiz o meu próprio vocabulário à parte, que os meninos não queriam colocar aí, são palavras, me promete que não lê?”. Peguei a folha curiosa e disse: “Não posso te prometer”. Nessa atividade, recolhi mais de 350 expressões muito peculiares, algumas delas específicas da prisão. Algumas classes apresentaram as mesmas palavras com algumas pequenas diferenças de significado (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Círculo de Cultura 6: Conversando com a criança que fui um dia – conselhos para mim

As motivações para o sexto Círculo de Cultura decorreram das muitas falas sobre a infância, quando os colaboradores evidenciaram, nos seus porquês, a opção em salvar as crianças na dinâmica do Círculo de Cultura 04 “O naufrágio – discutindo preconceitos”. Nesta ocasião, os educandos afirmaram que a melhor forma de iniciar uma sociedade justa seria preservando a pureza e a inocência das crianças. Com esta questão de partida, Cristiane iniciou as atividades, como habitualmente, com uma canção. Dessa vez, escolheu “Primeiros Erros”, do grupo Capital Inicial.

Em seguida, os grupos organizados anteriormente, com os nomes dos continentes, reuniram-se dando início ao trabalho coletivo de identificação dos países e suas características físicas e culturais. Muito ávidos por qualquer informação referente aos países selecionados, curiosos e surpresos com alguns dos resultados, diziam: “Não imaginava que tal país se localizava na África”; outros: “Que povo de costume diferente!”. Chegando ao final da aula, Cristiane pediu que eles fizessem uma pausa para o lanche (6 bolachas *cremer cracker* com geleia de goiaba).

Enquanto o colaborador-monitor⁴³ distribuía o lanche, repeti a música, perguntado se os colaboradores se lembravam do Círculo 04, sobre as crianças e as motivações em salvá-las. Todos afirmaram positivamente e continuavam com a mesma escolha. Daí comentei:

Pensando no que vocês me disseram no outro dia, refleti muito sobre isso e imaginei como seria se pudéssemos falar com a nossa criança, aquela que fomos um dia. Refleti muito e lembrei de uma escrita que fiz há algum tempo para a Cristiane menina, se eu pudesse falar com ela eu diria [...] (CARMO DOS SANTOS, 2022).

Após a leitura da carta, aproveitei o refrão da música escolhida para a ocasião (“Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro [...]”), pedi ao grupo, aqueles que sentissem à vontade, que escrevessem para si, para a criança que foram um dia (Figura 4).

⁴³ Todas as turmas têm um monitor, um estudante matriculado ou ouvinte, escolhido pela “frente”. Ele é responsável pelo auxílio na sala de aula e também por chamar os estudantes da escola em suas celas para o procedimento de revista e, posteriormente, ingressarem no espaço da cela de aula.

Figura 4: Exemplo de uma carta

Conselhas para mim

Olá [redacted] aqui é você no futuro, agora você tem 32 anos, você neste momento pode achar que sua vida está difícil vai pra escola sai da rua larga suas mal companhia procura algum melhora pra anda esta suas companhia não é Boa, que mistura com pouco farula come. brava estuda pra que no futuro você tenha se alguém na vida as coisa não são assim você tem que cuidar mais de você esquece as outro pode ta difícil mais fi em Deus vai muda estuda mais escolhe outros amigos de valor mais a seus pais seus irmão. acredite em ~~me~~ mim você pode mudar você é a unica pessoa que pode muda o seu futuro acredite em você seja forte si apigue mais com Deus que sem Deus a gente não é nada, você sera o Responderavel pela sua felicidade no futuro.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

Procedimento para organização e análise das informações

A fase de organização e interpretação das informações foi realizada com base na ideia de tema gerador, discutida por Paulo Freire, especialmente na obra “Pedagogia do Oprimido” (1987). O Quadro 1 a seguir apresenta, de forma mais detalhada, os procedimentos construídos nesse processo, envolvendo: a) a seleção de falas significativas; b) a construção e definição do tema gerador; c) a indicação da fonte e ano das falas selecionadas. O processo exigiu releitura de todo o material construído nos seis Círculos de Cultura para, na sequência, investir na compreensão e interpretação das informações, mobilizando diferentes conceitos, categorias e autores centrais no presente estudo.

Quadro 1: Organização e interpretação das informações

Círculo de Cultura	Fala significativa	Tema Gerador	Fonte e ano
Círculo de Cultura 1			
Centenário de Paulo Freire: Educação e liberdade	“Em 19 de agosto de 96 eu nasci, e me chamo Mandacaru11 fui criado por meu pai, minha mãe me abandonou quando eu tinha 7 anos de idade, comecei a trabalhar eu tinha 10 anos em lavoura de café. Aos treze anos eu comecei a vender drogas, mas era só para ganhar um dinheiro a mais, aí fui gostando, aos 18 anos fui preso pela primeira vez [...]”	Entre lentes e grades: os sujeitos e suas situações-limites	Carta de Mandacaru11 set, 2021.
Círculo de Cultura 2			
Medo e solidão: ciência uma luz na escuridão	“Meu ano de 2020 foi assim: no dia 23 de março, tomei a decisão de sair da cidade de São Paulo, aceitei trazer um frete, de uma mercadoria duvidosa, eu estava desempregado, as contas todas vencidas, ação de despejo da casa que moro com a minha mãe idosa, ela tem problema de derrame. Por isso em vim... Então, o conselho que eu daria para mim mesmo seria pra aguardar um pouco mais para tomar aquela decisão precipitada justamente por causa da COVID; eu achei que seria a solução dos problemas, e acabou trazendo mais problemas pra minha família [...]”	Entre lentes e grades: os sujeitos e suas situações-limites	Fragmento de atividade Mandacaru12 jul, 2021.
Círculo de Cultura 3			
Imagens e palavras com esperança	Mas por parte, assim dos funcionários, eu também diria que é bem frio, sabe? Quando você fala quem é você, o que você foi fazer lá? Parece que é uma dureza pior. Quando a gente sai da sala dos professores. Esse é levando os chocolates, as maçãs e o bolo. Eu percebi assim. Alguns olhares julgando a gente. Como quem dissesse que a gente estava passando a mão na cabeça deles ou que eles não merecem.	Entre lentes e grades, vigilâncias e ressignificações	Memória de campo de Najara Pessoa, ago, 2022.
Círculo de Cultura 4			
O naufrágio: discutindo preconceitos	“Demorou bastante para que eu me perdoasse e compreendesse que eu não sou aquele momento de trinta segundos de ira, que eu não soube controlar, eu sou a pessoa que tem uma família, tenho mãe, pai, planos e sonhos que desejo ainda realizar. Compreendo que aqui dentro tem muita gente com quem aprendo todos os dias, aqui tem professor, engenheiro, motorista, que, assim como eu, vieram parar aqui.”	Entre lentes e grades, inéditos viáveis em construção	Mandacaru10, set, 2022
Círculo de Cultura 5			
Castelando e pegando a visão	“Após os educandos discutirem a diversidade cultural, um educando comentou: ‘o mundo é uma torre de Babel’. Aproveitei a deixa e disse: Bem, sobre isso, gostaria de falar com vocês. Na aula passada, e já há algum tempo, percebi que vocês têm uma linguagem diferente aqui dentro. Um me disse: ‘sim, professora se a gente quiser conversar entre nós, ninguém de fora entende.’	Entre lentes e grades, inéditos viáveis em construção	Carmo dos Santos (2022)
Círculo de Cultura 6			
Conversando com a criança que fui um dia: conselhos para mim	“Escuta mais os conselhos dos seus pais. As coisas vão piorar depois que perdi meu pai, no ano de 2012. Comecei a cometer crimes, minha mãe já não sai da porta da delegacia sempre eu com problemas. Hoje em dia me arrependo por tudo, estou atrás das grades feito um animal, mas já estou pagando pelos meus erros e, quando sair daqui eu só vou dar orgulho para minha família e agradeço a Deus por ter ajudado até aqui.”	Entre lentes e grades, tecendo redes e fios esperançosos	Mandacaru07, set, 2022.

Fonte: Pesquisa direta autora, 2022

No processo de compreensão e interpretação, socializamos as reflexões tendo como referência os seguintes temas geradores: a) Entre lentes e grades, vigilâncias e ressignificações; b) Entre lentes e grades, os sujeitos, suas situações-limites e inéditos viáveis em construção; c) Entre lentes e grades, tecendo redes e fios esperançosos.

Entre lentes e grades, vigilâncias e ressignificações

Imagem 1: Base interna: Primeiro quadrante antes da cela de aula



Foto: Najara Ribeiro Pessoa Arruda, 2022.

Grades, lentes e observações constantes marcaram todos os Círculos de Cultura, uma vez que a vigilância é um aspecto comum nesse espaço. Os seis encontros permitiram experienciar o panoptismo foucaultiano, no qual a disciplina configura-se na “anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1999, p.166). Foi possível perceber também como os sujeitos da educação buscam ressignificar situações-limites e transformá-las em possibilidades de inéditos viáveis.

Para Foucault (1999), a privação de liberdade em estruturas panópticas omite o espetáculo do castigo o qual evoluiu “[...] de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (FOUCAULT, 1999, p. 15) a própria condenação passa a marcar negativamente os sujeitos de forma inequívoca. Nesse campo, o educador se assemelha ao interno, pois teme os olhares e o julgamento de quem os observa. Foucault (1999, p. 120) salienta: “A vida é então repartida de acordo com um horário absolutamente estrito, sob uma vigilância ininterrupta: cada instante do dia é destinado a alguma coisa, prescreve-se um tipo de atividade e implica obrigações e proibições”.

A vigilância contínua, introjetada nos indivíduos que se sabem vigiados, regula as ações

cotidianas no cárcere. A certeza da punição ajusta as atitudes dos sujeitos e o medo de cometer infrações torna-se uma constante, não somente nos internos, mas em todos que trabalham naquele ambiente. Nós, profissionais da educação⁴⁴, desde o momento da entrada na estrutura carcerária, assumimos uma atitude de alerta, como exemplifica a memória de campo de Najara Ribeiro Pessoa Arruda (2022):

Quando você fala quem é você, o que você foi fazer lá, parece que é uma dureza pior. Quando a gente saiu da sala dos professores levando os chocolates, as maçãs e o bolo, eu percebi alguns olhares julgando a gente. Como quem dissesse que a gente estava passando a mão na cabeça deles ou que eles não merecem. Me lembrei que teve alguém até que fez uma brincadeira sobre os chocolates, né? (Memória de Campo, ARRUDA, 2022).

Na condição de docente nesse espaço, desde o momento que adentro os pavilhões do conjunto penal, os quais servem como espaço escolar, busco atender a todas as regras impostas pela instituição prisional. Mantenho-me rotineiramente com os cabelos presos e mãos juntas atrás das costas. Mas, além de um comportamento corporal mecânico, busco me policiar constantemente em minhas falas, gestos e atitudes dentro e fora da sala (cela de aula).

A hipótese de um monitoramento constante fabrica uma autoconduta de alerta, ou seja, qualquer gesto e qualquer atitude podem ser interpretadas como uma infração à ordem e disciplina imposta pelo Sistema Prisional. Nesse contexto, o currículo “pensadopracado” é uma constante. Em uma de minhas memórias de campo, afirmei:

Em um dos Círculos de Cultura, quando solicitado a escrever uma mensagem a si enquanto criança, um educando recém-chegado na escola (também a instituição) empolgado pelos comentários dos colegas, escreveu, em uma folha de caderno, frente e verso, histórias que nunca saberei. Após finalizar os escritos, os educandos me entregavam suas cartas e comentavam: "Queria que a senhora lesse"; "Depois me diz o que a senhora achou...". Este educando, ao ouvir tais observações, no momento de entregar-me o papel me disse: "A senhora vai ler? Algum mais lá fora pode ler?". Espantada disse: Se você julgar por bem, não me entregue, não precisa se comprometer; é somente uma atividade da escola. Naquele momento, em minha frente, ele rasgou em pedacinhos o papel e o engoliu. Posteriormente, fez questão de sentar-se ao meu lado e me contar verbalmente toda a sua vida (Memória de Campo, CARMO DOS SANTOS, 2022).

Situações similares remetem a questões, tais como: Qual currículo seguir? Existe um currículo pronto que abarque tais circunstâncias? Embora exista todo um planejamento elaborado em Atividade Complementar (AC), muitas vezes realizadas em equipe dentro de uma

⁴⁴ Por profissionais da educação, estamos considerando os sujeitos que transitam naquele espaço e contribuem com o processo administrativo-financeiro e pedagógico da escola no cárcere.

estrutura curricular pré-moldada em concordância com a proposta curricular indicada nos planos do curso (Tempo de Aprender), ele não se aplica e não diz respeito às circunstâncias de cada dia de aula no cárcere. Daí a necessidade de um currículo fluido nos dizeres de Oliveira (2016), criado pelos *pensadospraticantes* dentro de um momento único, emocional e sensorial e impossível de ser replicado.

Nesse contexto, o diálogo assume fundamental importância na configuração da escola como um espaço de possibilidades emancipatórias, capaz de atenuar tensões e contribuir na melhoria da vida dos apenados (ONOFRE, 2019). Assim, os Círculos de Cultura oportunizaram observar os cotidianos da escola e relações de poder nela produzidas, possibilitando perceber o que existe de emancipatório nos currículos realizados (OLIVEIRA, 2016).

Entre falas e silenciamentos, foi possível perceber situações recorrentes na literatura científica sobre educação para pessoas privadas de liberdade, entre elas, o panoptismo, discutido por Foucault (1999) como uma técnica de vigilância contínua exercida sobre todos os indivíduos deste contexto.

Em sua materialidade, embora existam, na contemporaneidade, diferentes formas de organização, a estrutura a panóptica é um aparato arquitetônico em forma circular, composta por duas grandes janelas, pelas quais entra luz e se permite o monitoramento ininterrupto dos indivíduos, a exemplo da estrutura das fábricas, escolas, hospitais e presídios, tornando os indivíduos em objetos da observação. A vigilância constante do espaço físico, do outro, de suas ações, palavras, gestos gera o controle dos corpos, transformando-o em dóceis e adestrados. Foucault (1999) considera esse poder uma tecnologia de controle, fundamental na sociedade moderna e capitalista.

Nesse aspecto, a Escola Cactácea insere-se em uma estrutura panóptica, rodeada por câmeras como é possível perceber na imagem 2:

Imagem 2: Monitoramento interno



Fonte: <https://www.socializabrasil.com.br/solucoes/seguranca/>

Educandos e educadores meticulosamente disciplinados em corpos, utilmente dóceis (FOUCAULT, 1999). Esse espaço convida a repensar a nossa *práxis*, o nosso fazer pedagógico, bem como o que fazer, como ministrar aulas em um espaço em que a utilização do material didático deve estar de acordo com as normas de segurança, normas estas modificadas cotidianamente.

As contradições entre a natureza das instituições escola e prisão são muito evidentes. De um lado, a escola tem a premissa da libertação do pensamento e o objetivo de contribuir com a transformação da vida dos sujeitos para que se tornem sempre mais (FREIRE, 1987); do outro, a prisão prioriza o aprisionamento, o medo, a vigilância. Nesse sentido, as relações fabricadas na relação escola-cárcere ainda estão moldadas pelo efeito panóptico, que produz uma rede de relações e discussões atravessados pelo exercício do poder como forma de fabricar corpos dóceis e adestrados permanentemente (FOUCAULT, 1999). Nesse contexto, a escola, embora seja possibilidade emancipatória, está atravessada pelas determinações e orientações do sistema prisional.

Entre lentes e grades: os sujeitos, suas situações-limites e inéditos viáveis em construção

Imagem 3: Cristiane do Carmo Santos no contexto da cela de aula.



Foto: Najara Arruda Ribeiro Pessoa, 2022.

Ao assumirmos o compromisso de inserir em nossa pesquisa as categorias freireanas *situações-limites e inéditos viáveis*, eclodiu a ideia de que encontraríamos mais as situações-limites do que inéditos viáveis. À medida que examinávamos o material selecionado para compreensão e interpretação, fomos percebendo a intrincada relação entre as situações-limites,

a inserção no sistema prisional e os desejos e sonhos na construção de inéditos viáveis.

Onofre (2007) considera o papel da educação em espaços prisionais ainda mais amplo, uma vez que estimula no educando a esperança da liberdade por meio da transformação da realidade precedente ao encarceramento. “E, nessa medida, a educação no presídio estará sempre preocupada com a promoção humana [...]” (ONOFRE, 2007, p. 23).

Desse modo, os Círculos de Cultura possibilitaram-me a escuta, em vários momentos, de sonhos, planos dos educandos para si e para suas famílias; em alguns momentos, deixando escapar também o desejo por um Brasil mais justo e igualitário, como demonstra o desejo de Mandacaru 03, quando questionado sobre o projeto de vida que desejava realizar após o cumprimento da pena:

Na verdade, são tantos, mas em primeiro lugar é colocar uma pedra no passado e trilhar uma nova caminhada, terminar meus estudos, ingressar numa faculdade e me formar em administração ou contabilidade, formar uma família e ser feliz e poder ajudar no desenvolvimento da humanidade e mais outras coisas (Entrevista, MANDACARU03, 2022).

Mandacaru 13 deseja “[...] provar para a sociedade que sou um pai de família, trabalhador e um homem de bem, que a justiça comete erros e muitas falhas.” (Entrevista MANDACARU 13, 2022). Mandacaru 02 reitera: “O meu maior desafio será vencer o preconceito por ser um ex-presidiário” (Entrevista MANDACARU 02, 2022).

Imagem 4: Escrita de estudantes da turma cactácea.

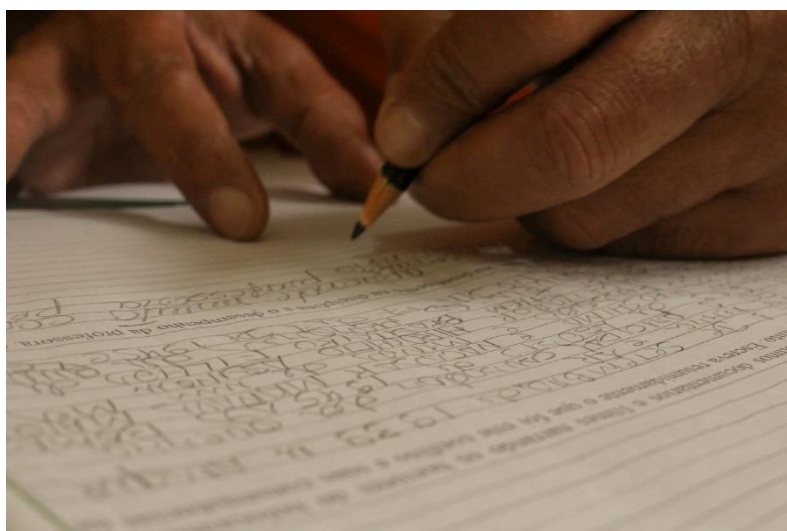


Foto: Najara Arruda Ribeiro Pessoa, 2022.

Ao reescrever suas histórias, sonham com possibilidades que irrompam as situações-limites impostas. A grande maioria dos indivíduos encarcerados, ao perceberem-se capazes de

pequenas vitórias como escrever o seu próprio nome em uma folha de papel, se percebem também conscientes de suas responsabilidades como construtores de suas próprias histórias.

Onofre (2007) avalia a inserção do apenado no sistema carcerário como uma deterioração de identidades, as quais são, por força da sobrevivência, reinventadas na vida cotidiana, junto com seus companheiros e todos os demais profissionais. As próprias expressões faciais, combinadas com gírias, permitem que o interno manipule aspectos da situação e se comunique com outras pessoas sem que os demais percebam o que de fato acontece. “Para ‘proteger-se’, o indivíduo assume atitudes e discursos que dele se esperam, driblando valores e normas, usando máscaras, resistindo silenciosamente, buscando o confronto para sobreviver” (ONOFRE, 2007, p. 7).

A fala de Mandacaru 10 reflete a reinvenção como mecanismo de sobrevivência, a construção de vocabulário próprio aparece como uma forma de manutenção de identidades.

Teacher, tem algumas que nós não falamos aqui porque tem duplo sentido. Quando algum fala, os outros ficam tirando sarro e gozando da cara de quem falou. Se a senhora quiser, a senhora me escreve um bilhete e me entrega discretamente e o mais a senhora quiser saber sobre nossa convivência aqui (MANDACARU10, 2022).

As práticas pedagógicas assumem, assim, não somente repetir palavras dadas, mas antes e sobretudo, é a ferramenta que possibilita que os indivíduos expressem seus sentimentos, suas angústias, suas verdades, dentro da cultura de cada grupo, colocando-se politicamente no momento histórico em que vivem; conscientes de sua responsabilidade tornam-se sujeitos de suas próprias vidas, rompem com suas situações-limites e buscam alcançar seus inéditos viáveis (FREIRE, 1987).

A escola, embora inserida em um contexto opressor, oportuniza ao educando outros modos de se relacionar. À medida que as relações entre educando e educador se estabelecem, sentem-se acolhidos pela escola, sentem-se pertencentes também a ela, postura que o permite aprender e ser (ONOFRE, 2007), uma vez que a “busca do Ser Mais [...] não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (FREIRE, 1987, p. 86).

Há, nesse espaço, linguagens próprias. A título de exemplificação, catalogamos mais de trezentas expressões (Apêndice D) diferentes utilizadas pelos estudantes privados de liberdade para se comunicarem. Em alguns casos, são palavras corriqueiras utilizadas com sentidos

diferentes. Ao produzirem um vocabulário específico, os educandos burlam a vigilância e criam um mundo particular como uma espécie de dialeto próprio, um saber característico daquele grupo que também o distingue fora dele.

Para Oliveira (2016), a criação do currículo parte da realidade vivida, por meio de discursos, manifestações e ações dos sujeitos que compõem as escolas. Para a autora, é importante considerar a dinâmica do espaço escolar como uma cultura criada diariamente, que vai além de palavras “mortas” e complicadas presentes nos discursos oficiais. É necessário pensá-la como uma criação viva e mutante. Na turma Mandacaru, observamos várias vezes a necessidade dessa dinâmica de criação e reinvenção constante do currículo.

Sobremaneira, o nosso planejamento perpassou por um processo de constante produção e reconstrução a cada Círculo de Cultura, inovando ideias e estratégias de ensino, partindo de inéditos viáveis, caminhos transitados pelos educandos e com trajeto futuro. Buscamos, na criatividade, transitar entre o teórico e o empírico na sala de aula, moldando o currículo segundo o interesse do interno, um currículo pensadopracicado, praticante de ações contextualizadas e entrelaçando saber, conhecimento e sentimentos de pessoas díspares, mas com histórias de vida compartilhadas.

Entre lentes e grades, tecendo redes e fios esperançosos

Em todos os Círculos de Cultura, observamos uma riqueza em ebulição. Temáticas variadas, oriundas dos conhecimentos de mundo dos escolares, emergiam em muitas falas, algumas de forma mais recorrente, e delas retiramos os temas geradores para análises de nossas investigações.

Observamos, no Quadro 1, que as condições que fazem com que um indivíduo socialmente constituído seja ingresso no regime carcerário se relaciona diretamente à ausência de oportunidades e de acesso a direitos de cidadania em uma sociedade excludente e desigual. Isto se percebe, por exemplo, na ausência da família, de uma forma mais incisiva quando criança ou adolescente, a infrequência ou o abandono da escola, pela necessidade de trabalhar para sustentar-se, ressaltado nas falas significativas dos Círculos de Cultura 1 e 2. Essas são determinantes para a atividade inicial de uso, consumo e tráfico de drogas em nosso país e, em especial, no grupo pesquisado.

Os Círculos de Cultura 3 e 4, embora com intencionalidades próprias, ultrapassaram a imagem e o preconceito (merecimento de tratamento digno ou aceitação do erro, seguido de perdão ou, ao menos, apaziguamento interno), em visões de dentro e fora do presídio (funcionários, detentos e visitantes), mas elaboraram reflexões sobre os seres que ali estavam

sendo postos à exibição. Esses conseguiram enxergar as impressões anteriores e posteriores à ação pedagógica vivida, como um indicativo de descoberta, pertencimento, crescimento e valoração de si, suas funções e o papel educativo dentro de uma penitenciária, das responsabilidades assumidas e incorporadas por parte dos agentes de segurança e o quanto isso impacta na vida dos envolvidos.

Ao analisar os Círculos de Cultura 5 e 6, percebemos a criação de um mundo real, em que, com consciência, revisita-se a infância, reflete sobre o que foi vivido e a direção tomada, as escolhas e suas consequências. No entanto, há uma produção de um novo modo de (sobre)viver – a construção de uma linguagem alternativa –, embasando a diversidade cultural, entrelaçada pelos vocábulos oriundos de várias comunidades, guetos, facções, grupos outros e até originais daquele espaço, compondo uma forma de organização e resistência cultural.

A escola no espaço prisional tem como desafio, ainda, superar o senso comum que dissemina somente o risco em se trabalhar no contexto da população encarcerada. Segundo Onofre (2007), esses mitos refletem o ceticismo elitista que desqualifica qualquer possibilidade de mudança. A educação em espaço prisional, para além de um direito legal, configura-se como alternativa possível de mudança social, como inédito viável.

No âmbito do currículo, a realização dos Círculos de Cultura configurou-se como inéditos viáveis, possibilidade de *Ser mais*, de fazer mais. Na condição de educadora, em todos os círculos busquei construir possibilidades no âmbito do componente curricular proposto. Nas aulas de Geografia, utilizei artifícios disponíveis para mobilizar conhecimentos de vida nos discentes, construindo mapas mentais, ouvindo histórias de vida, buscando contextualizar o currículo oficial e construindo currículo na dinâmica cotidiana de pensar-viver a docência no cárcere. Os próprios Círculos de Cultura são inéditos viáveis, momentos de diálogo e de compartilhamento de saberes.

Os Círculos de Cultura oportunizaram experienciar as leituras sobre educação prisional. Em todos eles, observamos a participação ativa dos colaboradores e as condições nas quais a educação naquele espaço é realizada. Em cada um deles, foi possível observar o entrelaçamento de inéditos viáveis e situações-limites, nas práticas de currículos alternativos, vivos, considerando a vivência daquele grupo de homens com seus saberes e repletos de histórias, caminhos e descontinuidades. Todavia, os inéditos viáveis e as situações-limites não se reduziram às experiências discentes.

No âmbito dessa experiência, Ser-mais pairou em diferentes personagens, inspirando construções, gerando anúncios pautados em fios esperançosos.

Referências

BAHIA (Estado). Resolução CEE nº 43, de 2014. **Diário Oficial do Estado**, p. 15, 11 de Março de 2015.

BAHIA (Estado). Conselho Estadual de Educação (CEE). **Resolução nº 43**, de 14 de julho de 2014. Dispõe sobre a oferta, pelo Sistema Estadual de Ensino, da Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, para pessoas em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais do Estado da Bahia.

BAHIA (Estado). **Lei nº 13.559**, de 11 de maio de 2016. Aprova o Plano Estadual de Educação da Bahia e dá outras providências.

BENTHAM, Jeremy et al. **O panóptico**. Tradução: Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. Decreto Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal (LEP). **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: Poder Executivo, 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De17210.htm. Acesso em: 17 maio 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. **Legislação Republicana Brasileira**, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. Lei ordinária n. 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a lei nº 7210/84 de 11 de julho de 1984. Dispõe sobre a remição da pena por estudo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jun. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112433.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. Decreto nº 7.626, de 24 de novembro de 2011. Institui o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7626.htm. Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado n. 473, de 2017. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para tipificar o crime de divulgação de notícia falsa. **Legislação penal**, 2017. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7313311&disposition=inline>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 1996, nova redação em 2017. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Senado Federal. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Regras de Mandela**: regras mínimas das Nações Unidas para o tratamento de presos. Conselho Nacional de Justiça; Coordenação: Luís Geraldo Sant’Ana Lanfredi. Brasília: CNJ, 2016. 88 p. (Série Tratados Internacionais de

Direitos Humanos). Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/a9426e51735a4d0d8501f06a4ba8b4de.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas Penais. Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (Sisdepen). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen). **Dados estatísticos do sistema penitenciário**. Brasília, DF: SNPP, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen>. Acesso em: 30 jul. 2022.

COSTA, Alexandre. **Heráclito**: fragmentos contextualizados / tradução, apresentação e comentários por Alexandre Costa. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002. 288p.

DA SILVA, Leirson Rodrigues; ALVES, Ricardo Elesbão. Caracterização físico-química de frutos de “mandacaru”. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 7, n. 2, p. 199-205, 2009.

DESGAGNÉ, S. et al. L’approche collaborative de recherche en éducation: un rapport nouveau à établir entre recherche et formation. **Revue des sciences de l’éducation**, v. 27, n. 1, p. 33–64, 18 out. 2002.

DINÂMICAS de Grupo e Jogos Aplicados ao Ensino. **Blogspot**, 20 set. 2010. Disponível em: posdidatica2010.blogspot.com/2010/09/dinamicas-apresentadas-em-180910-pelo.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Capital Inicial - Primeiros Erros**. Direção: Capital Inicial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jabmx3QoJGA>. Acesso em: 16 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Dia Mundial da Gentileza 2022**. Direção: Portal Kairós. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6PWu3EH7Xw&list=RDLVMVa8vRHagTA&index=18>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Explicando 2020 Pro Meu Eu De Janeiro**. Direção: Franklin Medrado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dP5bVuX9rbs&t=2s>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Mais uma vez**. Direção: Leonardo Cardinelli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7LSg0wQMM-8>. Acesso em: 02 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Qual é o sentido da vida? História do Girassol**. Direção: lipinha92 lipinha92. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pJdUJmSqDGE>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Retrospectiva 2021** Direção: Galo Frito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kPNkdOAEHdk&t=45s>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Semente do amanhã**. Direção: Elvira Bagarolli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zohh7omUHOQ>. Acesso em: 02 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Sua bondade, nos pequenos gestos, tem um grande significado para quem criou o Universo...** Direção: Paulo César. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=hXAx6vEQQS8>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Te desejo vida**. Direção: Maya Demunich. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nOqg-qlNEVc>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DOCUMENTÁRIO. **Vida Maria**. Direção: Márcio Ramos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4. Acesso em: 12 ago. 2021.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME (UNODC). **Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Reclusos** (Regras de Nelson Mandela). Organização das Nações Unidas (ONU). 2015. Disponível em: <https://www.docstoc.com/pt/regras-minimas-das-nacoes-unidas-para-o-tratamento-de-reclusos/5711428/>. Acesso em: 11 set. 2022.

FRANÇOIS, Ewald; FONTANA, Alessandro; GROS, Frédéric. Tradução: Márcio Alves da Fonseca. *Salma Tannus Muchail*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Cartas aos animadores e às animadoras culturais**. São Tomé: Ministério de Educação Nacional e Desporto, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Carta do professor Paulo Freire a todas as crianças do mundo. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 141-146. (Série Paulo Freire).

IBGE. **Estimativa populacional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=estimativa+de+popula%C3%A7%C3%A3o+2021>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 2003.

MARQUES, Wagner Luiz. **As 1000 histórias da vida**. Paraná: UICLAP, 2021. v. 6. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fsIyEAAAQBAJ&pg=PA3&lpg=PA3&dq=AS+1.000+HIST%C3%93RIAS+DA+VIDA+%E2%80%93+VOLUME+6&source=bl&ots=t4KfxAhEG7&sig=ACfU3U0y_0_RYEhCr3S6XNgSj8naFSKp7A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi0oK6wu676AhXMA7kGHT_NDOwQ6AF6BAgYEAM#v=onepage&q=AS%201.000%20HIST%C3%93RIAS%20DA%20VIDA%20%E2%80%93%20VOLUME%206&f=false. Acesso: 30 jul. 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alii;

Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (org.). **Educação escolar entre as grades**. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2007. 160p.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96. p. 239–255, 2015.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação escolar em prisões: brechas, apostas e possibilidades. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, p. 99-108, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7136940>. Acesso: 17 jan. 2022.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.

SACRISTÁN, José Gimeno. **El curriculum: una reflexión sobre la práctica**. 9. ed. Madrid: 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, José Jackson Reis dos. Especificidades dos saberes para a docência na Educação de Pessoas Jovens e Adultas. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 8, p. 157-176, jan./jun. 2010.

_____. **Saberes necessários para a docência na educação de jovens e adultos**. Programa de Pós-graduação em Educação. Tese (Doutorado). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2011.

SOLER, Rodrigo Diaz de vivir Y. O Cuidado de Si em Michel Foucault. **PerCursos**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 59 - 70, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1572>. Acesso em: 20 ago. 2022

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Ideias e Letras. 2006. p. 259-276.

CONSIDERAÇÕES FINAIS EM TOM DE CONTINUIDADE...

Às vezes, as consequências, os obstáculos da vida, nos limita de muitas coisas, mas momentos ruins são necessários para os bons valerem a pena. Acredite em você, você é capaz de mudanças, fazer o seu futuro limpo e feliz bem longe do crime e da prisão. (Entrevista de Mandacaru 14, 2022).

Imagem 1: O Percurso - Final da jornada de trabalho

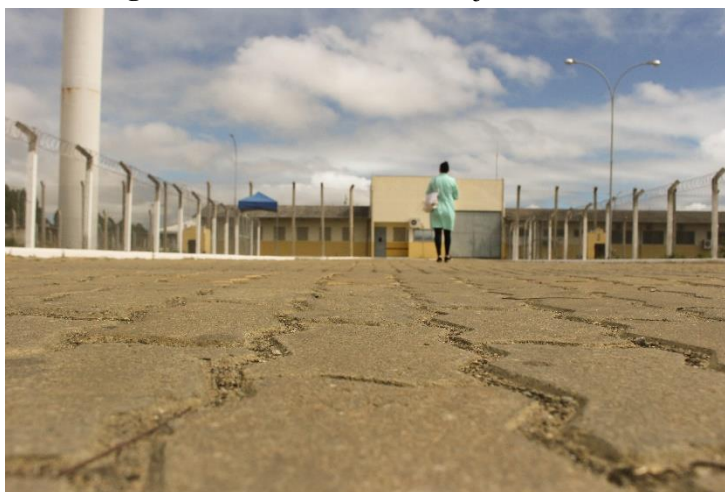


Foto: Najara Ribeiro Pessoa Arruda, 2022.

Chegar a esta etapa da pesquisa, após transcorridos tantos itinerários, por meio dos quais conceitos foram desconstruídos e reconstruídos repetidas vezes, reforça a concepção de que a pesquisa é feita na caminhada. Partimos na busca de compreender os caminhos e descaminhos da educação no contexto prisional e, no percurso, fomos nos despidendo de preconceitos que, em alguns casos, nem nos dávamos conta de que existiam.

A nossa opção pela organização do trabalho em formato *multipaper* deu-nos a referência necessária para perceber, em momentos distintos da pesquisa, a intrincada relação entre prática docente e pesquisa, pois, segundo os dizeres de Freire (1996, p. 14), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

A imersão na literatura específica, a qual ocorreu na forma do Estado da Questão (E.Q.), apresentado no primeiro texto desse trabalho, permitiu-nos um panorama geral dos estudos no campo da área da educação prisional para, partindo deles, elucidar as questões as quais nos propusemos, quais sejam: Quais situações-limites e inéditos viáveis estão presentes no processo de desenvolvimento de práticas curriculares na EPJAI, em contexto de privação de liberdade?

Por meio do E.Q, percebemos a configuração de EPJAI em espaço de privação de liberdade, em diferentes regiões do Brasil. Localizamos situações-limites e inéditos-viáveis em todos os dezoito trabalhos analisados, embora com perspectivas metodológicas distintas:

precariedade das infraestruturas físicas; incipiente formação inicial e continuada dos profissionais – sobremaneira dos profissionais que atuam nestes espaços e com elementar efetivação de direitos – há décadas presente na legislação nacional. Todas essas demandas são situações-limites impostas à educação em espaços de privação de liberdade no Brasil. Esses trabalhos indicam a necessidade de currículos específicos (no plural), capazes de considerar as demandas do cotidiano da educação em espaços de privação de liberdade.

No segundo texto, revisitando a trajetória de uma educadora da EPJAI, percebemos a forte influência de suas experiências, nos âmbitos social, cultural, psíquico, emocional, afetivo, sobre sua prática docente. As narrativas evidenciam o percurso de sua formação e implicações na própria vida, permitindo-lhe avaliar e reelaborar atitudes e vivências curriculares de forma mais consciente e comprometida com os internos-estudantes e, ao mesmo tempo, reelaborar os processos de vida em curso.

Ao tecer redes de sentidos e significados com o experienciado, a atividade biográfica contribuiu na reelaboração de processos identitários como fluxos de vida no tornar-se docente no espaço prisional, de várias formas e com intensidades diversas, reescrevendo e reapropriando-se de sua existência (CAVACO, 2020), possibilitando-lhe reconhecer-se como autora de sua própria história.

Percebidas as dimensões teóricas e pessoais, as quais implicam o fazer pedagógico em uma escola prisional, passamos a um movimento teórico-metodológico marcado pelos Círculos de Cultura na perspectiva freireana. Construimos coletivamente seis Círculos de Cultura, buscando encontrar meios que assegurassem, aos estudantes-internos, a exposição de suas próprias palavras, dizendo-se no caminho de construção do conhecimento, conscientes de que, embora privados de liberdade, contam com várias maneiras de expressão, as quais, muitas vezes, foram silenciadas (ONOFRE, 2021).

As situações compreendidas nos cotidianos do cárcere constroem currículos: os *pensadospraticados*, que, por sua vez, dão maior importância ao fazer pedagógico e exigem mais atenção em uma escola em âmbito prisional, uma vez que uma educação que contribua com a emancipação e pautada nos Direitos Humanos demanda pensar o saber do outro como saber válido e importante. Educar, neste sentido, é estar com o outro em uma relação dialógica e respeitosa. Educar é, assim, humanizar. As pessoas não se humanizam isoladamente, mas em comunhão (FREIRE, 1987; OLIVEIRA, 2016).

As situações-limites que perpassam a vida dos educandos que, em sua maioria, têm um histórico de direitos negados, que são pertencentes à grande parcela de brasileiros no nível de pobreza e baixa escolaridade, são fatores que não os impossibilitam de sonhar com inéditos-

viáveis. Sonham com um mundo melhor fora da prisão, anseiam que seus filhos tenham oportunidades de vida mais includentes.

Na perspectiva pedagógica, todo o movimento de construção dos Círculos de Cultura, para o qual foram mobilizados diversos dispositivos metodológicos, anuncia novas possibilidades de currículos, constructos de situações-limites inovadores e inéditos viáveis que permeiam os pensamentos e as práticas curriculares.

Reafirmamos, neste trabalho, a EPJAI como um campo de luta pela efetivação dos direitos fundamentais, os quais são permeados de especificidades que necessitam de princípios político-pedagógicos, além de saberes diversos no exercício profissional docente, imprescindíveis na reinvenção de currículos pensadopracaticados, sobretudo no âmbito das escolas em contexto prisional (SANTOS, 2011; OLIVEIRA, 2016).

Por fim, ao sistematizar essas breves considerações, socializamos outras questões de chegada, construídas nesse processo de finalização do texto dissertativo, buscando contribuir com o desenvolvimento e avanços de outras possíveis pesquisas, quais sejam: O que nós, na condição de educadoras/es, podemos vivenciar em celas de aula no cárcere? Há possibilidade de subverter o *modus operandi* no qual se organiza a educação no cárcere para uma perspectiva curricular mais humanizante e emancipatória? Como nos posicionamos em uma conjuntura social em que o oprimido introjetou de maneira visceral o opressor? Há possibilidade de, no cotidiano do cárcere, valorizar o saber de vida do interno?

No percurso apresentado, desde a Introdução até esse momento da escrita, acreditamos que refletimos sobre pistas para compreensão dessas provocações em aberto aqui registradas. Assim, finalizamos essa viagem esperando e desejando que possamos contribuir com profissionais que atuam nessa realidade educacional cotidianamente tão desafiadora e inquietante.

Referências

CAVACO, Carmen. Investigação biográfica com adultos não escolarizados: a relação investigador-sujeito participante. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 33, n. 2, p. 261–278, 2020. Doi: 10.21814/rpe.19730. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/19730>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. São Paulo: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano et al. Expectativas e anúncios de educadores: des (en) cobrindo a educação para pessoas em privação de liberdade. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p.1-21, 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4731/1215>. Acesso: 07 ago. 2022.

SANTOS, José Jackson Reis dos. **Saberes necessários para a docência na educação de jovens e adultos**. Programa de Pós-graduação em Educação. Tese (Doutorado). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista biográfica



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE MESTRADO
ACADÊMICO EM ENSINO (PPGEN)



“As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (JOSSO, 2007, p. 413).

Momento inicial: Apresentação da pesquisadora e socialização da ideia geral da pesquisa.

Questões de partida:

1. Em que cidade nasceu?
2. Como foi a sua infância?
3. Quais experiências foram mais marcantes no âmbito familiar (amigos, mudança de cidade)?
4. Quais são suas primeiras memórias em relação a sua vida escolar (Como foi sua carreira estudantil)?
5. Como eram/agiam as (os) professores naquela época?
6. Relate sobre sua formação profissional, as realizações, as frustrações, constituição familiar, trabalho etc.
7. Você recorda o nome de alguns professores/série e suas marcas deixadas na sua trajetória de escolarização e de formação acadêmica?
8. Quanto ao relacionamento educador-educando, como se processava?
9. Quais metodologias e técnicas pedagógicas utilizados pelos(as) professores(as) mais lhe marcaram? Por quais razões?
10. Quais eram as suas maiores dificuldades? Justifique.
11. Guarda lembranças, fotos, certificados, arquivos (cadernos, provas, bilhetes, boletim) deste período? Poderia, por gentileza, disponibilizar para a pesquisa?
12. Sinta-se à vontade para relatar experiências, educacionais e profissionais, que não estão presentes na relação acima.

Momento final: agradecimentos e despedidas.

Referência

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, v. 3, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEn
Mestrado e Doutorado em Ensino

ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro a seguir é parte da pesquisa de Mestrado, desenvolvida pela mestrandia Cristiane Carmo dos Santos, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob orientação do Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos. Solicitamos, assim, sua colaboração e contribuição no processo de construção de dados para presente projeto de investigação.

1 Dados de identificação

- Nome: _____
- Data de Nascimento: ____/____/____
- Cor/Raça (autodeclaração): _____
- Estado Civil: _____
- Número de filhos: _____
- Cidade de origem: _____
- Nível de escolarização da mãe e do pai: _____

2 Aspectos socioeducacionais

a) Onde já trabalhou? Quantas horas por dia trabalhava? Quanto ganhava por mês?

- () fábrica () 4 horas () 1 salário mínimo
- () empresa () 8 horas () menos de 1 salário
- () casa de família () 6 horas () 2 salários
- () comércio () 10 horas () mais de 2 salários
- () construção () 12 horas () 1 salário e meio
- () outros. Qual? _____

3 Aspectos gerais de vida e de escolarização.

3.1) Você lembra quando parou de estudar (ano)? Por quais razões?

3.2) O que você deseja ao voltar a estudar?

() Aprender a ler e escrever. () Concluir o ensino fundamental.

() Concluir o ensino médio. () Ingressar numa universidade.

() Conseguir um trabalho melhor ao sair da unidade prisional.

() Remição de pena.

() Outro sonho: _____

3.3) Por quais motivos já deixou de frequentar a escola no contexto prisional e fora dele?

3.4) Que conhecimentos e/ou temas você gostaria de aprender na escola? Por quê?

3.5) Que dificuldades você encontra para aprender na escola?

3.6) De que ações culturais você já participou (cinema, teatro, dança, biblioteca, música)?

3.7) Como vivenciou o contexto da pandemia na prisão?

3.8) Quais os seus principais desafios na vida e na escola?

3.9) Quais as alternativas para superar seus desafios indicados na questão anterior?

3.10) Que projetos de vida você pensa em realizar ao sair do contexto prisional?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado aos colaboradores da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha "Assinatura do participante".

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Cristiane Carmo dos Santos

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: José Jackson Reis dos Santos

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

<p>2.1. TÍTULO DA PESQUISA</p> <p><i>Cartas do Cárcere: refletindo sobre situações-limites e inéditos viáveis na (re)significação de trajetórias de vida de estudantes e egressos da EJA</i></p>
<p>2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):</p> <p><i>Os indivíduos historicamente excluídos, sem o amparo escolar e sem formação profissional, são sujeitos mais vulneráveis a violência. O panorama carcerário brasileiro demonstra em índices uma exclusão absal. De acordo o Departamento Penitenciário Nacional, no período de janeiro a junho do ano de 2020, haviam no Brasil 702.069 detentos, dos quais a maioria eram negros e sem formação escolar. Este fato nos leva a buscar com esta pesquisa compreender a relação entre exclusão social e violência. Buscando nos conceitos freireanos "inéditos viáveis" e "Situações limites", compreender quem são estes sujeitos.</i></p>
<p>2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):</p> <p><i>Para analisar situações-limites e inéditos viáveis no processo de reconstrução e ressignificação de trajetórias de vida de estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos em contextos de privação de liberdade.</i></p>

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

<p>3.1 O QUE SERÁ FEITO:</p> <p><i>Serão realizadas rodas de conversas sobre temas diversos com ênfase em educação, escolarização; questionários e escrita caratas com estudantes do Conjunto Penal de Vitória da Conquista Promotor Público Paulo Hortélio em Vitória da Conquista- Bahia</i></p>
<p>3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:</p> <p><i>No Conjunto Penal de Vitória da Conquista Promotor Público Paulo Hortélio em Vitória da Conquista- Bahia, no período entre fevereiro de 2022 e novembro de 2022.</i></p>
<p>3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:</p> <p><i>60 minutos</i></p>

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

Rubricas:

J. Santos

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Demora das rodas de conversas; invasão de privacidade; vazamento de alguma informação contida nas conversas.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Este estudo apresenta risco mínimo, uma vez que tratando-se de pessoas privadas de liberdade e com a utilização de algumas técnicas e instrumentos, como: entrevistas questionários, o pesquisador deve ter cuidado para não cometer invasão de privacidade, pois os sujeitos participantes da pesquisa podem responder questões que envolvam atos ilegais, sobre sexualidade, violência etc. Além disso, o pesquisador deve ter bastante cuidado para não promover discriminação a partir do conteúdo revelado. Ele deve evitar também tomar muito tempo na realização da pesquisa, assim como, considerar os riscos relacionados à divulgação de imagem, quando houver filmagens ou registros fotográficos.

O pesquisador deve estar muito atento a todas as especificidades do espaço onde se realiza a pesquisa e respeitar todos os padrões de segurança exigidos.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Momentos de escuta sensíveis, aperfeiçoamento da escrita, da escuta e da fala pelo processo de socialização.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

A pesquisa espera server como aporte teórico para pesquisas futuras no contexto de privação de liberdade no município de Vitória da Conquista- Bahia.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: *Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.*

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: *Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.*

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

Abauto

R: Nenhum.

6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.

6.9. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Cristiane Carmo dos Santos

Endereço: Av. Boa Vontade, n. 2759, Bairro Brasil, Vitória da Conquista - BA

Fone: 77-98135-8574/ E-mail: geograffando@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

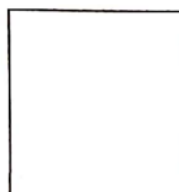
em participar do presente estudo;

com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, Bahia, 30 de novembro de 2021

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Assuta

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 3

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Vitória da Conquista, Bahia, 30 de novembro de 2021

Cristiane Carmo dos Santos

Assinatura do(a) pesquisador

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 4

Rubricas:

flauto

APÊNDICE D - Palavras e expressões utilizadas no cárcere

1.	A BENÇÃO	A IGREJA
2.	ABOBRÃO	REMÉDIO PARA DORMIR NA COR LARANJA
3.	ACELERADO	PRESO MUITO ATIVO DE FORMA RUIM
4.	ACREDITA	PUXAR
5.	AÇUQUINHA	COBERTO DE AÇÚCAR
6.	ALEMÃO	PRESO DA FACÇÃO RIVAL
7.	ALMA SEBOSA	GENTE RUI,
8.	AMNÉSIA	ARMA ARTESANAL COM TOALHAS
9.	APOIO	PRESO QUE FAZ A SEGURANÇA DAS FRENTE. O MESMO QUE FAXINA DE CELA
10.	AREIA	AÇÚCAR
11.	ARMADOR	QUEM INVENTA MENTIRAS
12.	ARMADOR	PRESO QUE TENTA PREJUDICAR OUTRO INVENTANDO SITUAÇÕES
13.	ARRASTAR	PRESO QUE CRIA SITUAÇÃO PARA PREJUDICAR OUTRO
14.	ARROTADOR (1)	QUEM SE ACHA DEMAIS
15.	ARROTAR (2)	PRESO QUE FICA DEBATENDO COM OUTRO
16.	ASSADOR DE CHIMANGO	ANUS
17.	ATIVA	PRESO FAZENDO ALGUMA FUNÇÃO, LAVANDO ROUPA, LIMPEZA ETC.
18.	ATIVA (2)	OCUPAÇÃO
19.	ATIVA MONSTRA	BOM DE FAXINA
20.	ATRASA O LADO	PESSOAS QUE PERSEGUEM OU ATRAPALHAM ALGUÉM
21.	BAILARINA	CANETA
22.	BAILARINA	PARTE INTERNA DA CANETA
23.	BANDECO	MARMITA
24.	BANHO DE ESCOVÃO	BANHO FORÇADO COM A ESCOVA OU VASSOURA
25.	BANHO DE SOL	MOMENTO QUE O PRESO É EXPOSTO AO SOL
26.	BARRACO	CELA
27.	BEBEDOR	COPO
28.	BENÇA	CELA DOS EVANGÉLICOS
29.	BIA	BITUCA DE CIGARRO DE MACONHA
30.	BIC	ISQUEIRO
31.	BICHO	PERIGOSO
32.	BILILIN	TELEFONE
33.	BOBINA	BATERIA
34.	BOI	VASO SANITÁRIO
35.	BOI RALADO	CARNE MOÍDA
36.	BOMBA D'ÁGUA	MELANCIA
37.	BONDE	JOGAR FORA
38.	BOQUETA	ABERTURA DA PORTA
39.	BORÓ	FUMO
40.	BRECHÓ	ROUPAS
41.	BROCAR	MATAR (DEPENDENDO DO CONTEXTO)
42.	BRUXA	VASSOURA
43.	BURRINHA	CAMA DE CIMA
44.	BUTUIN	ANUS
45.	CACHORRINHA	COCHILO
46.	CAFOFO	LOCAL DE ESCONDER FLAGRANTE
47.	CANTA LILI	LIBERDADE
48.	CAPA	PORTA
49.	CAPA	PORTA DA CELA
50.	CAPA (2)	RESPONSÁVEL; DE PORTEIRO
51.	CAPA PRETA	POLÍCIA

52.	CAPA PRETA	JUIZ
53.	CAPACETE	PRESERVATIVO
54.	CAPANA	ESPELHO
55.	CARETÁ	CIGARRO
56.	CARLA	CALABRESA
57.	CARNE DE MONSTRO	CARNE DE BOI
58.	CAROÇO	MUNIÇÃO
59.	CARRAPATO	PANO COLADO COMO SUPORTE
60.	CARTEADO	BARALHO
61.	CARTUCHO	SACOLA
62.	CARTUCHO	SACO PLÁSTICO
63.	CARVÃO	LÁPIS
64.	CASTELAR- CASTELANDO- CASTELANO	PENSAR EM ALGO OU EM ALGUÉM – MEDITAR- REFLETIR
65.	CATACUMBA	ESPAÇO ABAIXO DA CAMA INFERIOR
66.	CATATAU	CARTA
67.	CATITU	BRIGUENTO
68.	CATÚ	BILHETE
69.	CAVALO	O CARA QUE DIRIGE PARA O TRÁFICO OU PARA ASSALTANTES(MOTORISTA)
70.	CD	COCAINA
71.	CÉREBRO DE MACACO	ALMONDEGAS
72.	CHAPADO	PESSOA INSANA
73.	CHAPEI	ENLOUQUECI
74.	CHAVINHA	CHAVE DE FENDA IMPROVISADA COM PREGOS E CABO DE BARBEADOR
75.	CHEIRIM	DESINFETANTE
76.	CHINELÃO	EMPANADO
77.	CHUÁ	BANHO
78.	CHUNCHO	FURADOR/ ARMA IMPROVISADA
79.	CHUNCHO	FERRO PONTIAGUDO
80.	CHUTEIRA	REVOLVER
81.	CO	CARNE DE HAMBURGUER
82.	COCOZÁ\RATIA	PEGAR O QUE NÃO PEDIU
83.	COLUMIN	PAPEL DE CIGARRO
84.	COMARCA	CAMA NA PARTE INFERIOR
85.	COMARCA OU JEGA	CAMA
86.	COMIDA FEDERAL	COMIDA QUE VEM DOS FAMILIARES
87.	COMPARSA	COMPANHEIRO DO SISTEMA
88.	CONDUZIR A NAVE	ATO DO REPRESENTANTE AO SER RESPONSAVEL PELA GALERIA
89.	CORAÇÃO	CHIP DO CELULAR
90.	CORO DE RATO	PRESO QUE NÃO TEM VISITA
91.	COROAS	LÍDERES
92.	CORRERIA	DETENTO QUE ENTREGA OS ALIMENTOS
93.	CORRERIA	INTERNO QUE DISTRIBUI A COMIDA DE CELA EM CELA
94.	CORRÓ	PRESO NOVATO
95.	CORUJA (1)	CUECA
96.	CORUJA (2)	POLÍCIA OU ESPÍÃO
97.	COSTURANTE	AGULHA
98.	CROCANTE	BOLACHA
99.	DA A SUA IDEIA DE BANDIDO	FALAR COM FIRMEZA
100.	DA UM CHOQUE	CARREGAR A BATERIA
101.	DAR IDEIA	DAR OPINIÃO, FALAR ALGO
102.	DAR UM JET	PASSEAR

103.	DE BICHO	DE BOA
104.	DE QUALÉ	O QUE É?
105.	DESACREDITADO	SEM MEDO DO QUE PODE ACONTECER
106.	DUCHA	BANHO
107.	É NINHUMA	É DE BOA
108.	É NOIS	AMIZADE (UM PELO OUTRO)
109.	EGITO	CELA ONDE É PERMITIDO FUMAR E BEBER, OUVIR MÚSICA MUNDANA, FALAR PALAVRÕES, FALAR SOBRE SEXO, OU SEJA, TUDO QUE A IGREJA ABOMINA (AQUI SÓ TEM UMA CELA DE CRENÇA OU IGREJA)
110.	FACÃO	FAXINA SÓ COM O PANO (LIMPAR MAL LIMPO)
111.	FARRACHO	FAQUINHA
112.	FAXINA	QUEM CORRIGE CADA CELA
113.	FERNANDÃO	TAPIOCA
114.	FORTALECER	CONSIDERAR
115.	FRANGO ATROPELADO	FRANGO DESFIADO
116.	FRENTE	QUEM DÁ AS ORDENS
117.	FRENTE	O REPRESENTANTE
118.	GAIS	FOGÃO IMPROVISADO COM SACO PLÁSTICO
119.	GASTAR	FAZER RESENHA DE ALGUÉM
120.	GIA	GILLETE
121.	GRAVATA	ADVOGADO
122.	GRAXA	MANTEIGA
123.	GUELA	COMILÃO
124.	GUERREAR	LUTAR POR ALGO
125.	GUERREIRA	NAMORADA OU ESPOSA
126.	IDEIA	REPRESENTANTE. EX. A IDEIA FALOU PARA IR PARA A ESCOLA SOMENTE COM ROUPAS COMPOSTAS
127.	INCHANDO	DORMINDO
128.	ISQUERIN	QUEM INCENTIVA BRIGA/ FUXIQUEIRO
129.	JÁ É	CONFIRMAR ALGO
130.	JACA	TRASEIRO (BUNDA)
131.	JACARÉ (1)	SERRA ARTESANAL COM PALITOS DE PICOLÉ E NAVALHAS
132.	JACARÉ (2)	QUANDO AO ACENDER O CIGARRO DE MACONHA DESPERDIÇA O PRODUTO
133.	JACK	ESTUPRADOR
134.	JEGA	CAMA NA PARTE SUPERIOR
135.	JOTA	GILLETTE
136.	JUMBO	PRODUTOS RECEBIDOS DOS FAMILIARES
137.	KETO	CORTINA
138.	LAMBEDEIRA	FACA
139.	LARANJADA	QUANDO O PRESO PARTICIPA DE ALGUMA COISA ACHANDO QUE VAI DAR CERTO E DÁ ERRADO
140.	LATÃO (1)	CARRO DO BONDE
141.	LATÃO (2)	CELA DE TRIAGEM, A QUAL EM ALGUMAS CADEIAS FICA AO LADO DO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA
142.	LATRÓ	COLCHÃO
143.	LATROL	COLCHÃO
144.	LOBO	PRESO QUE ENTRA NA CRENÇA SEM SINCERIDADE SO PORMEDO DE FICAR NO EGITO
145.	LOMBRAR	DEFECAR
146.	LOROTEIRO	PRESO QUE MENTE MUITO
147.	LUPA	ÓCULOS
148.	MACACA	BANANA
149.	MÃE	HOMOSSEXUAL QUE NÃO SE ASSUME
150.	MÃEZONA	HOMOSSEXUAL ASSUMIDO
151.	MAILÓ	ARMA ARTESANAL FEITA COM PANOS

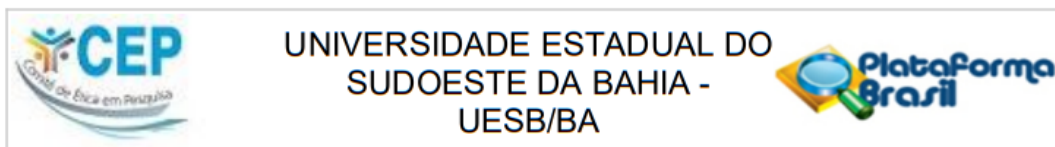
152.	MAISENA	COCAÍNA
153.	MALA DO GOVERNO	PRESO (POR QUE PODEM SER LEVADOS PARA QUALQUER LUGAR)
154.	MALOQUEIRO	PRESO QUE NÃO TEM VISITA, MAS MESMO ASSIM DIVIDE COM OS OUTROS O POUCO QUE CONSEGUE
155.	MALOTE	PACOTE FECHADO COM DROGAS
156.	MANGALÔ	PRATELEIRA DENTRO DA CELA
157.	MANTA	COBERTA
158.	MANTA	COBERTA
159.	MARIA LOUCA	BEBIDA FERMENTADA ARTESANALMENTE
160.	MARROTE	PÃO
161.	MASSA (1)	SABONETE ESFARELADO E MISTURADO COM ÁGUA
162.	MASSA (2)	MACONHA
163.	MATEMÁTICA	NÚMERO CONTA
164.	MATRACA	FERRAMEA ARTESANAL PARA FURAR PAREDES
165.	MELAR	
166.	MERGULHÃO	AQUECEDOR IMPROVISADO DE ÁGUA
167.	METENDO O LOUCO	O MESMO QUE PAGANDO DE DOIDO POREM DE FORMA MAIS CONSTANTE E INTENSA
168.	MICROONDAS	QUANDO ALGUÉM É QUEIMADO VIVO ENROLADO EM COLCHÕES
169.	MILISCRUÊNCIA	ALIMENTO APETITOSO
170.	MIRONGA	DOCE FEITO DA MISTURA DE PÃO E BOLACHA
171.	MIXA	ALGO DE ERRADO QUE O PRESO FEZ NO PASSADO
172.	MOCA	CAFÉ
173.	MOCÓ	LOCAL ONDE SE ESCONDE O FLAGRANTE
174.	MOSCA DE BOI	PRESO VACILÃO
175.	MOSCÃO	DESLIGADO DE TUDO
176.	MULAGEM	TROLAGEM
177.	MULHER NA CADEIA	RESPEITO TOTAL
178.	MUNDÃO	A "RUA" OU QUALQUER LUGAR FORA DA PRISÃO
179.	MUNDRUNGO	PRESO QUE NÃO TOMA BANHO, NEM LAVA AS ROUPAS COM FREQUÊNCIA; SUJEIRA
180.	NA DIAGONAL	COMPLICADO
181.	NA HUMILDE	POR FAVOR
182.	NA HUMILDE OU NA HUMILDADE	POR FAVOR
183.	NA MELHOR	ASSIM QUE EU PUDER
184.	NE UMA	TUDO BEM,
185.	NEGO BOM	DOCE DE BANANA
186.	NO AUTOMÁTICO	COM CLAREZA/ SEM ENROLAÇÃO
187.	NO CORO	FAZER SEXO SEM PRESERVATIVO
188.	O CANÇÃO CANTOU	O BICHO PEGOU
189.	OLHA O AR / DÁ O AR	SILÊNCIO
190.	OLHO VIU, BOCA PIU	SE VIU NÃO CONTA
191.	PAPAIA	FUMO
192.	PAGANDO DE DORMIDINHA	FINGINDO QUE TÁ DORMINDO
193.	PALOSO	PRESO QUE CHAMA A ATENÇÃO
194.	PARTIU VOANDO	SAIU CORRENDO
195.	PAPAGAIO	RÁDIO
196.	PASSA A IDEIA	FALA O QUE QUER DIZER
197.	PASSAR A VISÃO	DAR A IDEIA DE COMO É
198.	PASSAR A TRANSPARÊNCIA	DIZER À ALGUÉM A VERDADE SOBRE UM FATO OCORRIDO
199.	PASSAR O PANO (1)	VERIFICAR
200.	PASSAR O PANO (2)	SOCORRER, PERDOAR
201.	PASTOSA	PIRÃO

202.	PATATÁ	PENTE
203.	PAU DE FOGO	REVOLVER
204.	PAZINHA	COLHER
205.	PÉ DE LÃ	HOMEM QUE FICA COM MULHER CASADA
206.	PÉ DE PANO	HOMEM QUE FICA COM MULHER CASADA
207.	PEÇA	KG DE DROGA
208.	PEDRA DE OSSOS	DOMINÓ
209.	PEGAR A VISÃO	OBSERVAR QUALQUER SITUAÇÃO
210.	PEGUEI OU PEGA	SURRA
211.	PEITO DE POMBO	SOCAR COM AS DUAS MÃOS JUNTAS NA REGIÃO DO PEITO
212.	PERCATINHA	PRESO QUE ESTUPROU CRIANÇA
213.	PERERECA	AQUECEDOR DE ÁGUA IMPROVISADO
214.	PERPETUA	APERTO DE MENTE
215.	PERRECO	DESAVENÇA ENTRE OS PRESOS
216.	PERREQUEIRO	BRIGUENTO
217.	PESCADOR	CORDA COM UMA ESPÉCIE DE ANZOL QUE PEGA OBJETOS CAÍDOS FORA DA CELA
218.	PESO	PRESO DEPRESSIVO QUE NÃO FAZ NADA
219.	PH	PAPEL HIGIÊNICO
220.	PIÁ	IMOBILIZAR OU AMARRAR ALGUM
221.	PIPA	CARTA
222.	PIPA	BILHETE
223.	PIRANÃO	TRAIADOR, PILANTRA
224.	PIRULITO (1)	FERRO DE GRADE
225.	PIRULITO (2)	VELA IMPROVISADA
226.	PISANTE	TÊNIS
227.	PIVETÃO	“COROA” OU PRESO MAIS VELHO
228.	PIVETE	PRESO JOVEM
229.	PÓ DE CERA	FARINHA
230.	POCAR	QUANDO UM TIRO ATINGE O CORPO HUMANO (EX. DEI UM TIRO EM ZÉ E POQUEI ELE)
231.	PODE PÁ	OK, TÁ TUDO CERTO
232.	PÔDI	PENIS
233.	POLÍCIA NA CADEIA	ATENÇÃO PRA VISTORIA
234.	POMBO SUJO	PESSOA QUE NÃO SERVE PARA O CRIME
235.	POR PILHA	INCENTIVAR
236.	PORCO	RALO
237.	PRAIA	CHÃO DA CELA
238.	PRETÃO	FUMO FORTE
239.	PULAR CAGADO	PRESO QUE SAI DO CONVIVIO
240.	PURURUCA	PESSOA PREGUIÇOSA
241.	QUACHÁ-QUACHA	CONVERSAR DEMAIS
242.	QUADRADA	PIOSTOLA
243.	QUEBRA GELO	CORTADOR DE UNHA
244.	QUEBRADA	LUGAR ONDE EU MORO
245.	QUEBRAR O CASTELO	ATRAPALÇAR O PENSAMENTO ALHEIO
246.	QUEBRAR UM LITRO	URINAR
247.	QUEM TEM O MÁNAIN PARTE QUEBRANDO	QUEM TEM <i>MONEY</i> , DINHEIRO SAI NA FRENTE
248.	QUETO	CORTINA
249.	RADINHO	CELULAR
250.	RAIO	COCAINA
251.	RAMPA (1)	HORA DE PEGAR O ALIMENTO
252.	RAMPA (2)	QUEM PEGA O ALIMENTO NA BOQUETA
253.	RATO DE MOCÓ	PRESO QUE ROUBA DENTRO DA CADEIA
254.	RATO NA BRITA	QUANDO OS POLICIAIS OU OS AGENTES FAZEM A RONDA
255.	RATO (1)	LADRÃOZINHO DE CADEIA

256.	RATO (2)	CORDA COM PESO NA PONTA
257.	REBORDOSE	RESSACA
258.	RELÓGIO DE CELA	PREO ENGRAÇADO QUE FAZ OS OUTROS RIREM SEMPRE E FAZ O TEMPO PASSAR
259.	RIPADA OU VARADA	A SENTENÇA CHEGOU
260.	ROBÔ	PRESO CONTRATADO POR ALGUM
261.	ROBOZIM	PAU MANDADO
262.	RODEIRÃO	HAMBURGUER
263.	RODOU	PRESO QUE VACILOU OU FEZ ALGO DE ERRADO
264.	ROUPA FEDERAL	ROUPAS NORMAIS QUE SE USA NO ‘MUNDÃO’
265.	RURURUR	PRESO ALTERADO E NERVOSO
266.	SALVE	O MESMO QUE DAR UM RECADO PARA ALGUÉM. EX. DÁ UM SALVE EM DONO EUGÊNIA QUE ESTÁ TUDO DE BOA
267.	SALMO 40	ESPERAR COM PACIÊNCIA
268.	SAMARIAR	VERIFICAR OS OCORRIDOS
269.	SO AGRADECE	OBRIGADO
270.	SÓ FORÇA	OBRIGADO
271.	SORIM	MINGAU DE MILHO
272.	SUSPENDER	MATAR
273.	TA BATENO	CONVERSA VERÍDICA/FICOU ÓTIMO
274.	TÁ LIGADO	VOCÊ TAMBÉM SABE
275.	TÁ SINISTRO	MUDANÇA NA ROTINA
276.	TÁ NA CONDIÇÃO	PODE AJEITAR PARA MIM?
277.	TÁ PAGO	PRESO QUE ERROU E VAI RECEBER DISCIPLINA OU REPREENSÃO
278.	TALARICO	PRESO QUE COBIÇA A MULHER DO PRÓXIMO
279.	TAXI	SANDALIA
280.	TELA	TV
281.	TEREZA	CORDA TRANÇADA ARTESANAL
282.	TERROR DE CALCINHA	PRESSÃOZINHA
283.	TIA	CORDA
284.	TIANE	CORTINA
285.	TIRAR A CADEIA	PRESO QUE ESTA CUMPRINDO PENA
286.	TIRAR A COTA (1)	PEGAR A SENTENÇA
287.	TIRAR A COTA (2)	PEGAR A APARTE QUE TE PERTENCE
288.	TIRIÇA	ALERGIA, COCEIRA E MANHAS NO CORPO
289.	TOSCANA	PÊNIS
290.	TOU SUAVE	ESTOU DE BOA
291.	TOU BONITÃO	QUANDO O PRESO TEM ALGO A MAIS DO QUE PRECISA
292.	TR	COMPROVANTE
293.	TRANCA	CADEADO
294.	TRANSPARÊNCIA	FATO REAL
295.	TX	SANDÁLIA
296.	VAI CHEGAR	MANDO AGORA MESMO
297.	VAI QUE ZÉ?	VAI QUERER?
298.	VAQUINHA	CAFÉ COM LEITE
299.	VAQUINHA (1)	CAFÉ COM LEITE
300.	VAQUINHA (20)	LEITE
301.	VENCIMENTO	ALIMENTO DO INTENTO
302.	VENENIN	SOCO ARTIFICIAL
303.	VENENINHO	SUCO
304.	VENTANA	JANELA COM GRADES
305.	VENTANA	JANELA
306.	X....A	
307.	ZÉ POVIN	QUEM FICA DE OLHO NA CONVERSA ALHEIA
308.	ZOIÃO	OVO

ANEXOS

ANEXO A - Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cartas do Cárcere: refletindo sobre situações-limite e inéditos viáveis na (re)significação de trajetórias de vida de estudantes e egressos da EJA

Pesquisador: CRISTIANE CARMO DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56134121.8.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.302.937

Apresentação do Projeto:

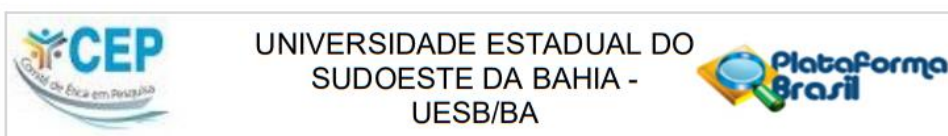
Nas palavras da autora:

"Esta proposta de pesquisa tem por intuito investigar por meio das leituras de cartas produzidas nas rodas ocorridas no Conjunto Penal de Vitória da Conquista-Bahia com o grupo de estudantes os inéditos Viáveis e as situações limites que fazem da da Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma Pública aplicada à Educação Prisional como ferramenta de transformação pessoal e social, bem como de garantia dos direitos humanos aos indivíduos privados de liberdade no Conjunto Penal de Vitória da Conquista (CPVC) – Bahia. A metodologia utilizada será o estudo de caso, com base nos princípios de Yin (2001) e análise de conteúdo, de acordo Bardin (2011). Assim, a aquisição de fontes documentais como os arquivos institucionais do CPVC, fotografias, exames externos, entrevista com professores e alunos, funcionários e gestores da referida instituição de ensino são de grande relevância para uma melhor compreensão da questão da educação enquanto política e direito humano concedido ou negado aos internos no Conjunto Penal de Vitória da Conquista, tendo por base a Educação de Jovens e Adultos".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.302.937

Pesquisadores	DeclaraCompromissos.pdf	17:44:00	DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizaColeta.pdf	03/12/2021 17:42:15	CRISTIANE CARMO DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	03/12/2021 17:38:58	CRISTIANE CARMO DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 21 de Março de 2022

Assinado por:

Leandra Eugenia Gomes de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

ANEXO B - Circulo de Cultura

Canção impressa

Te desejo vida!

Compositora: Flávia Wenceslau Sartori

Eu te desejo vida, longa vida
Te desejo a sorte de tudo que é bom
De toda alegria, ter a companhia
Colorindo a estrada em seu mais belo tom
Eu te desejo a chuva na varanda
Molhando a roseira pra desabrochar
E dias de sol pra fazer os teus planos
Nas coisas mais simples que se imaginar
E dias de sol pra fazer os teus planos
Nas coisas mais simples que se imaginar
Eu te desejo a paz de uma andorinha
No voo perfeito, contemplando o mar
E que a fé movedora de qualquer montanha
Te renove sempre, te faça sonhar
Mas se vier as horas de melancolia
Que a lua tão meiga venha te afagar
E que a mais doce estrela seja tua guia
Como mãe singela a te orientar
Eu te desejo mais que mil amigos
A poesia que todo poeta esperou
Coração de menino cheio de esperança
Voz de pai amigo e olhar de avô
Eu te desejo muito mais que mil amigos
A poesia que todo poeta esperou
Coração de menino cheio de esperança
Voz de pai amigo e olhar de avô

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/flavia-wenceslau/te-desejo-vida/>

ANEXO C - Carta felicitações a Paulo Freire 01

11.09.21
DET O G S

OLÁ! GRANDE MESTRE, ESTAMOS LHE ESCRREVENDO ESSAS
POUCAS LINHAS PARA NARRAR UM POUCO DO NOSSO COTIDI-
ANO, QUE NÃO É MADA FÁCIL, DEVIDO A DECISÕES E ATITUDES
EQUIVOCADAS QUE TOMAMOS, VIEMOS PARAR NESTE LUGAR
QUE É ~~TEM~~ CONHECIDO COMO: UM LOCAL DE DESOCIALIZA-
ÇÃO, FATO É Q ESTAMOS LONGE DAS PESSOAS QUE MAIS
AMAMOS, FILHOS, PAIS, PARENTES, AMIGOS E ESPOSAS, TEM
DIAS Q ALCORÇAMOS MAL HUMORADO SENTINDO FANTA
SAUDADE DA NOSSA VIDA LA FORA Q CHEGA JOER NO
BOLTO, MAS, LOGO NOS RECOMPOSMOS, DEIXAMOS A FICHA
CAIR E ACEITAMOS A NOSSA CONDIÇÃO, ENTRETANTO, Q
FÉ EM DEUS ISSO É SÓ UMA FASE Q LOGO VAI PASSAR,
O QUE ESTAMOS PASSANDO E SENTINDO AQUI, NÃO DE-
SEJAMOS A NINGUÉM, PORTANTO, APESAR DOS PESARES, ESTA-
MOS BEM, NA MEDIDA DO POSSIVEL; QUANDO ESTAVAMOS EM
LIBERDADE, ESTUDAVAMOS NO KLEBER DACHECO, SUSTAMENTE
Q CONCILIAR OS ESTUDOS Q O TRABALHO E A FAMÍLIA, ENTÃO
SE NÃO FOSSE A EDUCAÇÃO Q JOVENS E ADULTOS, SEMAIS
TERÍAMOS DADO CONTINUIDADE NOS ESTUDOS, POIS SERIA
IMPOSSIVEL COLOCAR O DÃO DE CADA DIA EM NOSSAS
MESAS, SOMOS GRATOS POR ESSA INICIATIVA.

NOSSAS ALEGRIAS, É SABER Q TEM UM DEUS VIVO
Q NOS DÁ FORÇAS Q LUTAR E CONTINUAR NOSSA SOBREVIV-
ÊNCIA NUMA SOCIEDADE CORRUPTA, ONDE OS POLÍTICOS
SE BENEFICIAM Q O MELHOR QUE NÓS TEMOS, DEIXAN-
DO AS MILHARAS Q O RESTANTE DA POPULAÇÃO, DIFÍCUL-
TANDO CADA VEZ MAIS NOSSAS VIDAS, EM RELAÇÃO A
EDUCAÇÃO: ELA É A BASE DE TUDO, SEM EDUCAÇÃO A VIDA
SERIA MAIS COMPLEXA AINDA, MENOS OPORTUNIDADES DE

ANEXO D - Carta felicitações a Paulo Freire 02

Olá meu querido Paulo Freire, é com imenso prazer que venho atravessar desta carta, expressar a tamanha gratidão que sinto por você e pelas suas obras, e a imensa importância da sua história e do seu conhecimento para a educação do Brasil e do mundo. Pois muitas figuras históricas, inspiradas em suas filosofias.

Para mim a educação é algo essencial e indispensável na vida de todo ser humano, pois a partir da mesma é que adquirimos o conhecimento necessário para a vida, tornando-o fundamental para o nosso crescimento. Pois a vida sem educação seria uma profunda "inércia", ja que a mesma está ligada ao estudo, estaríamos parados no tempo e as grandes descobertas que hoje temos, que provêm do estudo, não existiriam.

Fico feliz por saber e em tender que a educação e o estudo, em geral, nos torna diferente, além de nos proporcionar uma qualidade de melhor de vida. O que mais me entristece é saber que em pleno século XXI, ainda há várias lugares e pessoas sem acesso à educação, não somente por conta do sistema governamental de distribuição de renda para a educação no Brasil ser precário,

Fonte: Mandacaru 07.

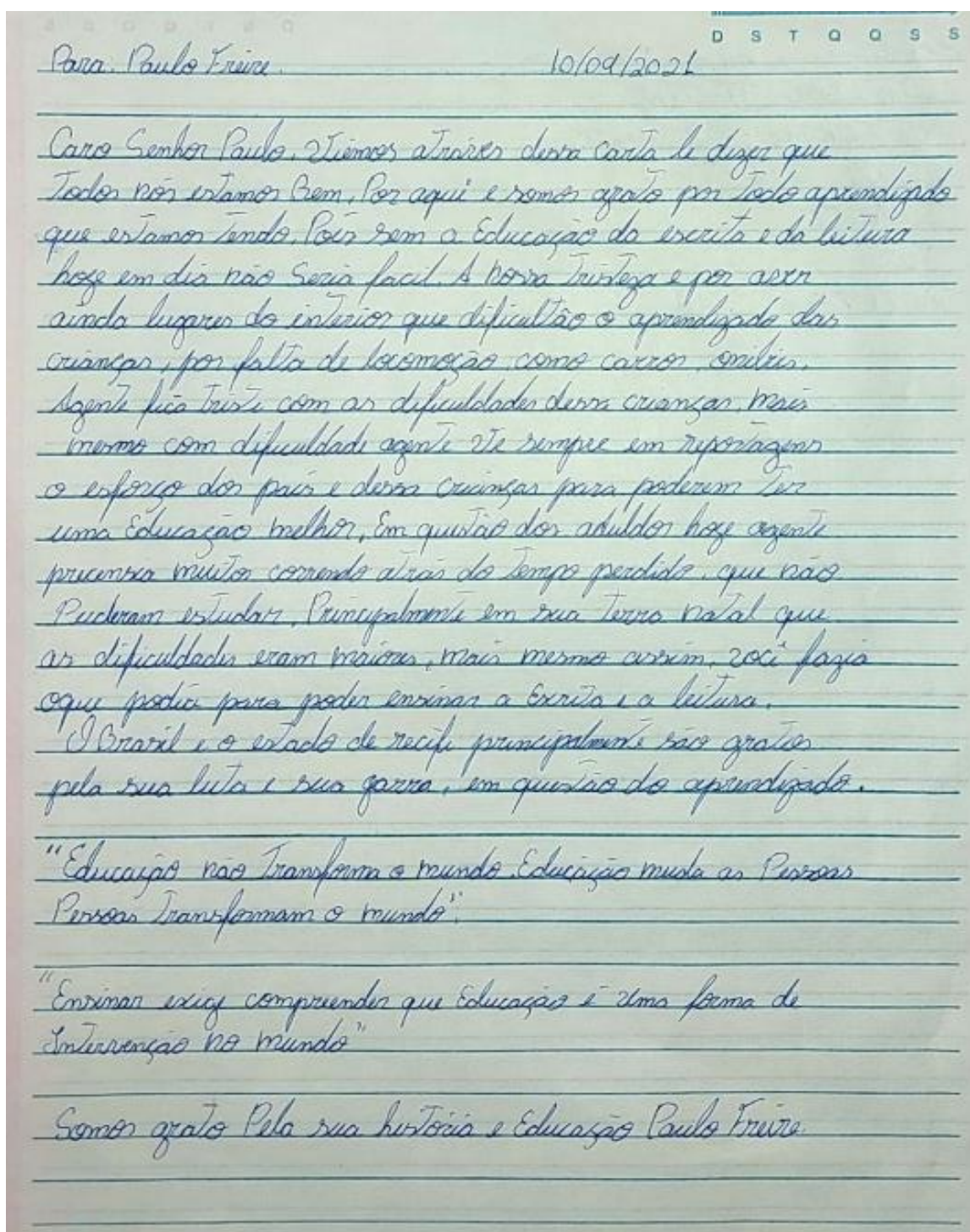
ANEXO E - Carta felicitações a Paulo Freire 03

Venho a trazer desta carta para ti agradecer, Paulo Freire por não se preocupar com as pessoas. Sem a educação ninguém vai respeitar ninguém.

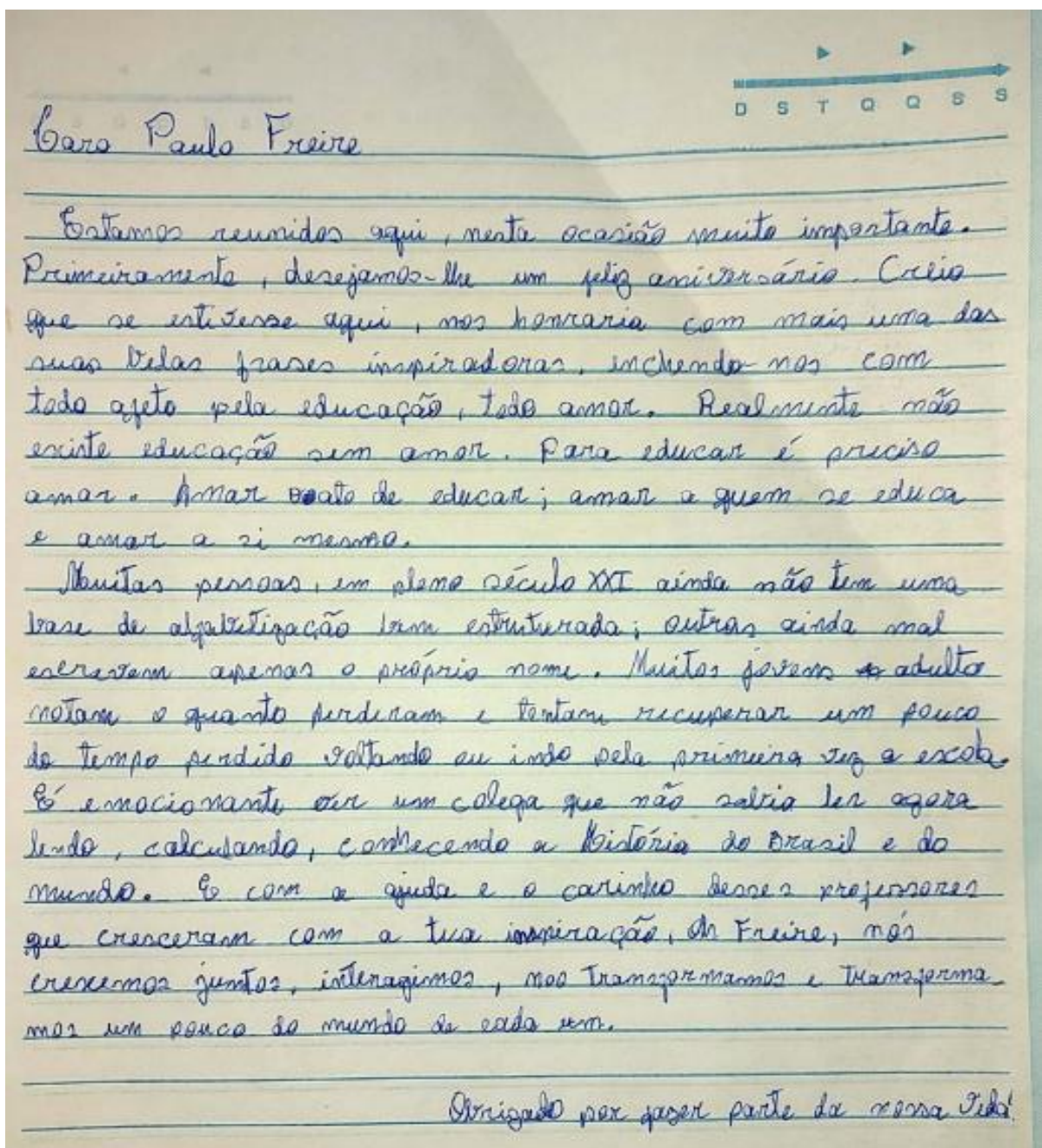
A Educação é um ato de Amar um ato de brincar não podemos ter medo do debate, não podemos fugir da discussão, todos nós sabemos alguma coisa e sempre temos mais a aprender, ninguém veio ao mundo de forma neutra, a Educação nos ensina a tomar decisões, a fazer as escolhas certas. Todos nós temos perguntas e precisamos buscar as respostas. A educação não pode transformar o mundo mas pode transformar as pessoas, e as pessoas podem transformar o mundo para melhor se forem educadas. Paulo Freire acreditava na mudança da realidade. Ele sabia que sozinho ele não poderia mudar o mundo, mas se educasse as pessoas juntas, faria uma nova realidade. Paulo Freire não sabe ensinar as pessoas de forma que elas compreendam. E hoje somos grates por ter tido a oportunidade de ter Educação acessível para todos.

Fonte: Mandacaru 01.

ANEXO F - Carta felicitações a Paulo Freire 04



ANEXO G - Carta felicitações a Paulo Freire 05



Fonte: Mandacaru 08.

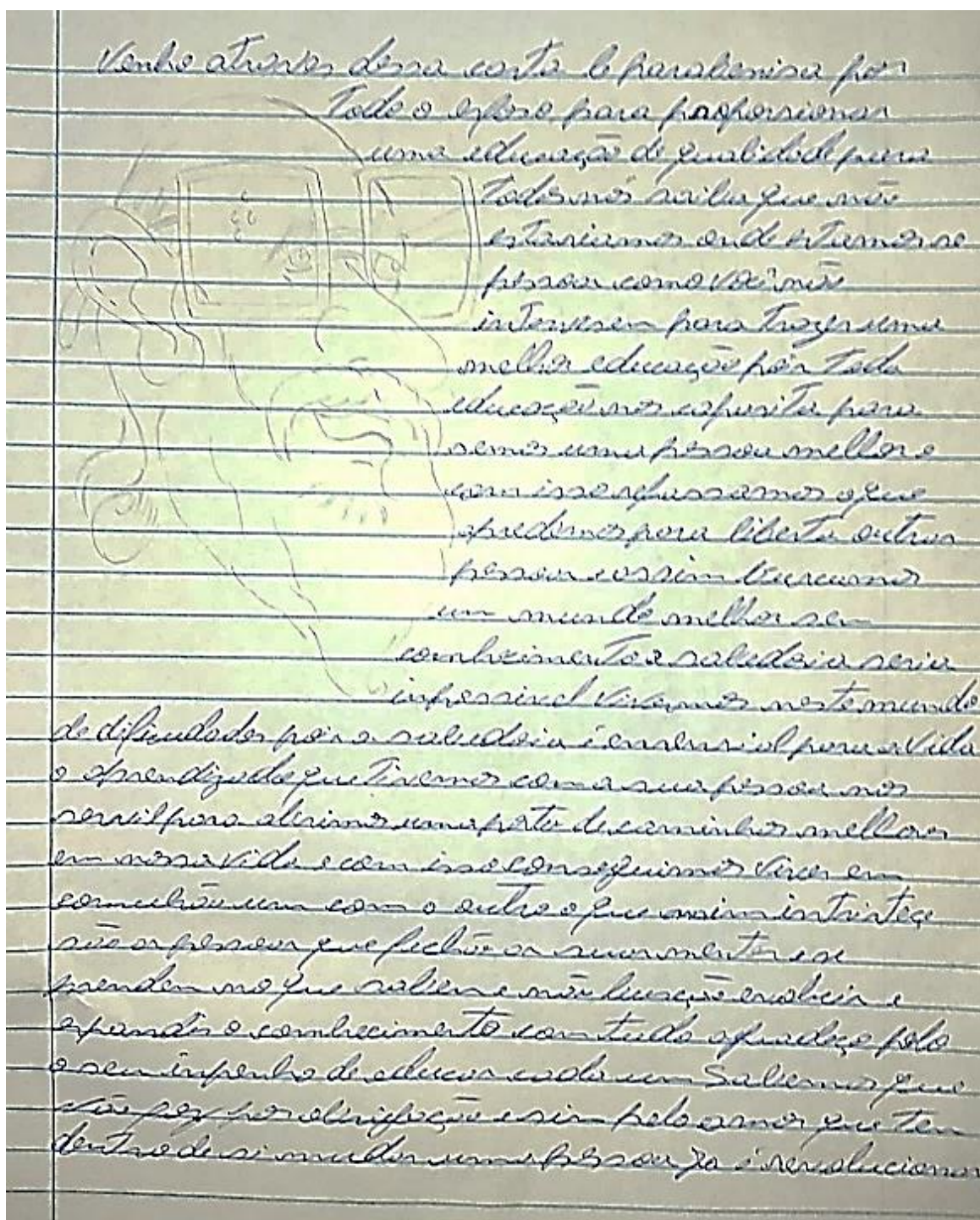
ANEXO H - Carta felicitações a Paulo Freire 06

Venho outra vez dessa carta Passar uma mensagem Para o Grande Paulo Freire, Homem que foi muito importante Para a nossa sociedade.

Começo a falar nessa carta como nos estornos, Gostas a Deus estornos bem, no momento estudando a História de Paulo Freire. Vou falar um Pouco sobre a vida sem educação Para Jovens e adultos, no meu ponto de vista a educação é uma das coisas mais importante que você pode adquirir nessa vida, Geralmente muitos crianças já sai de casa com a educação garantida, Outros acabam adquirindo na escola, muitos acabam adquirindo na rua, infelizmente muitos Pessoas entre Jovens e adultos acabam levando a vida sem ter educação, isso é uma coisa que prejudica bastante na vida do ser Humano, na sociedade se você não tem a educação necessaria você pode se atrapalhar, Pois educação é essencial Pra você ser uma Pessoa Digna, assim deixo a opinião nessa carta Para Paulo Freire, Junto com os colegas de estudo.

Fonte: Mandacaru 09.

ANEXO I - Carta felicitações a Paulo Freire 07



Fonte: Mandacaru 05.

ANEXO J - Carta felicitações a Paulo Freire 08

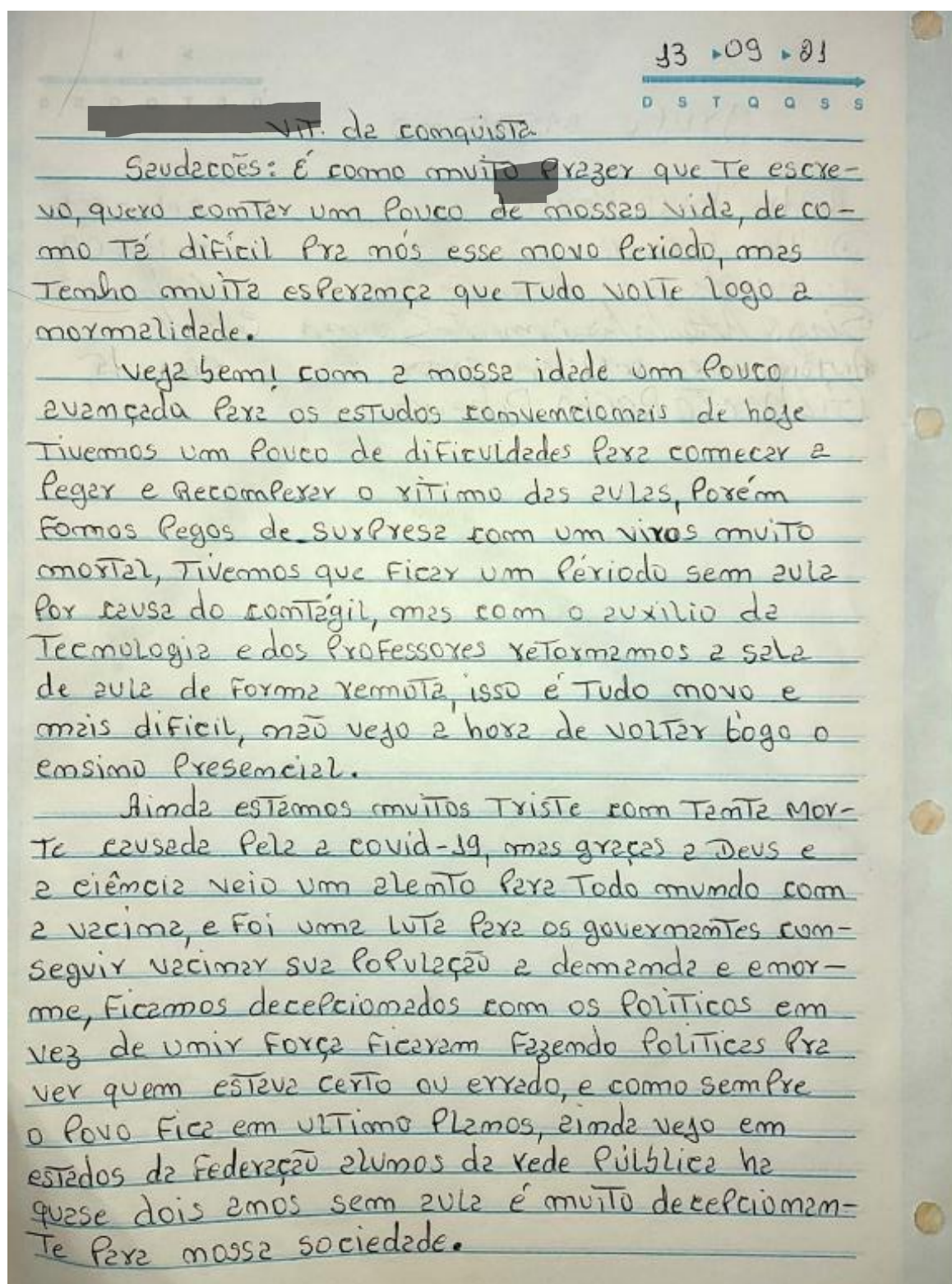
Espero que esta carta te encontre em Paz.

Ola Paulão espero que vc esteja bem
 Comigo esta mais ou menos.
 mas gostaria de ti parabenizar pelo seus
 cem anos de vida e ensino.
 bom eu tambem sou pernambucano assim
 como vc. só que eu estou preso.
 mas talvez vc pode me ajudar. eu preciso
 volta pra nossa terrinha e estou esperando
 pelo meu bonde que acho que e meu
 direito. mas como pra nós direito e
 só de deveres, não tive meu direito
 que o estado e a justiça me deve.
 por favor me da uma ajuda.
 Tambem pra completa o juiz fez
 meu calculo de pena todo errado
 agora eu tenho que pagar 6 mil
 pra corrigir. e assim ele erra e
 eu pago. nota paulão da uma força
 ai de cima. por conta desse erro do
 juiz eu estou pra ir pro semi aberto
 em setembro do ano que vem.
 quando na verdade já era pra eu
 estar lá a pelo ao menos 6 meses.
 e assim e a justiça injustica.
 por favor vc devia pedir de Deus
 converssa com ele pra mim. aqui

Tá tudo errado. mas só Deus.
 por isso conto com vc. podia era
 ti escrevendo outra coisa, mas fiz um
 cartão pra vc. fica com Deus.
 Tamo junto e missionado

De antoniél Lima da Milena
 para paulo freire.

ANEXO K - Carta fictícia a Paulo Freire 09



ANEXO L - Conselhos para mim 01

Carta para [redacted]

De [redacted] estou escrevendo essa carta para, só me lembrei o que eu tive na minha vida e joguei fora, meus pais fizeram de tudo pra mim, uma boa educação, minha mãe pediu pastel e geladinho, pra dar uma boa educação pra mim e meus irmãos meu pai era motorista fazia peças e ganhava mais dinheiro estudou de seus filhos e pra dar uma boa educação, principalmente pra mim, eu que joguei a minha educação de lado e me envolvi com a vida que tem hoje quando do conhecimento dos colegas da escola, se eu tivesse levado a sério o meu estudo eu não estaria nessa vida pagando que só Deus sabe o destino de nós todos, foi seu estudo meu arrependimento por não ter seguido o caminho, então mais Deus é a palavra de tudo eu tenho 3 filhos 2 são pagando a taxa ficando e estudando e a outra filha eu tenho, está estudando também tenho mais 2 crianças que estudo e jogo com a 10 mais tão estudando e eu passo a Deus que abençoe eles e que não piga o caminho do pai. Eu tive tudo mais não vou parar estudo mais vou deixar de minha família e eu falo pra não da o valor o estudo mais não sou mais nada

ANEXO M - Conselhos para mim 02

De tu podesse ver-me sozinho numa igreja
 eu faria que eu não fiz?

~~_____~~. Data nascimento: 17/09/1987

1º lugar me dedicaria aos estudos não acuitar
 o primeiro cigarro. tinha me casado com
 a minha primeira namorada ~~_____~~

2º Dava bem mais valor aos conselhos de minha
 mãe Brigaria na Escola.

3º Há também continuaria na Igreja
 Evangélica sendo baterista como se sempre
 fui. nunca deixaria ter largado Jesus.

4º não teria mexido com coisas errôneas
 ignoraria Amizades Alheias de quem
 na real só vai te levar pro Buraco.

5º Cuidava mais dos meus Irmãos
 que São mais novos que eu.

6º Todas as Dias Dava 3.000 Beijos
 na minha mãe e falava 3.000 Mil vezes
 que Amo ela.

7º Há: também pediria mais a Deus proteção
 e conselhos pra não cair na tentação

8º Continuaria cuidar de minha Avó Ibsa
 e Dia Betica.

9º Tentaria entender mais as pessoas
 que me Amam de Verdade e não as Recepçõarias

ANEXO N - Conselhos para mim 03

HOUVERÃO MUITAS COISAS QUE DEVERIA TER MUDADO, MAIS UMA DELAS, EM DESTAQUE FOI DE TER VOLTADO PRA MINHA CIDADE QUANDO RECEBI UM CONVITE PARA PODER TERMINAR OS MEUS ESTUDOS EM OUTRA CIDADE EM QUE EU ESTAVA MORANDO NESSA ÉPOCA A ESCOLA ERA RECEM-INALGURADA, COM PROFESSORES CAPACITADOS UMA ÓTIMA DINÂMICA DE ENSINO ALEM DE ESTAR LOCALIZADA NO LITORAL SUL DA BAHIA ONDE EU GOSTAVA MUITO DE ESTAR.

POREM AS DIFICULDADES FINANCEIRAS E A SALDADES DA TERRA NATAL DESARAM MUITO PARA QUE EU NÃO FICASSE, APESAR DE EU QUERER MUITO FICAR.

UMA SIMPLES ATITUDE OU A FALTA DE LA PODE MUDAR TUDO PARA MELH OU PARA PIOR. NO MEU CASO PARA PIOR POIS DESDE ENTÃO MINHA VIDA TEM POUCOS BONS MOMENTOS E INCONTINUOS MAUS MOMENTOS. A CONSEQUENCIA AISSO QUE HOJE APOS ESSE TEMPO ME TORNEI UMA PESSOA POUCO CONFIANTE E MUITO PESSIMISTA EM RELAÇÃO A NOVAS OPORTUNIDADES E SEM PERSPECTIVA DE MELHORA, ISSO PORQUE NADA ACONTECE PARA QUE MINHA OPINIÃO E ESPECTATIVAS SEJAM DIFERENTES DISSO.

Fonte: Mandacaru 08.

ANEXO O - Conselhos para mim 04

* Cartas para mim * ~~Abundância~~ Família
 * Educação * Justiça

Ai ~~como~~ como bom seria estar aí voltar para refletir, mas ninguém nasce sabendo enfim a família tenta alertar, avisar, mas, não pode se apegar naquele velho ditado de que conselho fosse bom não se clara, da pra acreditar, pior que acreditei e a família não escutei faltou atenção faltou carinho da minha parte eu sei! mas, continuo me reguindo acreditando no ~~amor~~ amor de Mãe e pra família com o coração sempre sorrindo. Esperando no Senhor, que o mais ELE fará no meu caminho. A justiça é a de Deus, ELE sabe de tudo e eu nada sei, só sei que ELE sabe realmente o motivo, o porque, têm coisas que o ser humano condena sem entender, pode ser que também aqui se faz aqui se paga, nem sempre a justiça do homem é falha, nem nisso me apeguei e valor a silbrendade não dei, tanto espiritual como material, é o que realmente têm valor e vale a pena, não valenzei e desperdizei. Então preste atenção de valor as coisas simples tipo a educação e a emoção a lógica aquela mas o bom é pensar com o coração, aceitar e respeitar cada decisão porque tudo tem um porque, porque questionar então.

Fonte: Mandacaru 09.

ANEXO P - Conselhos para mim 05

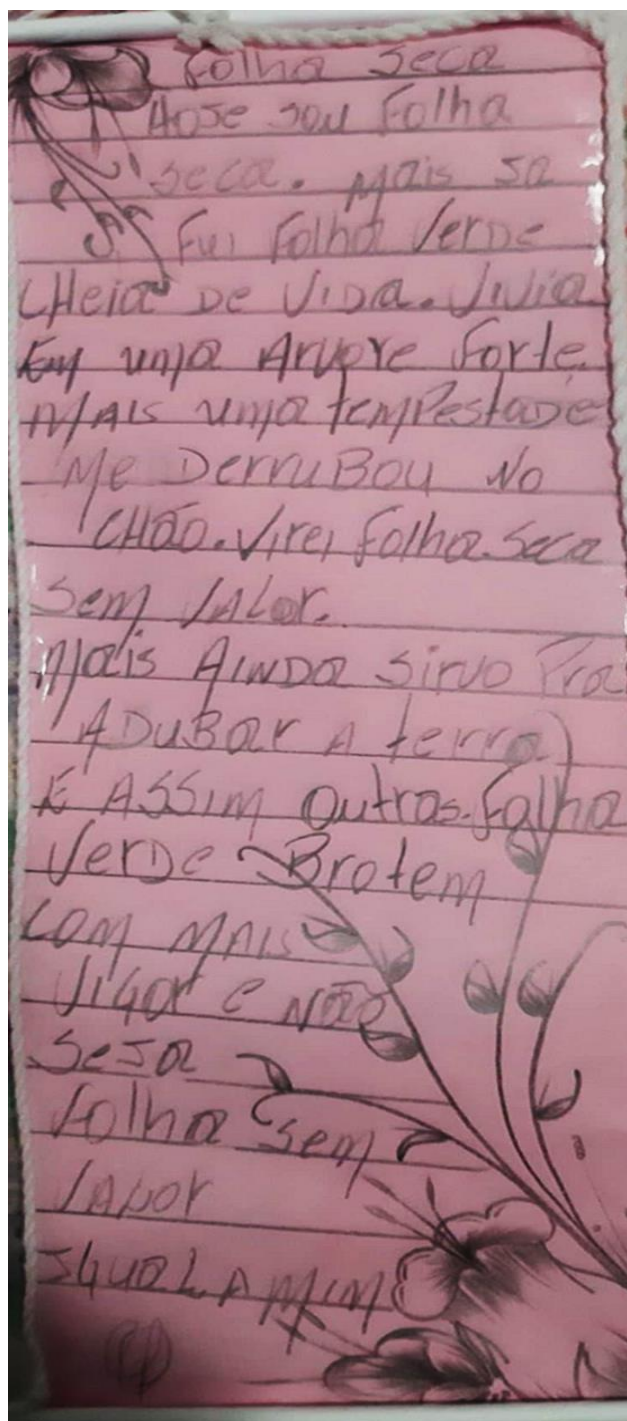
matéria: Geografia

Carta Para mim mesmo

Oi como vai lá, espero que esteja bem. Tenho tanto para fazer, sua viagem sua bar, um pouco triste e controlada. meu pai logo se recuperou, a mãe que vem pra bem vir, sua ótima irmã nasceu. Pai vai ver verdadeiramente quem é seu pai, depois disso vai preparar um pequeno problema de saúde, jogue em pag que logo vai voltar a cuidar normalmente. não se abate pois alguns anos depois vai ter outros problemas de saúde, até o primeiro joga tranquilo. vai se tornar um ótimo matemático como vai sempre lembrar, para disso sua fragorão e se tornar em 2020 um exemplo traste, joga na praça ali final de 2022 quando a vida chegou a vitória da conquista, isso não é tão importante e fragorão como o ano de 2024, o ano do nascimento de meu filho, custo muito muito. Hage com saúde e se dirige ao, agora vai ser um pai bonito como seu Archido sempre foi com você, vai ser um vitória, porque por muita coisa, vai superar muitas dificuldades, deu um te. Livro de vários acidentes, vai sempre se lembrar com "obras", além, vai sempre lembrar por lutar mais vai lembrar a Deus e de todos ele te lembrava tá? Olha em Agosto de 2019 vai lembrar por uma parte muito digital, talvez a mais digital de toda sua vida. Não temar pois vai lembrar de Deus tá? Deus tem um propósito em sua vida e vai se lembrar na presença, como irmã como sempre sua unido a vai cada vez mais e em tudo ele estava com você. "Donna estela" não se joga, ali é uma guerreira viu! Não se preocupe com sua passagem pelo Pueritio não em pag, vai para a obra de Deus e Planície novamente na qual colhará com gosto, joga por alguns meses mais Deus estava

Fonte: Mandacaru 10.

ANEXO Q - Texto da epígrafe



Folha seca
 Anse sou Folha
 seca. Mais se
 fui Folha Verde
 cheia de vida. Julia
 em uma Arvore forte,
 mais uma tempestade
 me derrubou no
 chão. Virei Folha seca
 sem valor.
 mais Ainda sirvo pra
 adubar a terra
 É Assim outras Folha
 verde Brotem
 com mais
 vigor e não
 se seque
 Folha sem
 valor
 Shua Lamin

Fonte: Mandacaru 15.

ANEXO R - O Bilhete

1º) THETCHER, Tem algumas que nós não falamos aqui porque tem duplo sentido, quando alguém fala os outros ficam tirando o sarro e gozando da cara de quem falou se a senhora quiser, a senhora me escreve um bilhete e me entrega discretamente junto com a tarefa e o que mais a senhora quiser saber sobre minha convivência aqui. Podemos nos comunicar dessa forma sem ninguém saber, posso continuar fornecendo conteúdo p/ suas pesquisas, até histórias que dar pra senhora escrever um livro. mesmo em concluindo sua matéria, vou continuar as como ouvinte das suas aulas. não posso falar abertamente contigo na frente de todos pra até isso

2º) É um problema aqui, os outros ficam com ciúmes e podem fazer me prejudicar. Se vc não quiser não precisa escrever nada, vou entender o recado. Fica em paz e que o nosso senhor te abençoe grandemente!!... De qualquer forma raila que a senhora tem um amigo aqui! até a minha história de vida dar um livro! KKKK... HA se tiver alguma palavra que a senhora não entender em que contexto agente usa a senhora escreva tb. que eu faço um resumo pra senhora por escrito e te entrego discretamente.

ANEXO S - Relato da fotografia

O primeiro ponto, que me chamou a atenção, que me chama a atenção, e que eu acho interessante falar, é em relação à distância, né?

Da localização do presídio, do tempo que a gente leva para chegar lá.

Como é distante do meio urbano!

E quando a gente vai chegando lá perto, tem aquela questão da vegetação, né?

E aí vem aquela sensação fortíssima da gente está longe de tudo. Longe do mundo e que presídio é um pontinho ali no meio do nada. E eu entendo, fruto das leituras que a gente já fez. Eu entendo que sim, que o interno ele é, ele está ali, privado de liberdade por um tempo. Mas, que ele não está privado dos outros direitos que lhes cabem.

É, mas eu tenho a sensação assim, ele foi arrancado literalmente da sociedade está ali à margem, não é? E ninguém lembra do presídio, a não ser quando a gente passa perto da região. Está indo ali, né? Para Barra do Choça ou voltando, é que a gente lembra ah tem presídio!? Mas fora isso, ninguém lembra onde é que esse pessoal está. É, eles estão ali esquecidos, varridos para baixo do tapete. É a sensação que eu tenho, não é?

E a partir do momento em que o interno ele está ali no presídio.

E?

Deve ser feito, né? Todo um processo de ressocialização.

Que para mim, contradiz essa primeira. O primeiro ponto que eu te falei, não é?

Primeiro, eles foram retirados. Não estão privados de liberdade, estão à margem da sociedade, esquecidos!

E quando eles saírem de lá, eles serão reinseridos.

Nesta sociedade, que até então não se lembrava deles.

E aí, adentrando não é o presídio.

A instituição, eu diria que é um ambiente, é ele já é por si só um ambiente tenso.

Fato!

Mas por parte, assim, dos funcionários, eu também diria que é bem frio, sabe?

Quando você fala quem é você, o que você foi fazer lá, parece que é que é uma dureza pior. Quando a gente saiu da sala dos professores levando os chocolates, as maçãs e o bolo eu percebi alguns olhares julgando a gente. Como quem dissesse que a gente estava passando a mão na cabeça deles ou que eles não merecem. Me lembre que teve alguém até que fez uma brincadeira sobre os chocolates, né?

É muito assim. Eu me sinto muito... É... Não sei, desencorajada.

A gente está ali fazendo um trabalho social que eu acho muito bonito, inclusive.

E?

O pessoal ali, os próprios agentes, não dão valor, não, eles não reconhecem. Eles não validam. E se dependessem deles para aquilo existir, nada existiria. O trabalho do professor não existiria. Então a gente fica assim. Né?

Enfim, quando a gente chega na sala de aula.

Aí é... Existe a virada de chave.

Eh, mas foi bom!

E aí?

E?

Apesar da resistência não é, de alguns por não me conhecer.

De ficar assim no meio?

E apreensivo também por conta da Câmera que eu estava.

E eu percebi que muitos deles ficaram na primeira, inicialmente quietos, me observando.

E aí eu pensei, vou... eu preciso ganhar a confiança deles, né?

Eu vou mostrar as fotos que eu estou fazendo para eles.

E foi dessa forma que aconteceu.

Eu me lembro que teve um deles que ficou muito... muito assim.

É?

Esqueci a palavra.

Lembrei, teve um interno que ele ficou bem desconfortável.

Com um clique que eu fiz, pelo ângulo que eu estava, ele achou, pensou que eu teria tirado uma foto do rosto dele. E eu já me levantei e estava de cócoras, levantei mostrei a foto para ele. Só não saiu do teu rosto, viu? A gente aqui não tem intenção nenhuma de exportar vocês, a fotografia foi do pescoço para baixo e eu mostrei ele. Ele abriu um sorriso de todo tamanho, falou não, não, eu acredito na senhora. Agora eu acredito na Senhora!

E a partir dali fluiu, sabe?

É, me emocionei algumas vezes durante sua aula.

E porque a gente percebe a importância, a gente sabe que o trabalho do professor é importantíssimo dentro do ambiente prisional, então, nem se fala, mas a gente só sente de verdade assim, o coração vibra na hora que a gente está lá dentro, na hora que a gente vê o olhar deles.

E?

Tem o comportamento deles, não é?

Teve alguns que falaram que me emocionaram muito.

Eles dizendo oh, professora falando para você. A Senhora não sabe o valor que isso aqui tem para a gente comer um bolo desse aqui para gente, nossa.

E Alegria não é, que eles ficaram.

É como foi a injeção de ânimo! Aquela aula do início ao fim, a mensagem passada.

Eu sinto assim que todos eles estavam carentes de esperança. Então, assim para mim ficou com muito claro, sabe que é realmente isso que importa.

Aquela interação sabe do professor com aluno.

Na, nas condições que isso se dá, né? Dentro da prisão é... não tem assim como a gente descrever em palavras.

Quando a gente já estava já no finalzinho, juro para você, eu me esqueci completamente de onde eu estava. Para mim, era uma sala de aula como qualquer outra.

É porque eu te falei, não é? No início a prisão, ela é um ambiente tenso.

De natureza tensa, não tem jeito, mas é no decorrer das coisas ali para mim é... eu me esqueci completamente! E eu estava numa sala de aula comum.

E aí, Cristiane, durante sua aula e agora eu também gravando a entrevista eu me lembrei muito das leituras que eu fiz para produzir o meu TCC.

Né? O seu trabalho, vai ao encontro assim com muitas das leituras que eu fiz.

É porque a gente sabe que o professor no ambiente penal ele precisa enxergar o interno, não é? Para além do uniforme, para além daquele número que ele carrega.

Enxergar que ele tem é um ser, não é? Um ser cidadão.

É uma pessoa que tem uma história, uma vida. E que aquilo é um período de tempo?

Que ele vai passar.

E tudo o que ele viveu lá fora, é preciso ser levado em conta, não é? Então, o professor, ele não pode despejar conteúdo.

Em cima do aluno esqueceu do contexto, né?

Contexto, ele é ele que direciona tudo.

E eu me lembro que a aula acabou, porque o tempo é estou, né? O tempo acabou.

Mas se deixasse a gente tivesse tido mais tempo, a gente teria conversado muito mais. Teria havido mais troca.

Maior ainda de experiência, não é?

E me marcou demais. Aquele dia eu fiquei radiante assim.

É, eu amo.

Quando eu tenho que ir no presídio?

Eu sinto assim que.

Que o dia valeu, sabe?

Enfim.

E aí, Cris? Quando a gente sai, quando a gente saiu da sala de aula, vem de novo balde de Água fria, não é?

A gente pede ali o agente pra abrir uma porta.

E aí, de novo, os olhares.

Tudo de novo. Só que é diferente. A gente está com a bola cheio, superfeliz. A gente estava mega.

E aí eu diria que a saída.

De lá, é... dá para administrar melhor do que a chegada.

A chegada bem tensa, bem... bem mais tensa.

Oh, Cris se eu me lembrar de mais alguma coisa, eu te mando.



Mas se eu não falei algo que você acha importante, pode me perguntar aí.

Viu?

Que eu respondo, mais especificamente sua pergunta.

Boa noite.

ANEXO T - Autorização para pesquisa


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO (PPGEñ)
MESTRADO ACADÊMICO


Ofício nº 01/2022 Vitória da Conquista, 05 de julho de 2022.

Assunto: Autorização para realização de etapa da pesquisa de mestrado
 Para: Ilmº. Sr. Tenente Coronel Edmário José Britto
 Diretor do Conjunto Penal de Vitória da Conquista - Bahia

SEAP - CPVC
DIRETÓRIA
 - Ciente;
 - Autorizo;
 - Informar a
 Gen. Operacional
 Edmário J. B. Araújo - Ten Cel PM
 Matr. nº 30.233.771-5
 Diretor CPVC / SEAP

Ilustríssimo Senhor:

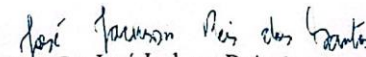
No contexto do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEñ), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Cristiane Carmo dos Santos, mestranda e docente no Conjunto Penal de Vitória da Conquista, desenvolve pesquisa sobre educação no cárcere cujo objetivo geral é analisar situações-limites e inéditos viáveis no processo de desenvolvimento de práticas curriculares em contexto de privação de liberdade.

No âmbito do projeto de pesquisa, há uma etapa de produção de fotografias, evidenciando o percurso e o cotidiano escolar vivido pela mestranda no Conjunto Penal. Pretendemos, se autorizado e com anuência dos internos, registrar também o espaço da sala de aula com a participação de alguns dos estudantes-internos. Havendo interesse e adesão, eles deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme orienta o Comitê de Ética de nossa instituição. Para realização desta etapa da pesquisa, indicamos o dia 08 de julho, no turno matutino.

Do exposto, solicitamos autorização para a fotógrafa Najara Ribeiro Pessoa Arruda realizar a referida produção fotográfica com uso da câmera fotográfica modelo Canon T5i, sob orientação e acompanhamento da mestranda Cristiane Carmo dos Santos, pesquisadora sob nossa orientação.

Certos de contar com apoio e colaboração, agradecemos.

Atenciosamente,


 Prdf. Dr. José Jackson Reis dos Santos
 Docente do PPGEn/UESB
 Orientador